



EXPOSIÇÃO 10 ANOS
Leituras de Mundo em Leituras da Vida
NA OBRA DE PAULO FREIRE



O PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL DO INSTITUTO
FEDERAL DE EDUCAÇÃO CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO NORTE
APRESENTA

EXPOSIÇÃO 100 ANOS
Leituras de Mundo em Leituras da Vida
NA OBRA DE PAULO FREIRE



Presidente da República
Jair Messias Bolsonaro

Ministro da Educação
Milton Ribeiro

Secretário de Educação Profissional e Tecnológica
Tomás Dias Sant'Ana



Reitor
José Arnóbio de Araujo Filho

Pró-Reitor de Pesquisa e Inovação
Avelino Aldo de Lima Neto

Pró-Reitor de Ensino
Dante Henrique Moura

Pró-Reitora de Extensão
Denise Cristina Momo

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação
Profissional (PPGEP-IFRN)
Ana Lúcia Sarmiento Henrique

Comissão Organizadora

Ana Lúcia Sarmiento Henrique
Ilane Ferreira Cavalcanti
Larissa Maia de Souza
Lenina Lopes Soares Silva
Marta Mariane Ferreira Gomes de Souza

Capa, Projeto gráfico e Diagramação

Marta Mariane Ferreira Gomes de Souza



Contato

Endereço: Av. Sen. Salgado Filho - Tirol, Natal-RN
CEP: 59015-000

Disponível para download em:

<https://portal.ifrn.edu.br/ensino/ppgep>

SUMÁRIO

1

PAULO FREIRE
SER NO MUNDO...(6)

2

LEITURAS DE MUNDO
EM LEITURAS DA VIDA...(19)

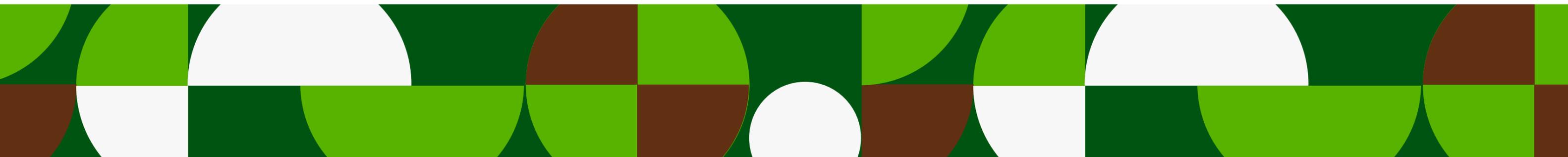
3

PAULO FREIRE,
PRESENTE!...(82)



1

PAULO FREIRE
SER NO MUNDO



PAULO FREIRE - NOTA BIOGRÁFICA

POR ILANE FERREIRA CAVALCANTI

Paulo Reglus Neves Freire nasceu em Recife/PE em 19 de outubro de 1921. Filho de Joaquim Temístocles e Edeltrudes Neves Freire. O pai, capitão da Polícia Militar; a mãe, dona de casa. Paulo Freire retoma com carinho, em vários de seus livros, a sua infância em Recife, o jardim e quintal onde brincava.

A velha casa, seus quartos, seu corredor, seu sótão, seu terraço - o sítio das avencas de minha mãe -, o quintal amplo em que se achava, tudo isso foi o meu primeiro mundo. Nele engatinhei, balbuciei, me pus de pé, andei, falei. Na verdade, aquele mundo especial se dava a mim como o mundo de minha atividade perceptiva, por isso mesmo como o mundo de minhas primeiras leituras (FREIRE, 1989, p. 9)

As memórias são palco de suas reflexões e abrem espaço para aprendizados e novas experiências. O menino Paulo perdeu o pai muito cedo e a família enfrentou dificuldades financeiras. Diante disso, sua mãe pediu ajuda ao diretor do Colégio Oswaldo Cruz, onde ele estudava, que garantiu um trabalho para o adolescente, tornando-o auxiliar de disciplina, o que lhe garantiria matrícula gratuita nos estudos. Mais tarde, já formado em direito pela Universidade de Recife, ele se tornaria professor de Língua Portuguesa na mesma escola.

Casa-se em 1944 com a educadora Elza Maria Costa de Oliveira, com quem teve cinco filhos e permanecerá casado até 1986, quando ela falece, vítima de infarto. Paulo Freire indica a importância do apoio da esposa não só quando decide abandonar a advocacia (ainda no início da prática profissional, para tornar-se também educador, mas quando desenvolve suas experiências dentro e fora do Brasil. O apoio da companheira foi fundamental, diz ele, que deixou definitivamente a advocacia tendo ouvido de Elza: “Eu esperava isto, você é um educador”. (FREIRE, 2008, p. 18).

Pouco tempo depois, Paulo Freire assume como diretor do Departamento de Educação e Cultura do Serviço Social da Indústria (SESI) no estado de Pernambuco. onde permanece de 1946 a 1959 e desenvolve a alfabetização de trabalhadores. Em 1959 foi aprovado em processo seletivo para ocupar a cadeira de História e Filosofia da Educação na Escola de Belas Artes da Universidade de Recife. Para a cátedra, apresentou à banca a tese Educação e Atualidade Brasileira. Em 1961 viveu a experiência de dirigir o Departamento de Extensões Culturais da Universidade de Recife, realizando também experiências de alfabetização popular. Tudo isso foi fundamental para sua experiência de 40 horas de alfabetização de trabalhadores em Angicos/RN, em 1963.

Sua pedagogia desenvolvida junto a trabalhadores gerava não só a alfabetização, mas a conscientização, a consciência de classe. Suas experiências inspiraram o Plano Nacional de Alfabetização, que começou a ser encabeçado pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) ainda no governo de João Goulart. No entanto, as forças em conflito na época agravaram a situação política do país e a experiência de Paulo Freire gerou desconfiança pública do regime militar que tomou o poder. Em 1964, Paulo Freire é preso e, após 70 dias na prisão, parte para o exílio.

Seu périplo de exilado inicia no Chile, onde coordena projetos de alfabetização. Lá trabalhou para o Movimento de Reforma Agrária da Democracia Cristã e prestou serviço à Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação. Foi também convidado para ser professor na Universidade de Harvard nesse período.

No exílio, viajou por mais de 30 países fazendo consultoria educacional e implementando projetos de educação que visavam não só a alfabetização, mas a redução da desigualdade social e a garantia de direitos dos mais pobres. Publica, nesse ínterim, dois livros fundamentais para a compreensão de seu pensamento: Educação como prática de Liberdade (1967) e Pedagogia do Oprimido (1968). Este último só foi publicado no Brasil em 1974.

Ainda no exílio trabalhou como consultor especial do Departamento de Educação do Conselho Mundial das Igrejas e foi consultor em reforma educacional em colônias portuguesas na África, particularmente em Guiné-Bissau e em Moçambique. Dessa experiência nasce Cartas a Guiné-Bissau.

Retorna do exílio em 1980, quando a Lei da Anistia (1978) permitiu o retorno de exilados políticos ao Brasil. Passa, então, a lecionar na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Ainda em 1980 recebe o prêmio Rei Balduino para o Desenvolvimento. O primeiro de vários prêmios e títulos que receberá ao longo de sua vida. Publica, em 1981, Educação e mudança e, em 1982, A importância do Ato de ler em três artigos que se completam. Sua produção, portanto, é prolífica nesses anos de pré-abertura política no país.

Em 1986, mesmo ano em que perde sua esposa Elza, recebe o prêmio Educação para a paz da UNESCO. Paulo se integra cada vez mais à sua perspectiva educadora. Nesse processo, casa-se, em 1988, com a educadora Ana Maria Araújo (Nita), com quem permanece até falecer. Envolvido com a abertura política, ele assume, em 1989, a Secretaria de Educação do município de São Paulo, na administração de Luíza Erundina (1989-1992). Exerce essa função até 1991, criando o Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos (MOVA), um modelo de programa público de apoio a salas comunitárias de educação.

Em 1991 é fundado o Instituto Paulo Freire, atuante até hoje na divulgação de seu pensamento e de sua obra. Também recebe, neste mesmo ano, o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade Complutense de Madri. Serão mais de 40 títulos similares ao longo de sua biografia, recebidos de universidades nacionais e estrangeiras.

No ano seguinte, recebe o prêmio Andres Bello da Organização dos Estados Americanos como Educador dos continentes e publica Pedagogia da Esperança (1992). Um ano depois, publica também Política e Educação. Vem à público, depois, À sombra desta mangueira (1995) e Pedagogia da Autonomia (1997). A produção cessa abruptamente devido a um infarto que o acomete em 2 de maio de 1997, quando vem a falecer. Sua história, porém, não para nesse momento. Nita, sua viúva, ainda será responsável por publicar a produção que deixa inédita, caso de Pedagogia da Indignação, que vem a público em 2000.

Luíza Erundina é responsável por projeto, ainda em 2005, para reconhecer Paulo Freire como patrono da Educação Brasileira. Esse projeto de lei só foi sancionado em 2012, por meio da Lei nº 12.612/2012, pela então presidenta Dilma Roussef.



1941

1942

1962

1963



1941. Elza Maia Costa de Oliveira (1916-1986). Primeira esposa de Paulo Freire.



1942. Recife. Alunos do Colégio Oswaldo Cruz com professores e o diretor. Paulo Freire, professor de Língua Portuguesa, com 21 anos, é o primeiro da esquerda. Aluizio Araújo, diretor, é o primeiro da direita. Ana Maria Araújo Freire, filha do diretor e segunda esposa de Paulo Freire, com 9 anos de idade, é a primeira da 2ª fileira à esquerda.



1962. Um dos dez desenhos do pintor Francisco Brenand, encomendados por Paulo Freire para ilustrar "situações existenciais que possibilitam a apreensão do conceito de cultura". Instituto Paulo Freire

1962. Um dos dez desenhos do pintor Francisco Brenand, encomendados por Paulo Freire para ilustrar "situações existenciais que possibilitam a apreensão do conceito de cultura".



1963. Angicos, Paulo Freire em reunião com os monitores que participaram da experiência pedagógica que notabilizou o Método Paulo Freire. Instituto Paulo Freire

1963. Angicos, Paulo Freire em reunião com os monitores que participaram da experiência pedagógica que notabilizou o Método Paulo Freire.

1963

janeiro

abril

setembro



1963, janeiro, Angicos. Madalena Freire (1ª filha), segunda da direita para a esquerda, aos 16 anos participando de uma reunião de monitores.

1963. Janeiro, Angicos. Madalena Freire (1ª filha), segunda da direita para a esquerda, aos 16 anos participando de uma reunião de monitores



1963. Alfabetizando lendo a palavra geradora TIJOLO num Círculo de Cultura, em Sobradinho (DF), que fazia parte do Plano Nacional de Alfabetização do Ministério da Educação e Cultura, dirigido por Paulo Freire.

1963. Alfabetizando lendo a palavra geradora TIJOLO num Círculo de Cultura, em Sobradinho (DF), que fazia parte do Plano Nacional de Alfabetização do Ministério da Educação e Cultura, dirigido por Paulo Freire.



1963. 2 abril, Angicos. O presidente João Goulart (1º, no canto, embaixo, à direita) com os governadores Miguel Arraes e Aluísio Alves. O alfabetizando Antônio Ferreira (de pé e de branco) fala ao presidente em nome dos colegas durante a solenidade de fim da primeira turma de alfabetizados sob a orientação do educador Paulo Freire (no canto, em pé, de óculos).

1963. 2 abril, Angicos. O presidente João Goulart (1º, no canto, embaixo, à direita) com os governadores Miguel Arraes e Aluísio Alves. O alfabetizando Antônio Ferreira (de pé e de branco) fala ao presidente em nome dos colegas durante a solenidade de fim da primeira turma de alfabetizados sob a orientação do educador Paulo Freire (no canto, em pé, de óculos).



1963, setembro. Paulo Freire com o ministro da Educação, Paulo de Tarso Santos, falando ao Círculo de Cultura do Gama (DF). Sobre a mesa, o projetor de slides, movido à bateria, que hoje se encontra nos Arquivos Paulo Freire.

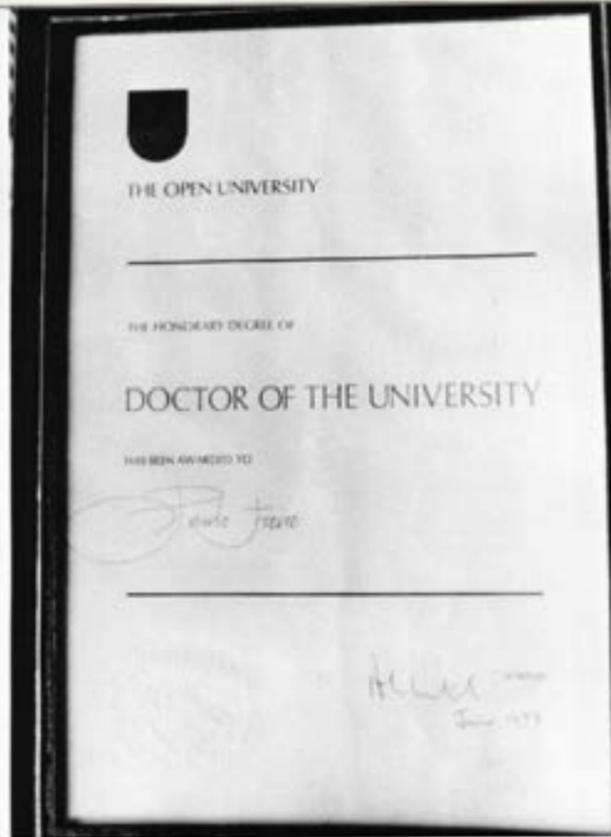
1963. Setembro, Paulo Freire com o ministro da Educação, Paulo de Tarso Santos, falando ao Círculo de Cultura do Gama (DF). Sobre a mesa, o projetor de slides, movido à bateria, que hoje se encontra nos Arquivos Paulo Freire.

1969



1969. Na Universidade de Harvard (EUA), Paulo Freire deixa crescer a barba, o que muda muito seu rosto. Motivo: o frio. Nenhuma razão político-ideológica.

1973



1973. Junho. Doutor Honoris Causa pela Open University de Londres.

1978



1978. Pequena comunidade pequena, na República Democrática de São Tomé e Príncipe, que escolheu como tema gerador a palavra bonito, nome de um peixe.

1978. Pequena comunidade pequena, na República Democrática de São Tomé e Príncipe, que escolheu como tema gerador a palavra bonito, nome de um peixe.

1979



1979. Manágua. Da esquerda para a direita: Hugo Assmann, Arturo Ornelas, Paulo Freire, Carlos Tunnerman, Ministro da Educação da Nicarágua, e Fernando Cardenal, Diretor da Cruzada Nacional de Alfabetização.

1979. Manágua. Da esquerda para a direita: Hugo Assmann, Arturo Ornelas, Paulo Freire, Carlos Tunnerman, Ministro da Educação da Nicarágua, e Fernando Cardenal, Diretor da Cruzada Nacional de Alfabetização.

1980

1983

1984

1986



1980, Campinas. Primeira visita de Paulo Freire ao CEDES, ao lado de Maurício Tragtenberg, Carlos Rodrigues Brandão e Moacir Gadotti.

Instituto Paulo Freire

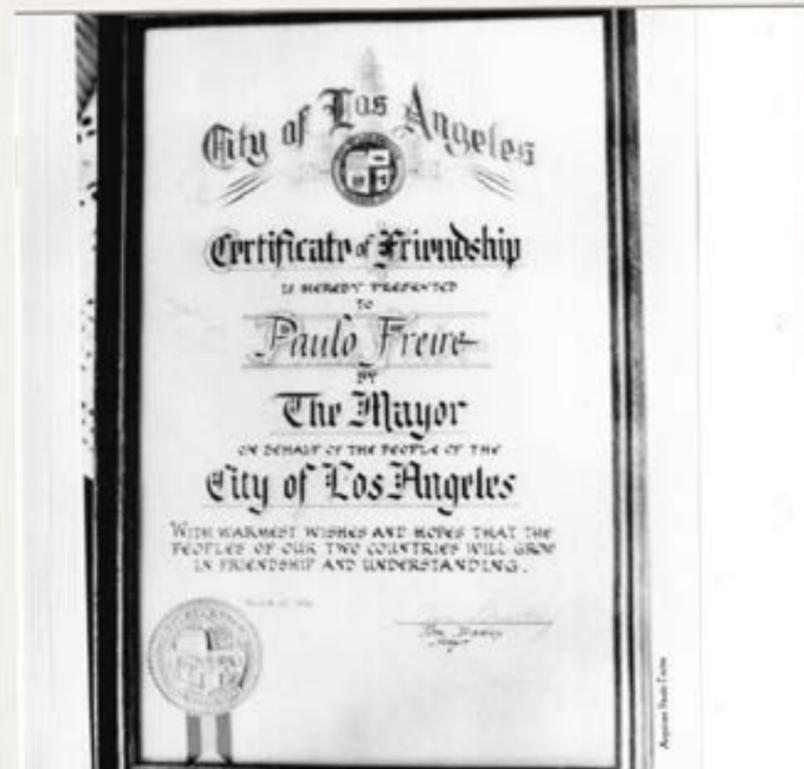
1980. Campinas, primeira visita de Paulo Freire ao CEDES, ao lado de Maurício Tragtenberg, Carlos Rodrigues Brandão e Moacir Gadotti.



1983. Paulo Freire e seu "fiel" pastor alemão, Jim.



1984. Dezembro, Professor Emérito da Universidade Federal de Pernambuco.



1986. Março, Título de Cidadão da Cidade de Los Angeles (USA).

1988

1989

1989

1989



1988, agosto. José Carlos Barreto e Vera Barreto aderiram ao VEREDA- Centro de Estudos e Educação, que trabalham com o método Paulo Freire desde 1962, e Celso de Rê Beisiegel, um dos primeiros grandes estudiosos de Paulo Freire, no casamento civil de Ana Maria e Paulo Freire.

Instituto Paulo Freire

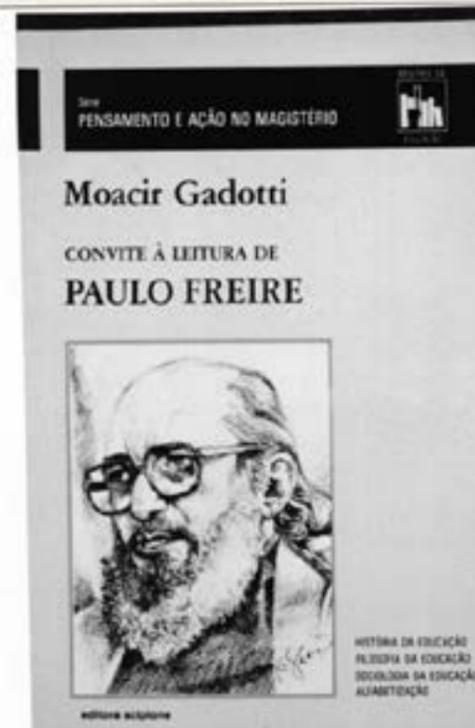
1988. Agosto, José Carlos Barreto e Vera Barreto (diretores do VEREDA- Centro de Estudos e Educação), que trabalham com o método Paulo Freire desde 1962, e Celso de Rê Beisiegel, um dos primeiros grandes estudiosos de Paulo Freire, no casamento civil de Ana Maria e Paulo Freire.



1989, março, em São Paulo, no Instituto Cajamar. Paulo Freire, Florestan Fernandes e Moacir Gadotti, na abertura do I Encontro Nacional de Educação do PT (Partido dos Trabalhadores).

Instituto Paulo Freire

1989. Março, em São Paulo, no Instituto Cajamar. Paulo Freire, Florestan Fernandes e Moacir Gadotti, na abertura do I Encontro Nacional de Educação do PT (Partido dos Trabalhadores).



Instituto Paulo Freire

1989. Lançamento da primeira biografia sobre Paulo Freire em Português: "um convite à leitura"



1989, janeiro, Bologna. Paulo Freire, Margherita Zucchi e Mario Lodi, recebendo o título de Dr. Honoris Causa da Universidade de Bologna, no ano em que esta completava 900 anos de existência.

Instituto Paulo Freire

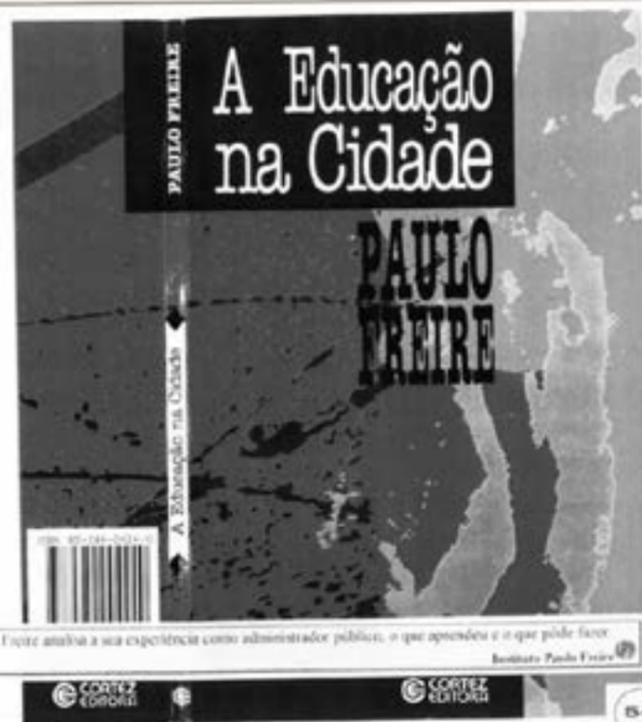
1989. Janeiro, Bologna. Paulo Freire, Margherita e Mario Lodi, recebendo o título de Dr. Honoris Causa da Universidade de Bologna, no ano em que esta completava 900 anos de existência.

1991



1991. Paris, Debate com o educador francês Bertrand Schwartz mediado por Yvon Minvielle.

1992



1992. Neste livro, Paulo Freire analisa a sua experiência como administrador público, o que aprendeu e o que pôde fazer.

1993

SBS/ASAS

Schweizerischer Berufsverband
der Sozialarbeitenden und Sozialpädagoginnen
Association suisse des assistants sociaux diplômés
et des éducatrices spécialisées

Industriestrasse 76
Postfach, 8000 Zürich 21
Tel. 022 26 28 22
Fax 022 26 11 25

The Norwegian Nobel Committee
Strømsveien 39
N-0255 Oslo 2

Berne, 29th January, 1993

Nobel Peace Prize to Paulo Freire

Dear Sir, Madam,

Paulo Freire is known to many of our members as one of the greatest educators of our time and we especially admire his efforts for schooling directed towards a peaceful and more righteous society.

With regard to the importance of the freirian pedagogy not only in South America but also in our country and all over the world, we would be very delighted if the Nobel Peace Prize would be awarded to Paulo Freire.

Yours sincerely,
SWISS ASSOCIATION OF
SOCIAL WORKERS AND EDUCATORS

Nans Ettenberger

Copy to Instituto Paulo Freire, Caixa Postal 88.047,
07.389-970 - São Paulo - SP, Brazil

1993, janeiro, Suíça. A Associação de Assistentes Sociais recomenda o Prêmio Nobel da Paz a Paulo Freire.

1993



UNIVERSITÉ DE PAIX
UNIVERSITY OF PEACE
VIHOUSUNIVERSITIT
UNIVERSIDAD DE LA PAZ

Ramat, le 18 Janvier 1993

The Norwegian Nobel
Committee
Strømsveien 39
N-0255 OSLO 2
NOYDDE

REF : NF1901.1/318-C

Messieurs, Mesdames,

L'Université de Paix, fondée par DOMINIQUE FLEW, Prix Nobel de la Paix 1959, se permet de proposer le pédagogue brésilien Paulo Freire comme Prix Nobel de la Paix 1993. Paulo Freire a inspiré, dans le monde entier, un travail de base libérateur, et notre institution, en-fédération du Collectif Européen Coscientification, applique sa méthode depuis le début des années septante.

En vous remerciant d'avance de bien vouloir prendre en considération cette demande, je vous prie d'agréer, Messieurs, Mesdames, l'expression de mes sentiments distingués.

Prof. Manfred PETERO,
Président

1993, janeiro, Bélgica. A Universidade da Paz recomenda o Prêmio Nobel da Paz a Paulo Freire.

1993

1993

1993



KAIROS EUROPA
International Coordinating Office
Internationale Koordinationsbüro
Bureau international de coordination
Oficina internacional de coordinación

Regensburg 11 - D-93040 Regensburg, Tel. 09251/1714-1 Fax 19251/1714-1
Kaiserslautern - Bundesrepublik Deutschland 692 470180/33 (09251)

The Norwegian Nobel Committee
Brammenstrøket 19
18. Februar 1993

N - 0255 Oslo 2

Sehr geehrte Damen und Herren,

Ich schließe mich der Initiative derer an, die Paulo Freire zum Friedensnobelpreisträger vorschlagen. Ich begründe dies wie folgt: weltweit gesehen ist Paulo Freire sicher einer der wichtigsten Philosophen dieses Jahrhunderts. Er hat in einer Zeit der Militärdiktatur in Brasilien unter großen Leiden den Menschen eine Perspektive und Methodik der Befreiung und der Hoffnung gegeben. In unstillen Basisgruppen, Gemeinden, Bewegungen rund um den Erdball hat Paulo Freire durch seine Fähigkeit der Unterdrückten Menschen zu einer geschickten Strategie statt zur verwerflichen Gewaltanwendung einwilligt.

Aber nicht nur in Ländern Afrikas, Asiens und Lateinamerikas hat seine Arbeit grosse Früchte getragen, auch in unserer europäischen Initiative von Basisgruppen der Gesellschaft und Solidaritätsgruppen sowie Gemeinden und Kirchen haben wir begonnen, mit der Methodik Paulo Freires Menschen, die zunehmend gewalttätig gegenseitlicher Abneigung, zu einer Sammlungsbewegung zu verbinden. Wir würden es sehr begrüßen, wenn Sie den Friedensnobelpreis 1993 an Paulo Freire verliehen würden. Sie würden gerade in einer Zeit der Spaltung der Gesellschaften in arm und reich und zunehmenden Sozialabbau den an den Rand gedrängten Menschen Mut geben, gemeinsam für Demokratie und Gerechtigkeit einzustehen, ohne das soziale und ethnische Erbe aller Kontinente überzählt und zerstört.

Mit vorzüglicher Hochachtung

Dr. Ulrich Dauteriv

1993, fevereiro, Alemanha. A ONG Kairos Europa recomenda o Prêmio Nobel da Paz a Paulo Freire.

Instituto Paulo Freire

1993. Fevereiro, Alemanha. A ONG Kairos Europa recomenda o Prêmio Nobel da Paz a Paulo Freire



1993. Angicos, 30 anos depois. Usando um "chapéu de couro" típico do nordeste brasileiro.



1993, agosto, Angicos (RN). Reencontro, 30 anos depois, com o alfabetizando Antônio Ferreira. Atrás, Marcos Guerra, Secretário Estadual de Educação do Rio Grande do Norte, que, em 1963, era um dos Coordenadores dos Círculos de Cultura.

1993. Angicos (RN). Reencontro, 30 anos depois, com o analfabetizando Antônio Ferreira. Atrás, Marcos Guerra, Secretário Estadual de Educação do Rio Grande do Norte, que, em 1963, era um dos Coordenadores dos Círculos de Cultura.

1994

1995

1995

1996



1994. Setembro, Jantar no restaurante típico nordestino "Andrade", após a I Reunião Plenária do Instituto Paulo Freire. Da esquerda para a direita: Ana Maria Freire, Paulo Freire, Rosa M. Torres, Antônio J. Manfio, Livia de Tomazzi e Moacir Gadotti. Acima, da esquerda para a direita: Ângela A. Cieski, Paulo R. Padilha, Carlos Alberto R. Alves e José E. Romão.



1995. Lança À sombra desta mangueira



1995. Ângela Nunes Cieski e Paulo Roberto Padilha, membros do Instituto Paulo Freire, na biblioteca de Paulo Freire pesquisando para o livro Paulo Freire, uma bibliografia (Cortez/IPF-1996).



1996. Abril, Paulo Freire autografando o livro Paulo Freire: uma bibliografia no Memorial da América Latina em São Paulo.

1996

agosto

setembro



1996, agosto. Paulo Freire, com sua esposa Ana Maria e sua secretária Lilian Contreira, recebendo, no IPF, os educadores Donaldo Macedo e James Fraser.

71

1996. Agosto, Paulo Freire, com sua esposa Ana Maria e sua secretária Lilian Contreira, recebendo, no IPF, os educadores Donaldo Macedo e James Fraser.



1996, Agosto. Ao fundo, quadro do pintor Tone. Paulo Freire recebeu-o de educadores populares brasileiros e doou ao IPF.

1996. Agosto, ao fundo, quadro de pintor Tone. Paulo Freire recebeu-o de educadores populares brasileiros e doou ao IPF.



1996, setembro. Paulo Freire comemorando o seu último aniversário, 75 anos.

Instituto Paulo Freire

74

1996. Setembro, Paulo Freire comemorando o seu último aniversário, 75 anos.



1996, setembro. Paulo Freire, Ana Maria Freire e Maria Stella S. Graciani (2ª à esquerda, embaixo), com integrantes do Núcleo de Trabalhos Comunitários da PUC-SP, que desenvolve projetos inspirados nos princípios freireanos.

Instituto Paulo Freire

74

1996. Setembro. Paulo Freire, Ana Maria Freire e Maria Stella S. Graciani (2ª à esquerda, embaixo), coordenadora do Núcleo de Trabalhos Comunitários da PUC-SP, que desenvolve projetos inspirados nos princípios freireanos.

1996

1997



1996. Novembro, USP. Paulo Freire participando do curso do professor Moacir Gadotti sobre "Pensamento Paulo Freire" aos alunos do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação

Instituto Paulo Freire

1996. Novembro, USP. Paulo Freire participando do curso do professor Moacir Gadotti sobre "Pensamento Paulo Freire" aos alunos do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação.



1997, abril. Lançamento do último livro de Paulo Freire: *Pedagogia da Autonomia: A ética, a estética e a política como exigências do ensino-aprendizagem*

Instituto Paulo Freire

1997. Abril, Lançamento do último livro de Paulo Freire: *Pedagogia da Autonomia, A ética, a estética e a política como exigências do ensino-aprendizagem*.



1997. Paulo Freire recebendo nos Arquivos Paulo Freire os professores da Faculdade de Educação da USP, Jair Militão da Silva e João Pedro da Fonseca.

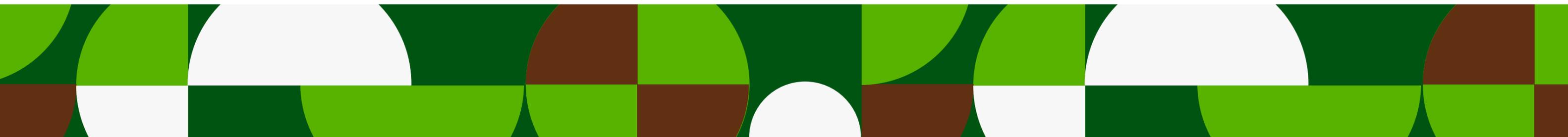
Instituto Paulo Freire

1997. Paulo Freire recebendo nos Arquivos Paulo Freire os professores da Faculdade de Educação da USP, Jair Militão da Silva e João Pedro da Fonseca.

A large, white, stylized number '2' is centered within a solid green square. The '2' has a thick, elegant, cursive-like font with a loop at the top and a tail that curves back to the left.

2

LEITURAS DE MUNDO EM
LEITURAS DA VIDA



INTRODUÇÃO

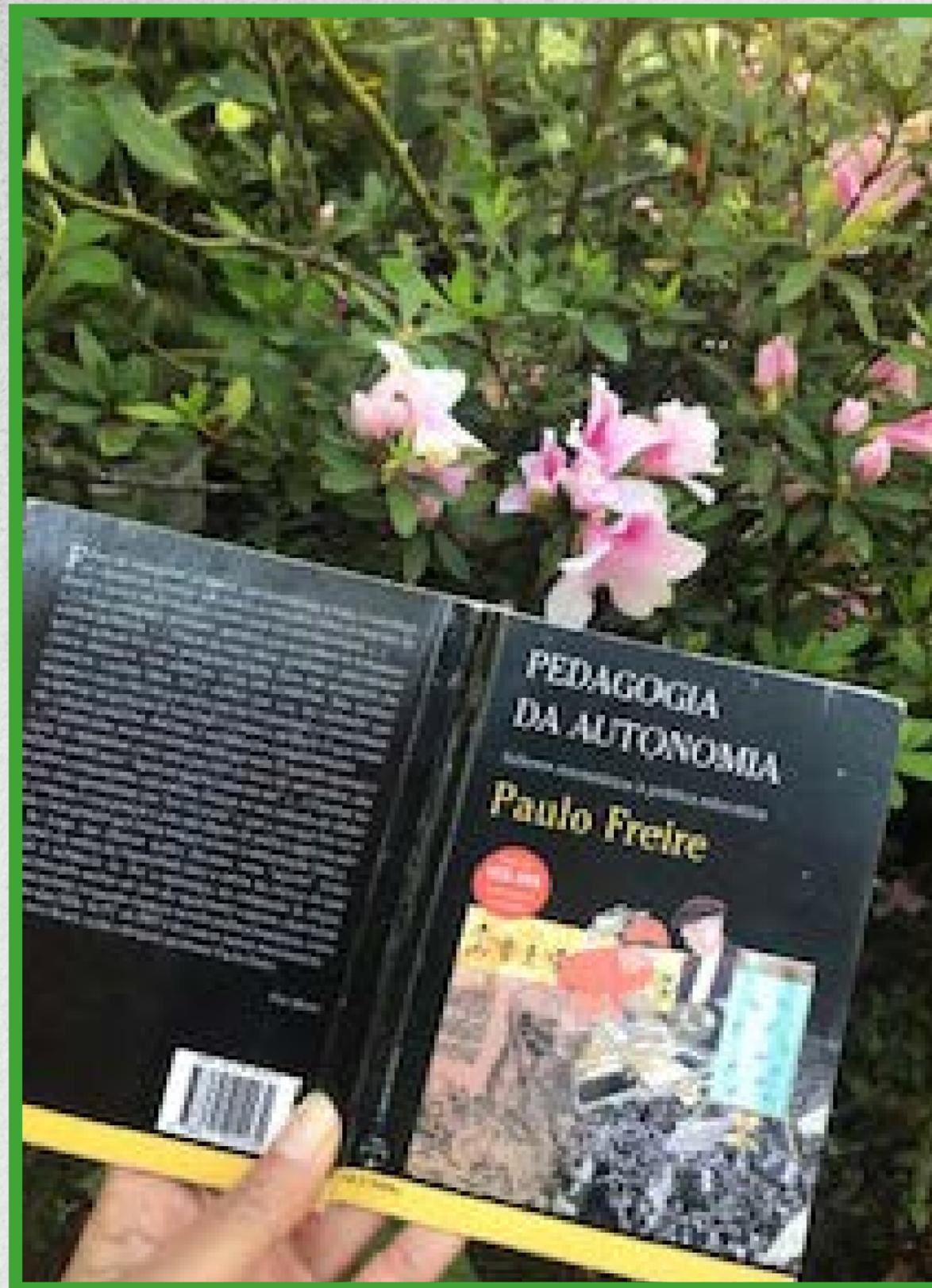
A exposição virtual Leituras de mundo em leituras da vida na Obra de Paulo Freire, além de celebrar o centenário do ilustre professor no ano de 2021, é uma homenagem à presença de seu pensamento para educação. A preservação do legado do Patrono da Educação Brasileira passa pela memória individual e coletiva dos que apreciaram suas obras e conheceram sua trajetória.

Em uma verdadeira celebração, a Exposição reúne fotografias acompanhadas de relatos emocionantes. Os participantes foram convidados a enviar uma foto segurando um livro que leram de Paulo Freire, uma foto com o próprio Paulo Freire, ou ainda, de algum evento que tenha participado com o educador. Desse modo, as memórias ganharam forma e vida abrindo espaço aos múltiplos olhares desses leitores, ressignificando as obras do autor e, em casos mais especiais, os momentos vividos com ele.

Convidamos todos a fazerem parte do resgate da trajetória e da obra de Paulo Freire através de diferentes olhares e perspectivas, mergulhando nos registros fotográficos e nas vozes dos colaboradores dessa Exposição.

Permitam-se memorar a obra de Paulo Freire!

As organizadoras



Créditos: Alana Pereira Lima

Sobre a responsabilidade da prática da docência

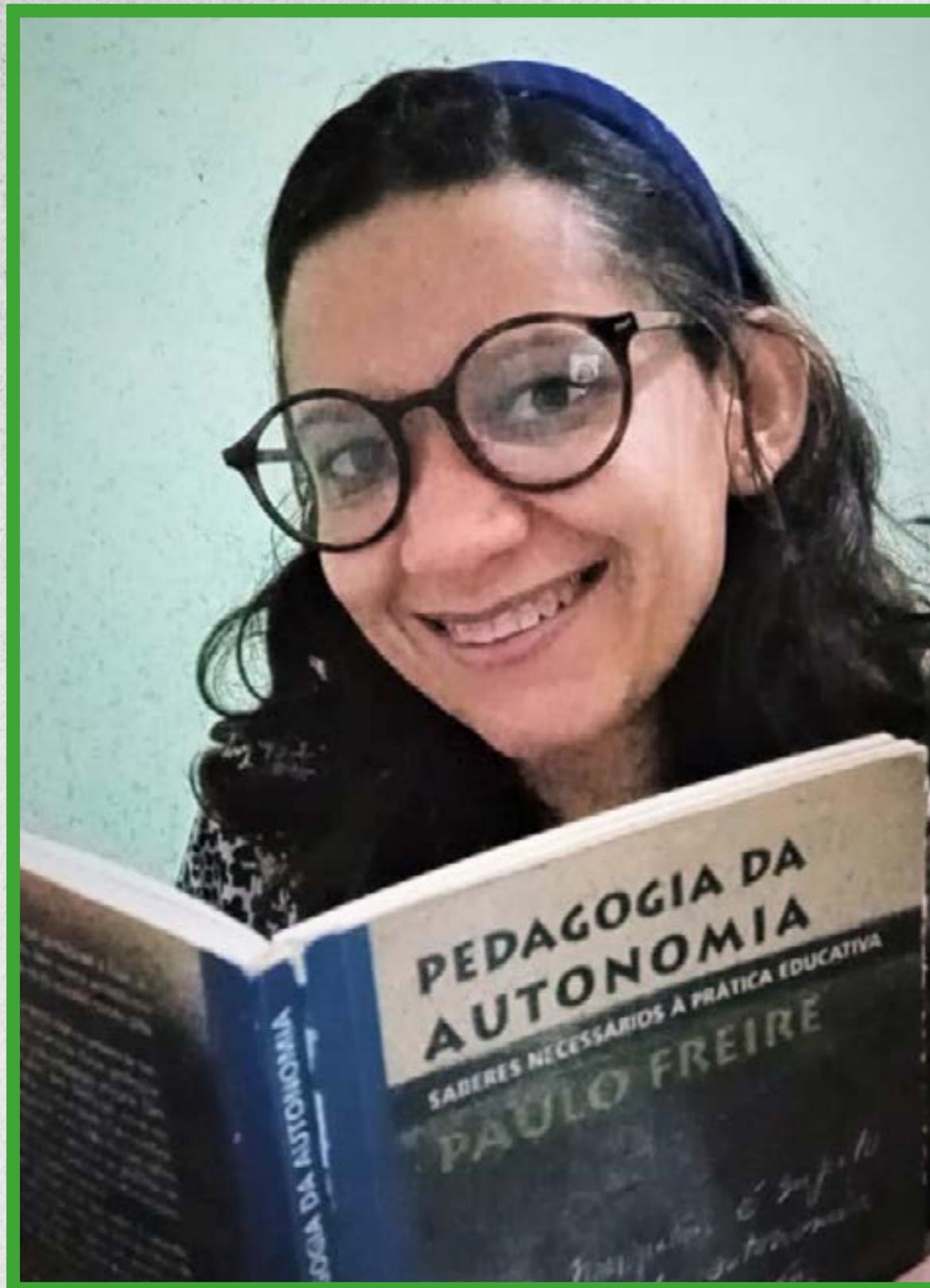
Lembro de, no primeiro contato com o livro “Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa”, sentir a responsabilidade de ser professora, porque Paulo Freire transmite nas linhas o quanto esse compromisso é maior ainda que o próprio compromisso da socialização do conhecimento em particular.

Lembro de me perguntar se eu era ética ao nível da conduta profissional que Paulo Freire defendia. Na verdade, ainda hoje, quando penso em como estou eu como professora, quando eu avalio meu trabalho, lembro das palavras de Paulo Freire como se chamassem a um constante zelo e a uma constante reflexão sobre a seriedade de toda prática relacionada à docência.

Do quanto é preciso trabalhar por um olhar respeitoso às alunas e alunos e da necessidade de rever constantemente o compromisso social que está implicado na docência. Talvez seja porque as palavras de Paulo Freire provoquem esse tipo de sentimento, de zelo e responsabilidade pela prática da docência, que ele é o patrono da Educação brasileira: pelo reconhecimento de sua autoridade, construída na sua história de vida de defesa da Educação e das pessoas que precisam que esse compromisso esteja fortalecido e fortalecendo-se.

Alana Pereira Lima

Professora | Mestranda em Educação - Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (PPGEP-IFRN).



Créditos: Alana Pereira Lima

Embaixo das mangueiras decodifiquei Paulo Freire

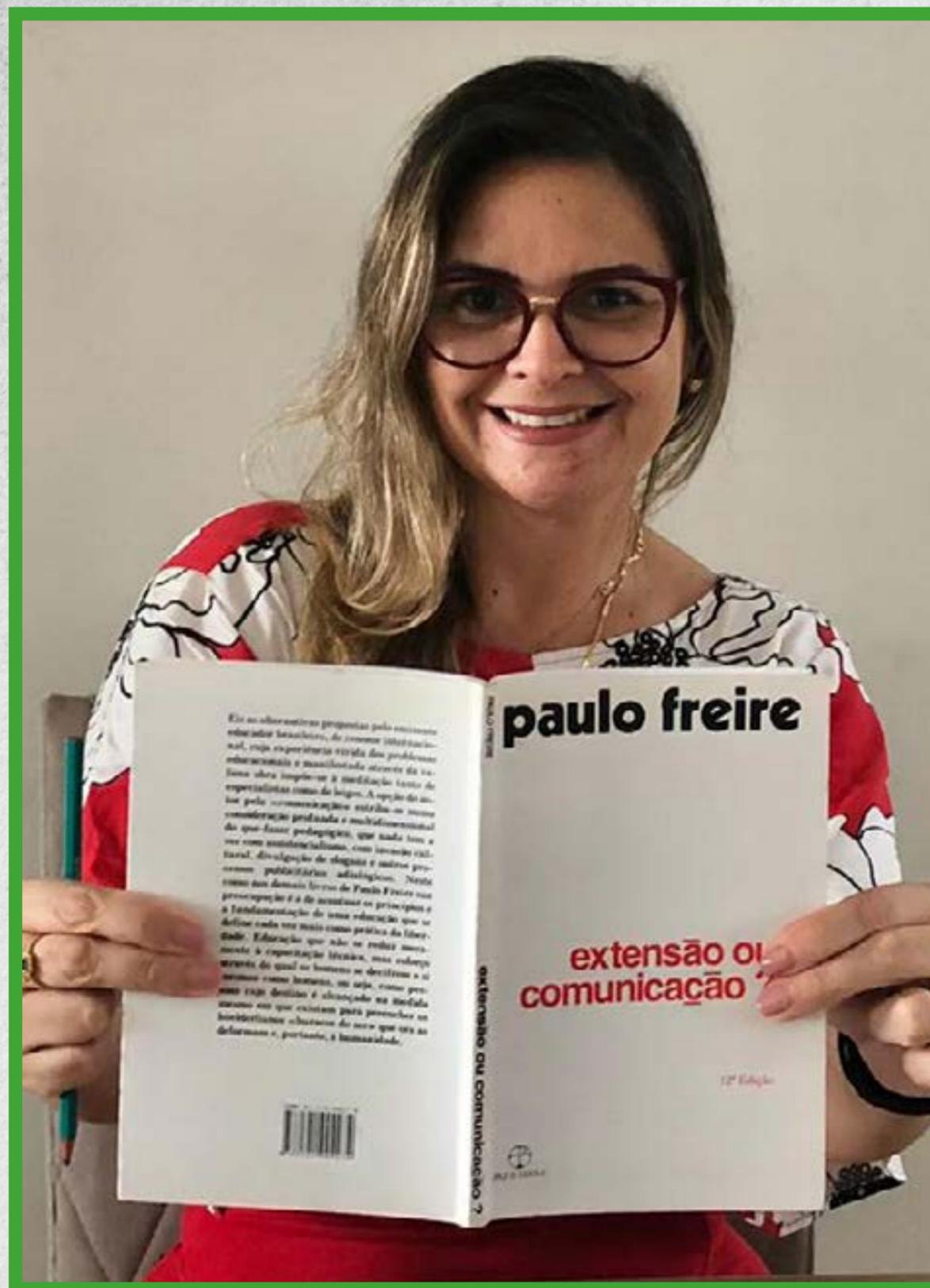
Fui apresentada com o Pedagogia da Autonomia no início da graduação em Pedagogia/UERN, no ano de 2010. Nessa época, eu realizava o percurso Apodi/RN-Mossoró/RN todos os dias.

Lembro-me que li o livro, vindo de Mossoró, no mesmo dia em que o ganhei. Ao descer a serra de Apodi/RN, eu já havia concluído a leitura e sentia-me extremamente provocada por dois motivos: o primeiro, por que algumas problemáticas me inquietaram fortemente, por exemplo, “história como possibilidade e não como determinismo”; o segundo, por que pareceu que Paulo Freire sabia como eu pensava pela maneira como discutia sobre uma prática docente humana, amora e ética.

Um ano depois, embaixo das mangueiras da UERN, reli o Pedagogia da Autonomia, dessa vez pelo viés da ciência e da filosofia, pois havia começado a plantar as flores no meu jardim. Nesse momento, Paulo Freire já era o meu mestre e me fazia entender que quem ensina também aprende, que uma relação alicerçada na exploração, no autoritarismo, sem o diálogo não pode ser legítima. O que Paulo Freire me ensinou, ensina-me até hoje, é que faço história e posso fazê-la diferente, pois ela não é determinada e sim construída, também, pelos oprimidos. O livro, como aparece na foto, está bem “surradiinho”, é um dos meus livros de cabeceira. Ele me faz ser melhor como pessoa e professora a cada dia.

Ana Paula Marinho de Lima

Pedagoga | Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (PPGEP-IFRN).



Créditos: Valdete Batista do Nascimento

Estudar, trabalhar e ficar comunicativo

A leitura do livro “Extensão ou comunicação?” de autoria de Paulo Freire, expoente da educação brasileira, é uma rica atividade para os estudiosos integrantes do campo da educação. O manuscrito reflete sobre a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

O meu contato inicial com a obra ocorreu no curso de graduação em Pedagogia que realizei na UFRN, nos anos 2000, mas, o contato mais consistente com as ideias do manuscrito tem ocorrido desde 2015 quando iniciamos a realização de projeto de extensão intitulado “Diálogos sobre Capital Cultural e Práxis do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN)” que tem no manuscrito mencionado a sua principal fonte de teorização.

Por que ler este manuscrito? Pois sua temática é imensamente necessária para a escola pública de qualidade social. Para Freire, as atividades de extensão devem ser entendidas como atividades de comunicação atenciosa e sensível com a sociedade. Consiste em proporcionar trocas de experiências, e com isso, levar o mundo acadêmico para fora dos muros, bem como, trazer a comunidade para dentro dos muros.

O livro nos impulsiona a ser pessoa solidária, dialógica e sensível. As suas estratégias argumentativas nos tornam perdidamente apaixonados pela extensão como práxis de comunicação!

Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares

Professora e Jornalista | Programa de Pós- Graduação em Educação Profissional do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (PPGEP-IFRN)



Créditos: Rayane Dayse da Silva Oliveira

Alfabetização libertadora

A obra de Paulo Freire é vasta e muito significativa, escolher um de seus textos é uma tarefa difícil em decorrência da relação sistêmica de seu pensamento, todavia, gostaria de destacar seu livro *Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra*, pela importância conceitual que aportou a minha prática docente, pois compreender a alfabetização como ação libertadora, uma vez que possibilita a compreensão dos fenômenos que permeiam a realidade, é extremamente relevante, tanto para a percepção de si no mundo, como pela relação com o outro que pode ser inclusiva (democrática), baseada em uma ética universal ou opressiva, quando busca a reificação das pessoas pelos imperativos do modo de produção predatório.

A relação entre leitura da palavra e leitura do mundo é importante, pois a educação não pode acontecer dissociada do mundo, dos acontecimentos e das pessoas. Paulo Freire nos fala da relação pensamento, palavra e mundo para compor uma pedagogia e um ambiente educativo emancipador.

Carlos Moisés de Oliveira

Professor | Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN)

É essencial que transcendamos os muros da escola

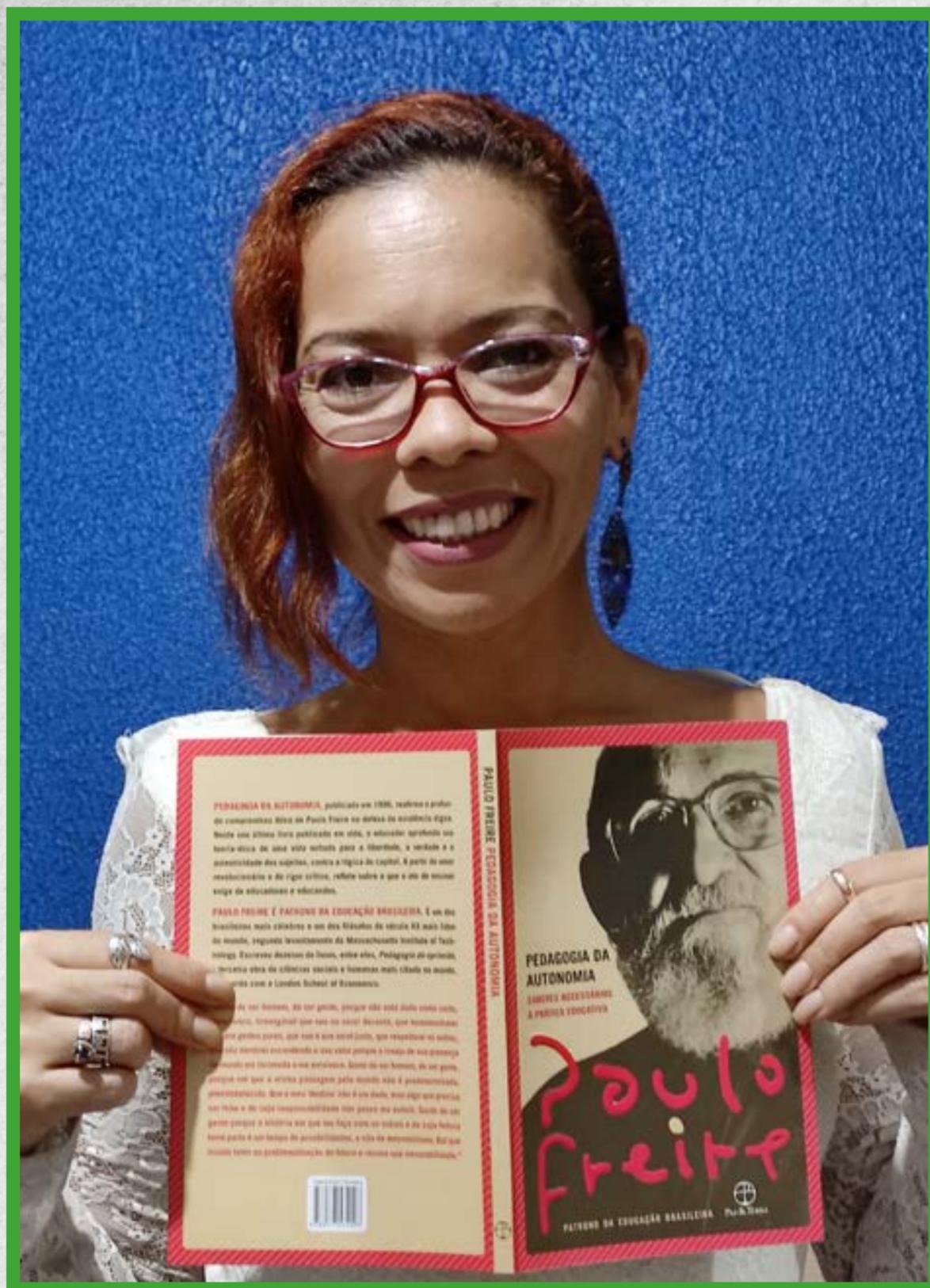
“Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa”, uma das obras-primas de Paulo Freire! O livro nos instiga a perceber, reconhecer e acreditar na necessidade da oferta de um ensino verdadeiro, amoroso, pautado no respeito e no reconhecimento da diversidade dos saberes dos sujeitos de direitos: os educandos.

Nos desperta para a oferta de uma prática educativa transformadora, que possibilite a construção de conhecimento que transcenda os muros da escola. Como Arte-Educadora, tenho minha prática educativa voltada, primordialmente, para a Educação de Jovens e Adultos (EJA) e senti que foi necessário ir além, no sentido de superar a ignorância, os estigmas, as barreiras, os preconceitos historicamente construídos acerca do componente curricular Arte e da oferta da EJA.

Nesta perspectiva, fundamento minha prática educativa alicerçando-a na pedagogia de projetos, consolidando-a na efetivação de processos colaborativos, criativos e libertadores, como propõe a concepção Freireana. Nesta obra, Freire nos diz que “não há docência sem discência”. Mas, também, que não há prática educativa sem trocas, sem ecologia de saberes (BOAVENTURA, 2007). É nisso que acredito: na possibilidade de sempre crescer, de aprender junto, sem hierarquização do processo; são esses preceitos que me move na condição de docente.

Claudete Gomes dos Santos

Professora | Secretaria de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia da Paraíba / Estudante IFRN



Créditos: Maria Clara Gomes Jeronimo



Créditos: Aurísio Guedes dos Santos

A importância da leitura de mundo

Sou inspirada por diversos livros de Paulo Freire, mas *Pedagogia do Oprimido*, mexeu muito comigo quando estudante na universidade no curso de história, minha primeira graduação e estudante de escola pública pude ver a leitura de mundo e das pessoas, se não, através das lentes da diversidade e na busca incessante pela solidariedade, empatia, amor, esperança e humildade.

É o que esse livro nos mostra e, procuro sempre aprimorar na minha profissão e também enquanto ser humano, essas práticas saudáveis de boa convivência. Acredito que a educação é um instrumento que tem como ferramenta fundamental o respeito, possibilitando a construção de uma sociedade menos desigual e que tenha como princípio o amor pelo próximo, o amor salva.

Todos os sujeitos são importantes para construção de uma sociedade, cada um de nós temos papéis sociais singulares que contribui nessa construção, somos sujeitos com nossa própria história. Este livro nos mostra o quanto podemos ser solidários uns com os outros.

E o quanto temos o poder de sermos generosos de forma mutua, só temos que aprender a ceder. Ceder é um ato libertador, afinal todos nós ajudamos a girar o mundo!

Claudia Freitas Góes

Professora e Pedagoga



Créditos: Cristiane Cruz

Amar é um ato de coragem

Com o tema “Experiências Educadoras: sujeitos, formação e práticas” o V Conedu - Congresso Nacional de Educação aconteceu em Olinda-PE em 2018 e apresentei meu primeiro trabalho sobre Extensão Universitária - fruto de meus estudos no mestrado acadêmico em educação profissional do PPGEP/IFRN.

Lá acompanhei como docente do IFRN estudantes que apresentaram trabalhos. Foi neste evento que aprimorei as discussões sobre Paulo Freire e pude perceber que era bibliografia obrigatória para minha dissertação, principalmente pelo livro “Extensão ou Comunicação?” de 1983 que posteriormente consegui a 1ª edição em um Sebo online.

Estudar Paulo Freire é obrigatório para qualquer professor que se importe com sua prática pedagógica, principalmente nestes tempos sombrios é nossa obrigação ofertar aos alunos não uma “educação bancária”, fria de significados, mas sim uma educação para a liberdade (do livro “Pedagogia do oprimido”), que sofre riscos no momento de necropolítica que enfrentamos atualmente - termo cunhado por Mbembe em seu texto icônico.

A frase que escolhi não à toa é uma frase que embasa minha prática em sala de aula e deve ser nosso sentimento de luta na atual conjuntura: É preciso coragem para amar! É preciso coragem para lutar.

Viva Paulo Freire! #VidaPãoVacinaEducação

Cristiane De Brito Cruz

Professora | Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN)



Créditos: Valdir Fotos

Convite apaixonado e intenso a todo profissional que aspira ser um educador crítico e autor do seu processo de formação e avaliação

Na obra “Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa”, Paulo Freire traz uma reflexão sobre a prática educativa na formação de docentes, numa abordagem educativo progressista, fazendo uma análise de saberes fundamentais, enumerados através de exigências de um ensino em favor da autonomia do educando.

A pedagogia da autonomia nos apresenta elementos constitutivos para compreensão da nossa prática docente enquanto dimensão social da formação humana. Porém, Freire nos adverte para a necessidade de assumirmos uma postura vigilante contra todas as práticas de desumanização. Em outras palavras, construir a autonomia dos educandos, valorizando e respeitando sua cultura e seu acervo de conhecimento empíricos junto à sua individualidade.

Essa obra é um convite apaixonado e intenso a todo profissional que aspira ser um educador crítico e autor do seu processo de formação e avaliação. Visto que o fio condutor dos três capítulos é o processo de formação do educador democrático, cujo objetivo, afinal, é a conquista de sua independência, como também a do aluno. O meu primeiro contato com o livro foi no curso de graduação em Pedagogia, esta obra abriu caminhos para a minha formação reflexiva e crítica, assim como para o repertório metodológico necessário para a prática educativa transformadora.

Dalvanira Domingos Faustino de Souza

Professora | Rede Municipal de Ensino



Créditos: Edinara Menezes

O “Eu” está em “Nós”

Voar para a liberdade não é sonho, quando resistimos e enfrentamos os medos (os nossos, primeiramente) e os dos outros. Meu primeiro contato com o manuscrito Pedagogia do Oprimido, de Paulo Freire, deu-se no curso Magistério. “Apropriei-me” das ideias do autor e elas me provocavam um despertar necessário. Sentia-me oprimida, não a opressão familiar, mas a opressão do mundo, da sociedade machista, ditatorial, contraditória.

Tinha medo de me libertar, de falar, expressar ideias e opiniões. Mas, era fundamental enfrentar os medos, concretizar sonhos e a liberdade (não qualquer liberdade). Segundo Freire, não poderia introjetar a “sombra” dos opressores em mim. Embora, ainda adolescente, era preciso vencer o medo, a acomodação, pois a profissão que buscava exigia o exercício do pensamento, da criticidade, da sensibilidade; não permitia receios, ânsias, medos: tornar-me-ia Professora.

A obra de Freire, permitiu-me enxergar até então, o invisível: primeiramente, foi preciso exorcizar nossos medos, para que pudéssemos possibilitar ao outro, superar os próprios. Processo de transformação que ocorre não de forma linear, mas num contexto permeado por crises e conflitos. Digo que superei (não todos)! Mas, fez-se necessário condensar uma prática humanizada, transformadora e formadora que resultou na existência de um novo mundo, não um mundo do “Eu”, mas o mundo do “Nós”.

Edinara Silva de Menezes

Professora | Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN)



Créditos: Edna Paz

***Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho, as pessoas se libertam em comunhão.
Paulo Freire***

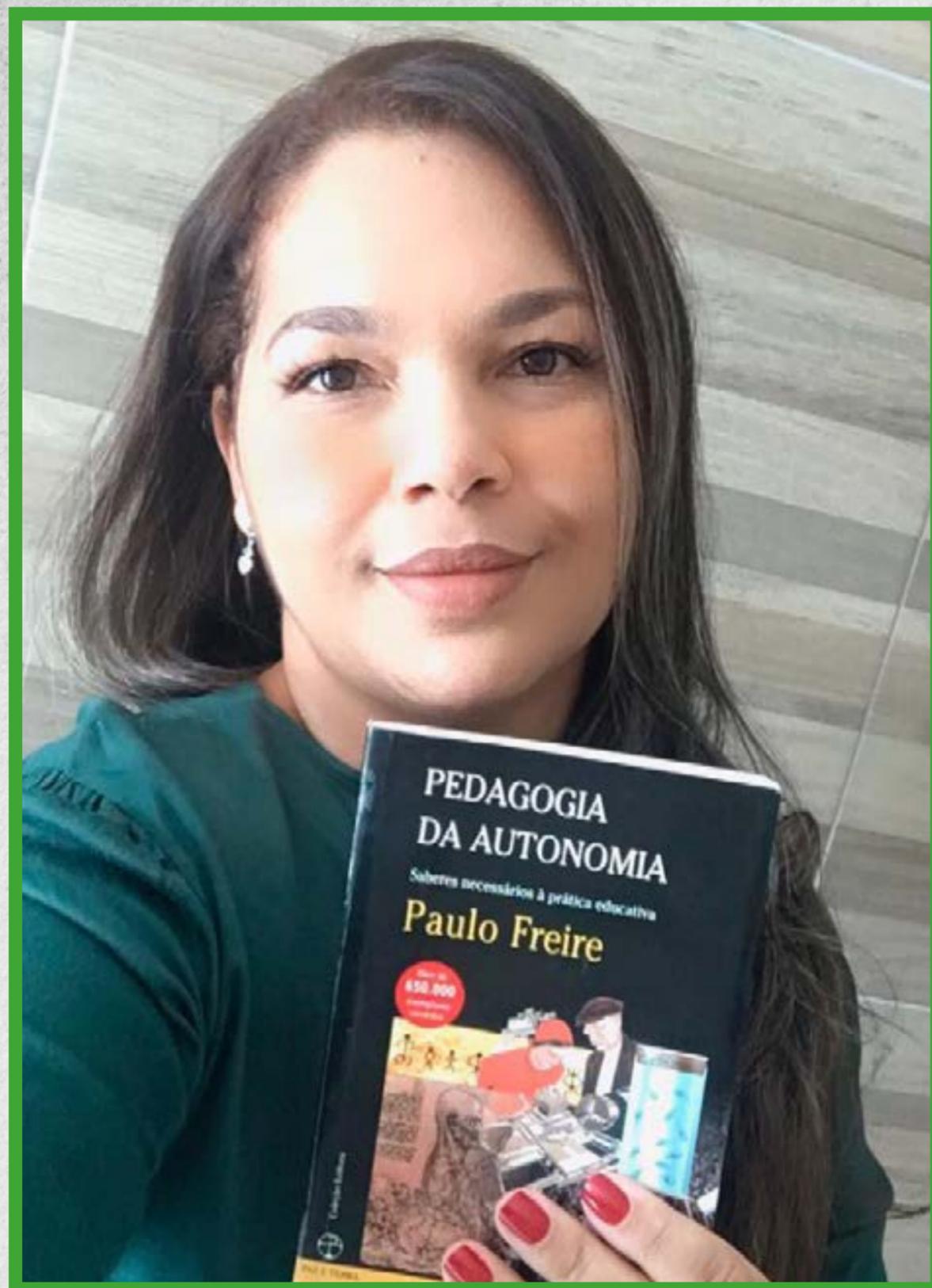
“Livro Pedagogia da Autonomia. Paulo Freire é uma extraordinária referência para os educadores do planeta. O livro Pedagogia da Autonomia se concentra em questões filosóficas e didáticas ao refletir sobre como construir a relação de troca de aprendizagens dentro e fora de sala de aula.

O livro toca o professor porque fala de problemas que são vivenciados no contexto de relacionamentos humanos com finalidade educativa. Ao questionar às práticas autoritárias, aponta para a potência da ação solidária ancorada no respeito e no desenvolvimento da autonomia do aluno.

Ao revelar sobre a potência da práxis criativa, corajosa e transformadora, auxilia os educadores a se manterem entusiasmados, esperançosos e crentes. Cumpre ainda lembrar que, o manuscrito advoga pela convivência afetuosa, pelo respeito mútuo, pelas ricas trocas de experiências e pela postura dinâmica e curiosa para que o ser humano aprenda em relacionamento com o outro. É uma obra que reflete sobre os processos de ensino e de aprendizagem significativa, transformadora e libertadora.

Edna Oliveira da Paz

Professora | Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN)



Créditos: Elza Galdino

Ensinar não é transferir conhecimento

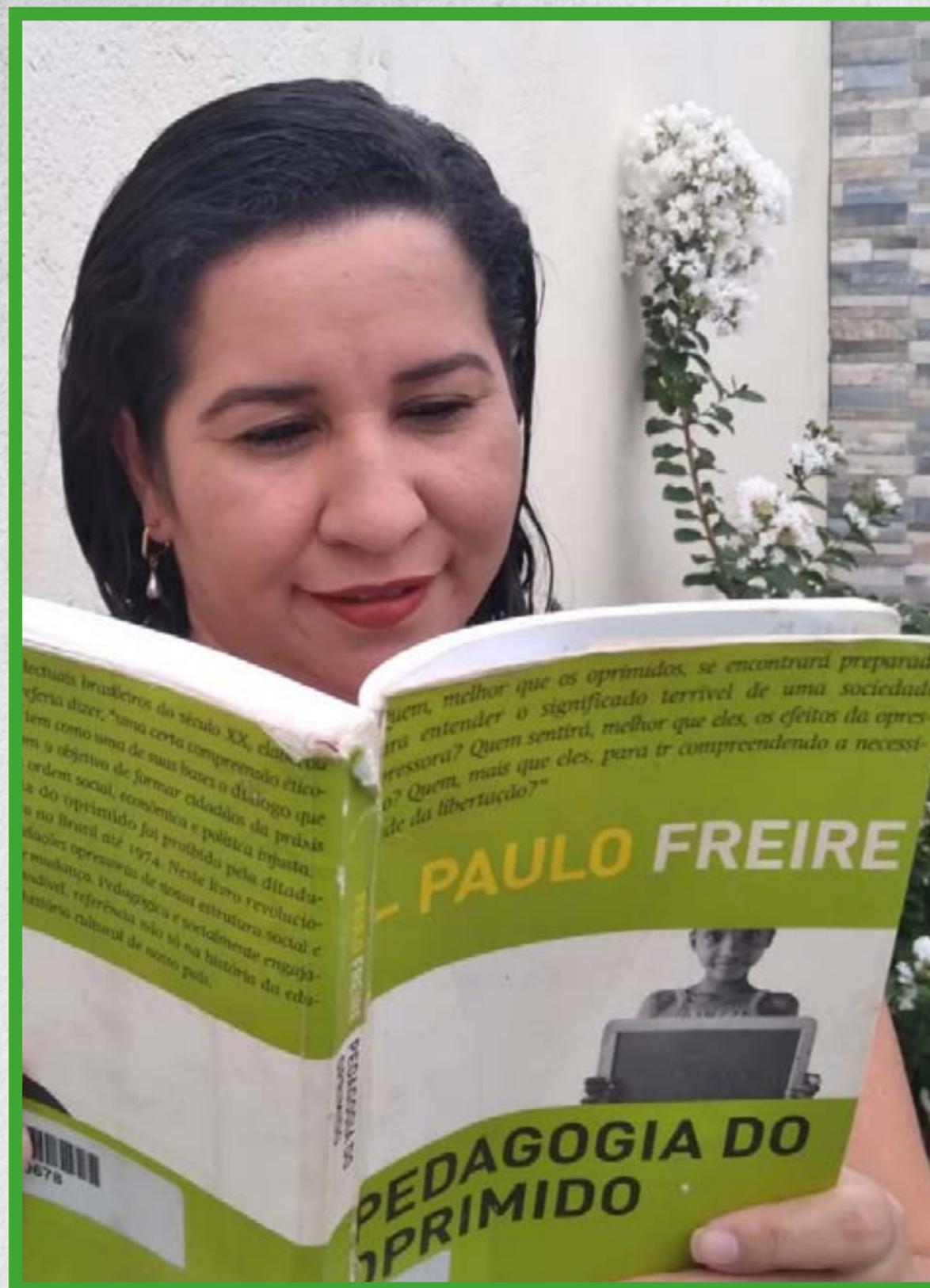
Algumas obras do educador Paulo Freire marcaram minha trajetória acadêmica e profissional. Destaco dentre as diversas leituras, as quais me fortaleceram como aluna do curso de Pedagogia e atualmente, como Pedagoga, “Pedagogia da Autonomia”, que oferece uma leitura prazerosa e enriquecedora acerca dos saberes necessários à prática educativa.

O livro consegue proporcionar ao leitor, de maneira clara e objetiva, tendo como foco a formação docente, uma viagem detalhada nos saberes fundamentais à prática educativo-crítica, e foi a partir do deleite desse manuscrito recheado de ideias, exemplos e vivências que me suscitou o desejo de aprender mais, de criar possibilidades, de me enxergar sujeito no processo ensino e aprendizagem e mais ainda, de entender que “ensinar não é transferir conhecimento”.

Ler Paulo Freire é apropriar-se de conhecimento. Ler Pedagogia da Autonomia é aprender a amar a vida, amar a educação, amar o educando, reconhecendo sua importância e autonomia, e, sobretudo amar o mundo, assim como Paulo Freire evidenciou com tanta sabedoria.

Elza Galdino de Oliveira

Pedagoga | Aluna especial em Educação do Programa de Pós-Graduação na Educação Profissional do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (PPGEP-IFRN)



Créditos: Abinoam Soares

Vida... Justiça... Libertação... Educação

O livro *Pedagogia do Oprimido* do magnífico autor e mestre da educação brasileira, Paulo Freire, é um dos manuscritos que mais inspira a minha vida profissional, enquanto Assistente Social, mestre em Educação Profissional e estudante especial do doutorado, sendo na pós-graduação que tive o primeiro contato com a obra.

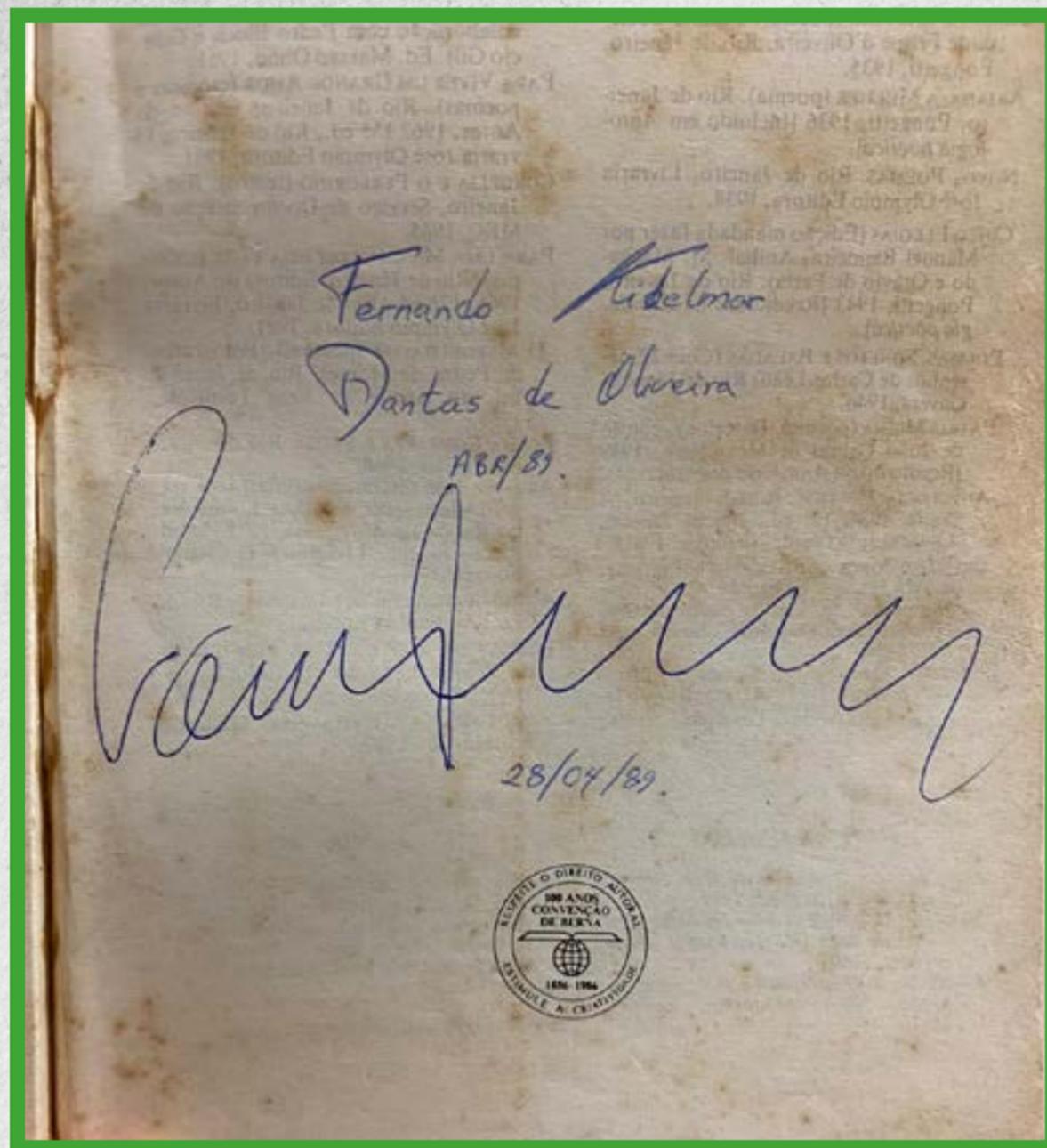
Esse manuscrito traz em sua essência a denúncia da opressão e da dominação do Estado através das lutas de classes. A obra reflete sobre como a educação pode ser um pilar para oprimir ou libertar. Destacamos a atualidade de uma forte mensagem deixada no manuscrito: “Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor”.

A *Pedagogia do Oprimido* é um clássico para todos os educadores, é um dos livros com maior repercussão literária no Brasil, quiçá no mundo. Ademais, na obra Paulo Freire reflete como a escola pública é constantemente atacada por aqueles que sabem do seu poder libertador.

Os opressores estão sempre a serviço da manutenção da ordem vigente, buscando através de projetos e leis tirar da escola a sua capacidade crítica e reflexiva, desejando-a como mera reprodutora do autoritarismo social. A educação libertadora é única alternativa capaz de provocar a revolução da justiça social no mundo.

Etiene Figueiredo Ferreira

Assistente Social | Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN)



Créditos: Kidelmar Dantas

Uma Palestra inesquecível

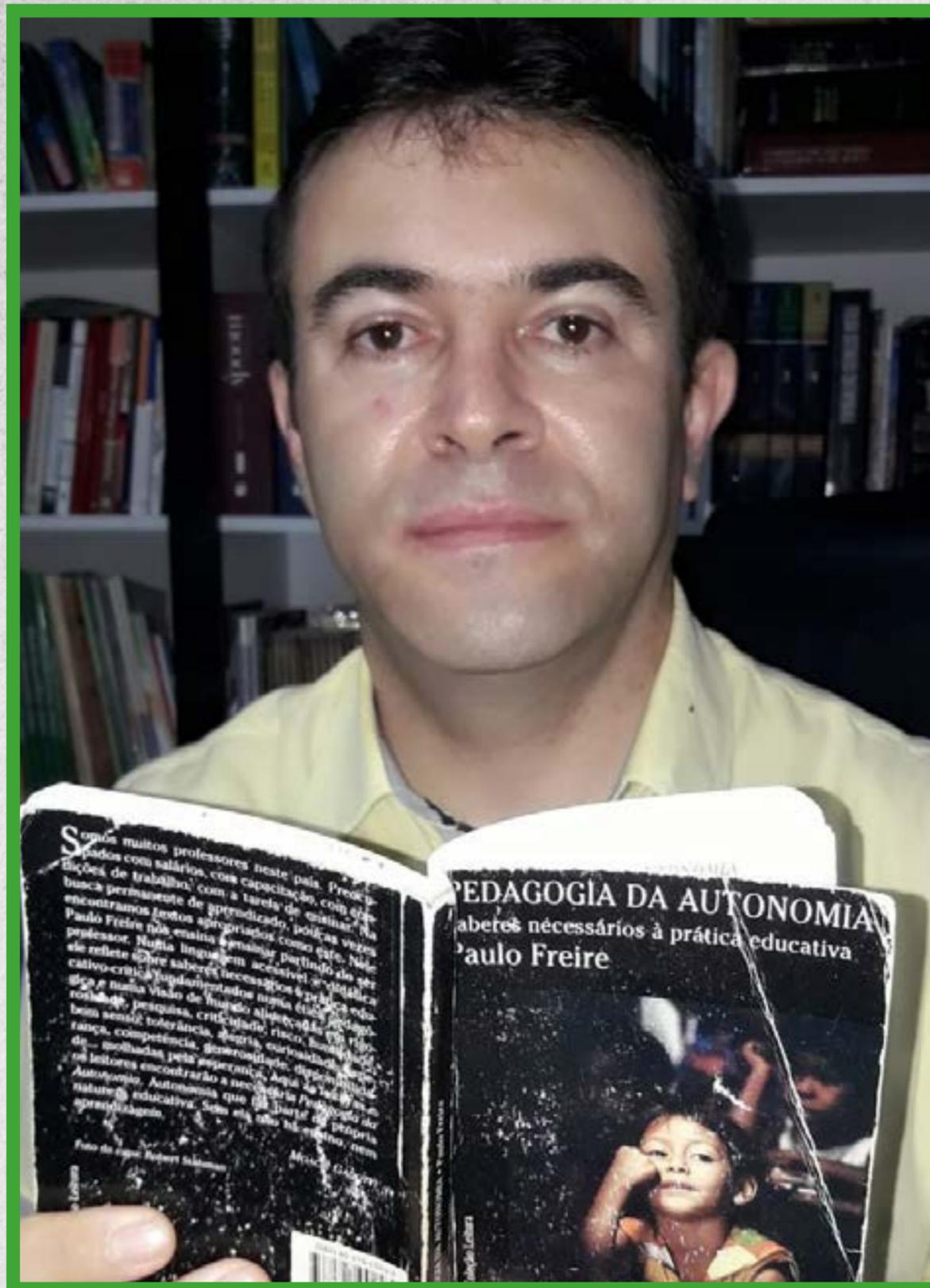
A Palestra do Professor e Educador Paulo Freire ocorrida na data de 28 de abril de 1989 no Colégio Estadual da Prata em Campina Grande-Paraíba. Foi um evento verdadeiramente inesquecível, pois além do retorno dele ao Brasil representava para nós estudantes uma esperança maior no sentido de termos uma Educação Libertadora.

O Educador Paulo Freire foi aplaudido de pé naquela ocasião, afinal, tinha realizado uma palestra que nos motivou a continuar esperançosos numa Educação que tem como objetivo, a libertação dos oprimidos pelo sistema capitalista. Nos fez refletir que é possível sonhar a partir da Educação dos povos para a libertação da sociedade oprimida.

Mas teve um fato inusitado, pois para conseguir a tão sonhada assinatura dele, naquele momento eu só tinha um livro em mãos, que era de Vinicius de Moraes (Para viver um grande amor). Ao chegar minha vez ele olhou firmemente e indagou este livro? Eu simplesmente e meio sem graça, respondi: “só tenho este”. Mesmo assim Paulo Freire colocou sua assinatura.

Fernando Kidelmar Dantas de Oliveira

Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Educação e Saúde, Cuité-PB



Créditos: Francisco das Chagas de Sena

Uma boa prática educativa, necessita de uma boa reflexão sobre ela

O livro Pedagogia da Autonomia, tem me servido como um instrumento de orientação à minha prática educativa, já que trata-se de uma obra que enfatiza sobre a importância do educador crítico, político, comprometido com o contexto social em sua volta.

O livro nos ensina, que não cabe na prática do educador crítico-reflexivo, improvisos e espontaneísmos, mas, uma prática fundamentada em uma teoria orientada por pressupostos teórico-metodológicos bem definidos.

Outro ponto a destacar, é que o educador que pensa certo, não está preocupado em “transferir conhecimentos”, nem depositá-los aos educandos, mas fazer com que estes, por meio de situações dialógicas, compreendam aquilo que é comunicado, levando-os ao que Freire perseguia continuamente: a autonomia dos sujeitos aprendentes.

A obra também é fascinante ao discorrer sobre a curiosidade epistemológica, que leva o educando a pensar, a imaginar, a refletir..., diferentemente da curiosidade ingênua, que aceita o pronto, o acabado, o dito, sem nem sequer questionar, ou duvidar daquilo que está posto.

Enfim, é o livro que todo educador progressista precisa ler e por em prática no seu fazer pedagógico.

Francisco das Chagas de Sena

Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE Campus Jaguaribe e mestrando do PROFEPT do IFRN, Campus Mossoró.

Educação, meios de comunicação e leituras de vida.

“EDUCAR COM A MÍDIA: novos diálogos sobre educação e comunicação Paulo Freire e Sérgio Guimarães reúnem, neste Livro-Diálogo, conceitos pertinentes para a integração entre os campos da educação e da mídia.

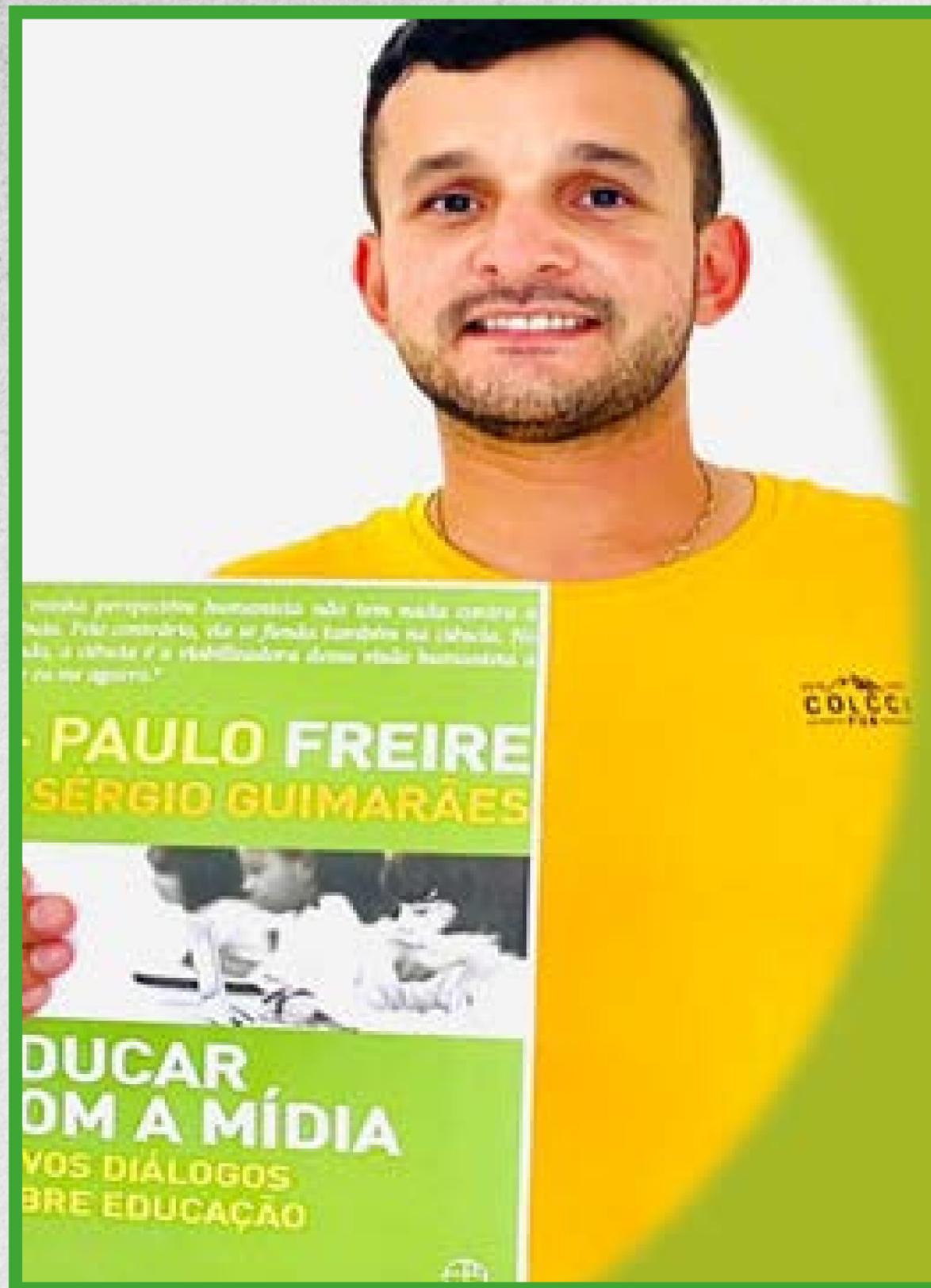
A leitura desse livro enriqueceu meu conhecimento para a vida docente, em relação aos temas: meios de comunicação de massa, processo educativo e seu substrato político e ideológico.

Nesse livro, os autores dialogam sobre as possibilidades que a tecnologia proporciona aos docentes em sala de aula e defendem seu uso como política educacional.

A obra deixou em mim aprendizagens significativas, fazendo-me refletir sobre a influência dos meios de comunicação para minha vida e para minhas didáticas. Esse conhecimento crítico compartilharei com meus educandos para que sejam capazes de ler o mundo de forma consciente e propositiva.

Francisco Ribeiro Delgado Filho

Professor | E. M. E. F. Manoel Rodrigues Pinto



Créditos: Niedja Morais



Créditos: Marinalva

Educação que Liberta

A leitura do livro “Educação como Prática da Liberdade” de autoria de Paulo Freire, defensor da educação brasileira, é uma leitura importante para os pesquisadores do campo da educação. A obra destaca as experiências do método de alfabetização na cidade de Angicos, no Rio Grande do Norte, em 1962, onde 300 trabalhadores rurais foram alfabetizados em 45 dias, tempo que homens e mulheres eram fortemente marcados pela desigualdade e opressão.

A urgência pela alfabetização e conscientização do povo Brasileiro era uma de suas maiores missões. O meu contato inicial com a obra ocorreu na Biblioteca Zila Mamede na UFRN em 2015, momento em que me interessa pela pesquisa sobre Socialização Acadêmica.

Por que ler este manuscrito? Fui impulsionada pela leitura quando o autor aponta a Educação como Prática da Liberdade e apresenta o diálogo como fonte de conhecimento. Na socialização com o outro o autor abre espaços para a construção de novos saberes, contextualiza historicamente a proposta do método e apresenta seus pressupostos filosóficos e políticos.

A leitura é apaixonante e fala sobre Justiça, Valores, Democracia e Educação para a busca da Liberdade, no manuscrito, Educação e Liberdade se fundem como Justiça.

Franklandia L. Moreira Fonseca

Professora | Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN)



Créditos: Francisco das Chagas de Sena

Quando a mudança nos remete à esperança de um mundo mais justo

A leitura da obra “Educação e Mudança” cujo autor é Paulo Freire, patrono da educação brasileira, se traduz em uma rica leitura para os estudiosos e pesquisadores do campo da educação.

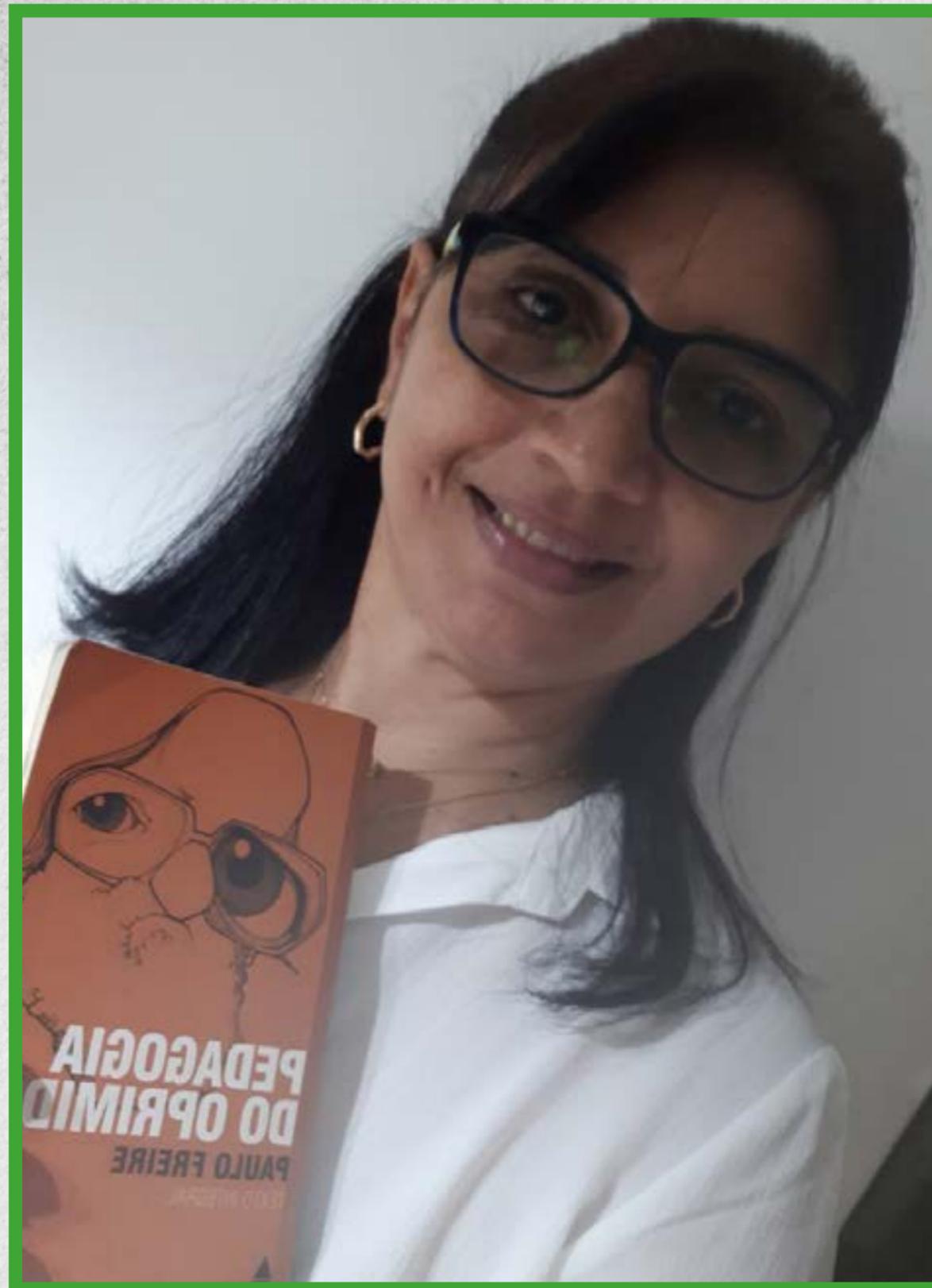
O meu contato inicial com a obra iniciou-se por meio dos estudos para concurso público, mas que ao longo da minha trajetória acadêmica passou a ter um grande impacto nas esferas da minha vida pessoal e profissional, pelo fato da obra estimular a reflexão sobre a própria realidade do sujeito, e a partir desta, mostrar o papel do aluno trabalhador como protagonista da mudança da sua história, por meio da percepção crítica da realidade.

A obra contribui para a elaboração de pesquisas que versam sobre problemas concernentes à educação em seus diversos níveis. Segundo o manuscrito, o trabalhador é o autor e o próprio responsável pelas mudanças, provocadas pela consciência crítica da realidade.

A obra nos impulsiona a ressignificar as nossas práticas enquanto docentes e seres humanos, pois Freire desconstrói o pedestal existente entre educador e educando, transformando-a em um processo educativo simbiótico. A leitura é instigante e nos faz refletir sobre os sabores e os dissabores da educação tão presentes e latentes em nossa prática pedagógica como instrumento de um processo dialógico e participativo.

Gisela de Assis Conceição

Técnica em Assuntos Educacionais | Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE)



Créditos: Iracyara Assunção

A Voz do Corpo Consciente

A obra pedagogia do oprimido, foi minha primeira leitura oportunizada no curso de graduação em Pedagogia, no ano 2000. Paulo Freire oferece, nesta obra, preciosa contribuição para o desenvolvimento de uma pedagogia em que o esforço totalizador da práxis humana aponta para uma educação como prática da liberdade.

Revelo que a leitura dessa obra sempre foi muito difícil para mim, mas ao mesmo tempo foi acalanto científico que me trazia simpatia pelas ideias a saber: educação libertadora, politicidade, consciência e conscientização, ser mais, diálogo, problematização e a relação opressora ente opressor-oprimido.

Ao conhecer a existencialidade de Freire na academia, vi anunciada a oportunidade de redescobrir-me docente num processo de intersubjetivação das consciências em progressiva conscientização de nossa vocação ontológica de ser mais, que me trouxe abertura para entender o “[...] mistério que nos invade e nos envolve, encobrendo-se e descobrindo-se na ambiguidade do nosso corpo consciente” (FREIRE, 2012, p. 19).

Assim, ler a palavra em Freire sempre exigiu de mim atitude atenciosa, reflexiva e amorosa para entender que a palavra não é só pensamento, é práxis. Do entendimento de que conscientizar é politizar, eu corpo consciente, me projeto para uma contínua recriação de minha prática pedagógica.

Iracyara Maria Assunção de Souza

Professora | Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN)

A imprescindibilidade da obra de Paulo Freire na minha formação e atuação docente

Ainda no período da ditadura militar, ouvi falar de Paulo Freire, quando era aluna do curso de Letras na UFRN, mas sua obra não circulava entre nós. Naquela época, talvez, nem no curso de Pedagogia em razão de ele ser perseguido pelo regime militar e estar exilado.

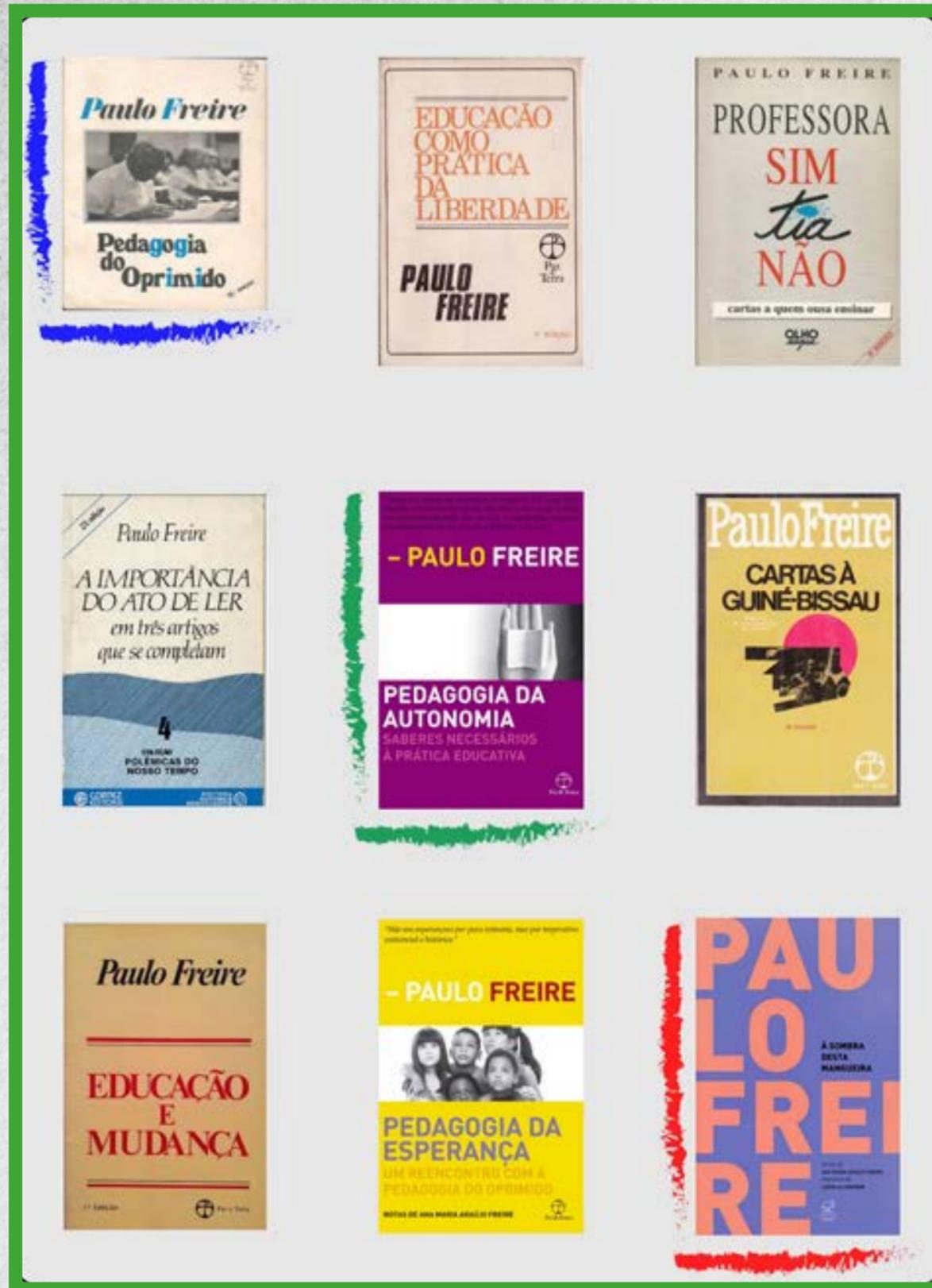
Na década de 1990, li vários livros dele e sua obra sempre esteve entre as leituras preferidas no meu próprio projeto de formação. Tenho trabalhado com projetos de letramento inspirados na autora Angela Kleiman em diferentes contextos: na educação básica, no ensino superior e na pós-graduação.

A experiência tem apontado a relevância e a atualidade de Paulo Freire para além da educação popular. A concepção de educação dialógica, problematizadora e libertadora dele, associada ao conceito de letramento crítico, cuja base se assenta na sua concepção de alfabetização crítica tornaram-se imprescindíveis às minhas ações na área de formação docente onde atuo como formadora de professores de Língua Portuguesa (pedagogos ou licenciados em Letras), tendo incorporado os fundamentos da pedagogia crítica ao meu cotidiano docente.

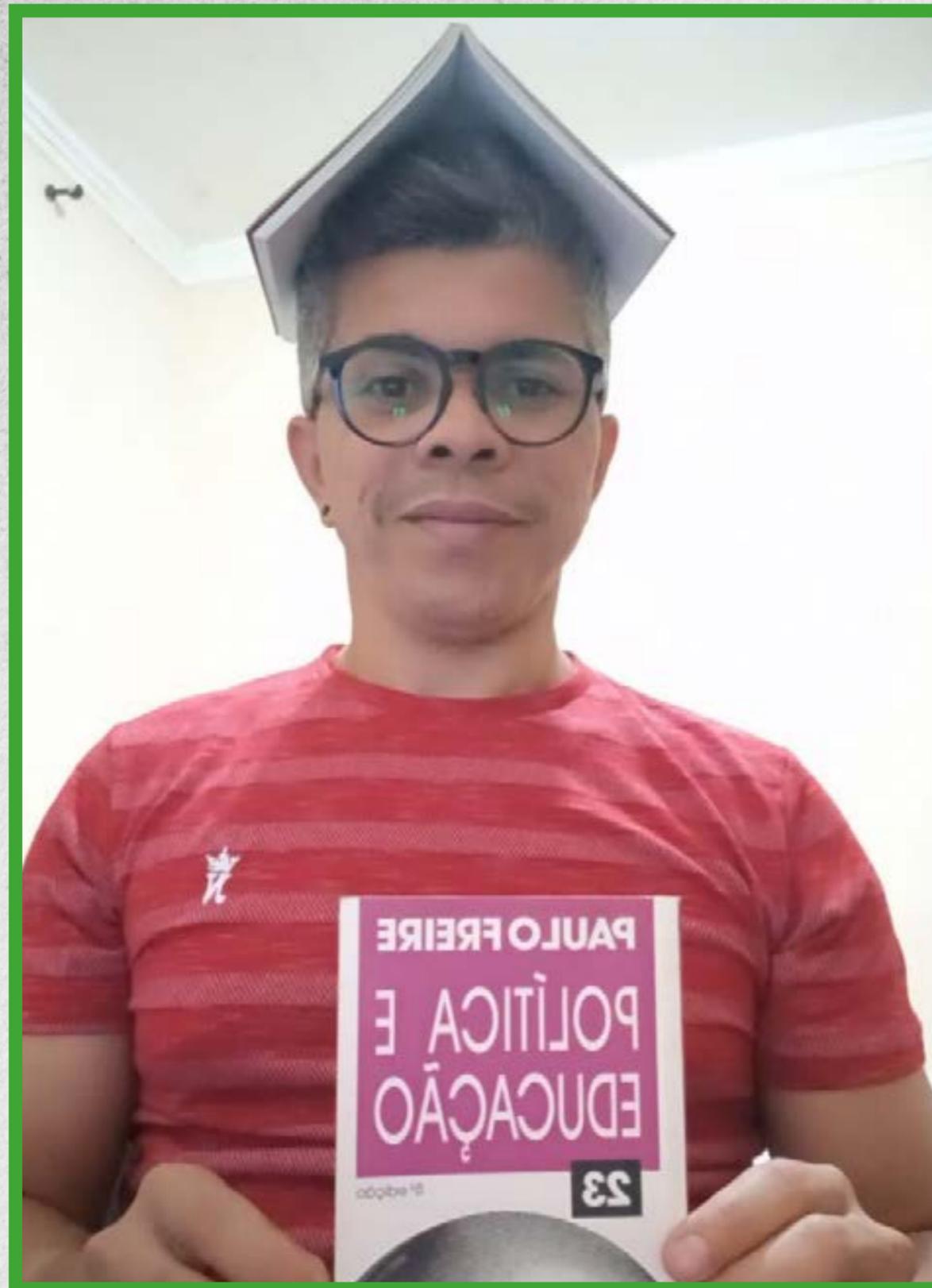
Assim, para mim, é difícil citar aqui apenas uma obra desse grande educador, pois toda ela é leitura imprescindível no processo de formação e no contexto de atuação de qualquer educador.

Ivoneide Bezerra de Araújo Santos Marques

Professora de Língua Portuguesa | Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN)



Créditos: Ivoneide Bezerra de Araújo Santos Marques



Créditos: Javaerton de Souza Aquino

A construção do conhecimento como um processo de ressocialização

Me deparei com a obra pela primeira vez no ano de 2014, enquanto professor de Ciências da Natureza, lecionando para turmas de EJA (Educação Prisional) - Resolução 048 - na Associação de Proteção e Assistência aos Condenados (APAC) Macau, a qual custodia apenados em processo de ressocialização.

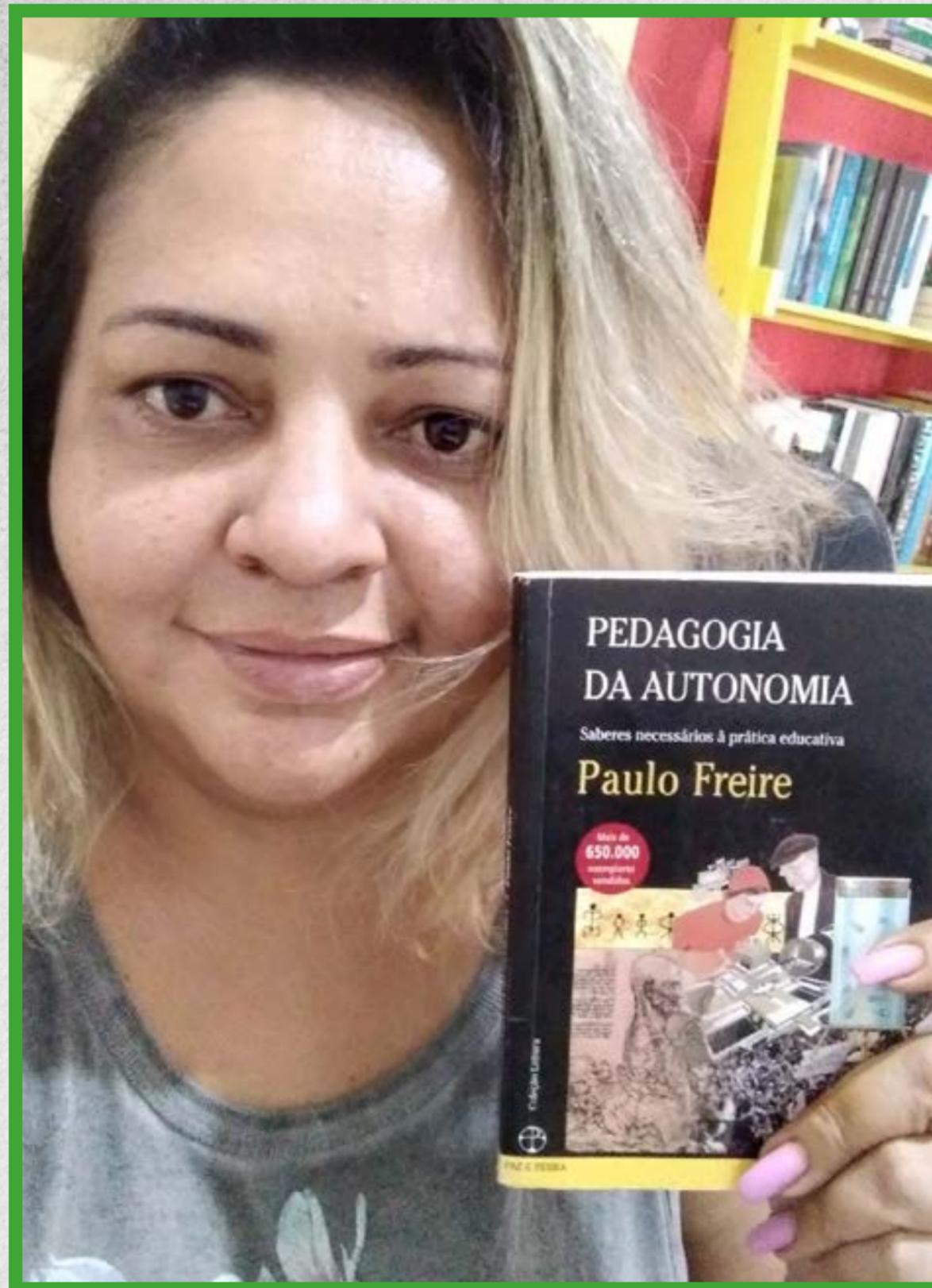
Em meio às novas experiências com este público, mergulhei num processo de reflexão e autocrítica sobre a minha prática pedagógica, não somente como forma de construção do conhecimento, mas como ato político.

Então, a partir da obra *POLÍTICA E EDUCAÇÃO*, pude vislumbrar um novo olhar sobre essa práxis enquanto ato político ressocializador; Pude repensar a educação para além da sala de aula convencional, num contexto de “opressão social”, na medida em que aprendia sobre outros aspectos concernentes à construção crítica e politizada dos saberes envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

Deste modo, considerando o pensamento do autor, a tarefa de educar não consiste em apenas transmitir conhecimentos, mas ser a ponte entre o aluno e o saber, usando a educação como instrumento de liberdade e autonomia.

Javaerton de Souza Aquino

Professor | Secretaria Municipal de Educação e Cultura - Macau/RN



Créditos: Jeane Bandeira

Alfabetização e autonomia

Em 2003 o país passava por uma transição política significativa e junto com ela novos horizontes se abriram para mim. De uma família de cinco filhos, eu a caçula, entrara numa Universidade Federal, no curso de Pedagogia.

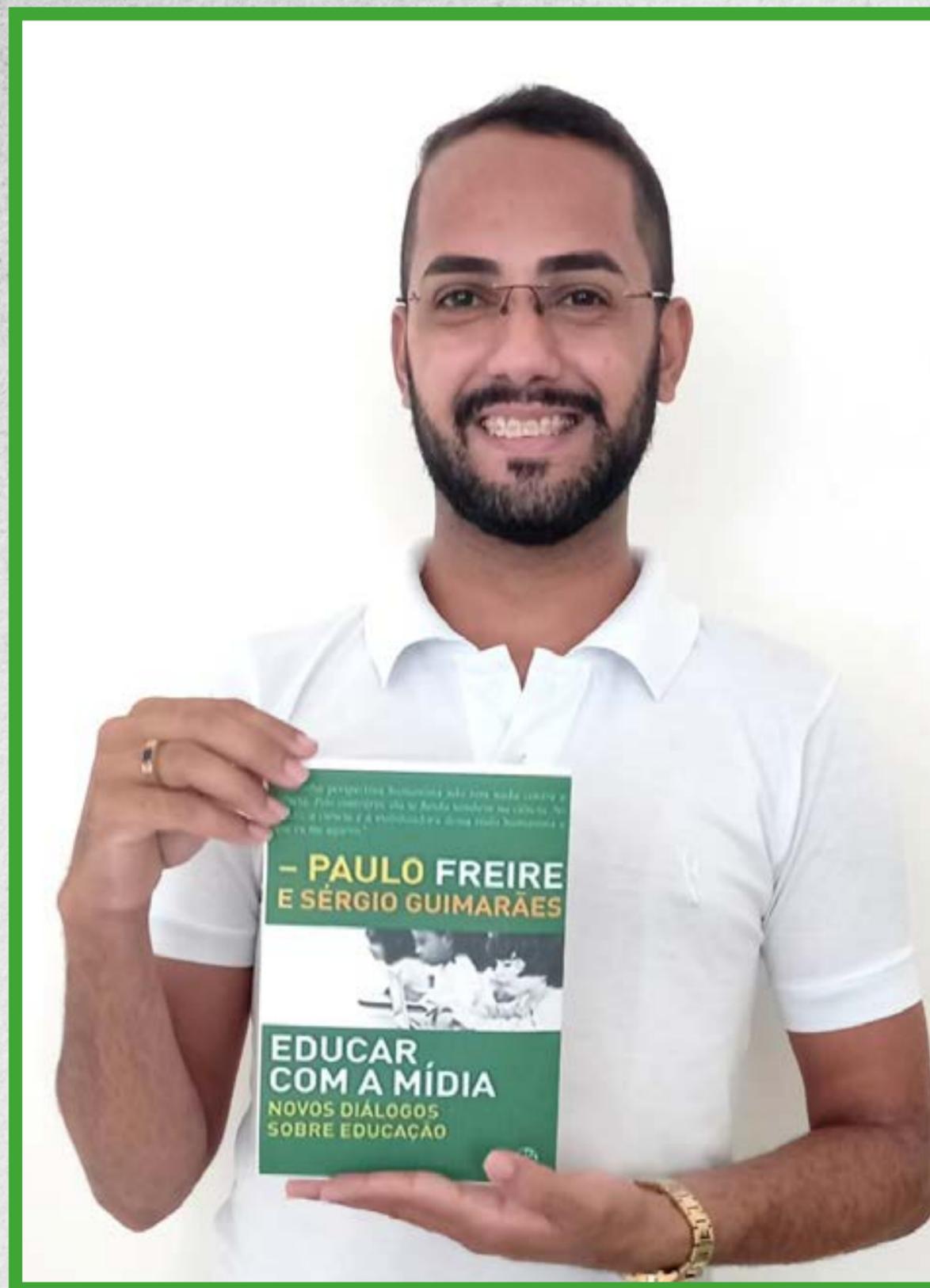
Eu não estava apenas vendo a história brasileira passar diante de mim, eu vivia aquele momento intensamente. Comecei lecionando no primeiro ano do curso e totalmente insegura do que poderia levar aquelas crianças, uma professora muito especial me emprestou um livro de Paulo Freire: “Pedagogia da Autonomia”.

Concomitante a isso, minha mãe mais uma vez voltava a escola, que por diversas vezes desistira por dificuldade de encaixar de forma “padrão” as letras do alfabeto na tentativa de formar suas primeiras frases. Presa no looping da minha sala de aula, por vezes não conseguia entender o porquê de minha mãe não avançar na leitura e escrita.

Percebi então, que ela não se adequava aquele modelo pronto do “bê a bá”. A partir das leituras de Freire, iniciamos nosso processo de alfabetização com criticidade, amorosidade e muito respeito. Nossa parceria se dava início ali: aprendendo juntas na mesa da cozinha enquanto dividíamos o café e se estende até hoje. Eu e ela, conjugando o verbo esperar, entendo que alfabetização é mais que um jogo de juntar palavras: é autonomia da e para a vida.

Jeane Bandeira

Professor | Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Rio Grande do Norte - IFRN (Campus Natal)



Créditos: Francisca Ilma Abreu da Fonseca (mãe)

As mídias na educação, do ontem para o hoje

A leitura da obra “Educação e Mudança” cujo autor é Paulo Freire, patrono da educação brasileira, se traduz em uma rica leitura para os estudiosos e pesquisadores do campo da educação.

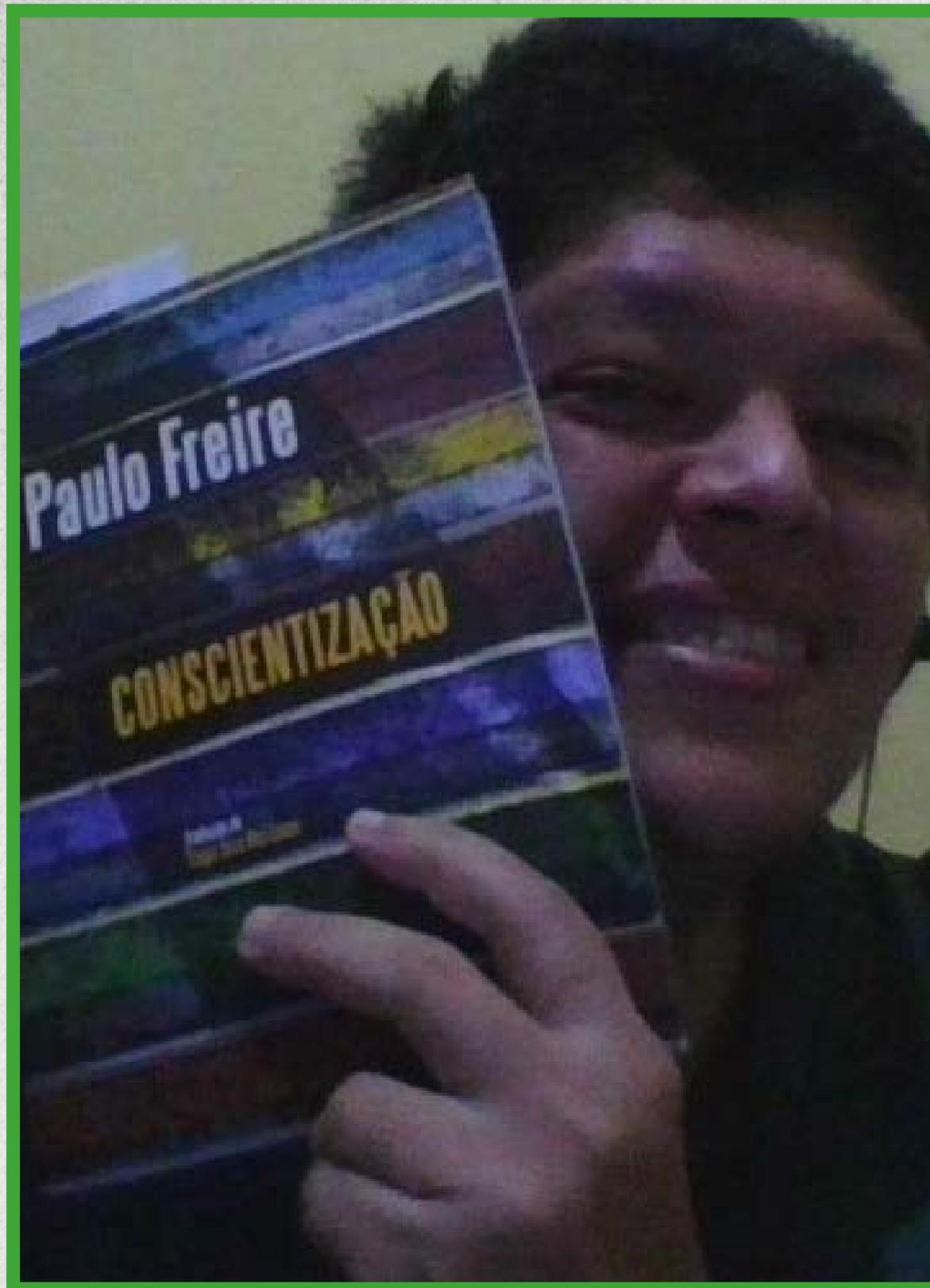
O meu contato inicial com a obra iniciou-se por meio dos estudos para concurso público, mas que ao longo da minha trajetória acadêmica passou a ter um grande impacto nas esferas da minha vida pessoal e profissional, pelo fato da obra estimular a reflexão sobre a própria realidade do sujeito, e a partir desta, mostrar o papel do aluno trabalhador como protagonista da mudança da sua história, por meio da percepção crítica da realidade.

A obra contribui para a elaboração de pesquisas que versam sobre problemas concernentes à educação em seus diversos níveis. Segundo o manuscrito, o trabalhador é o autor e o próprio responsável pelas mudanças, provocadas pela consciência crítica da realidade.

A obra nos impulsiona a ressignificar as nossas práticas enquanto docentes e seres humanos, pois Freire desconstrói o pedestal existente entre educador e educando, transformando-a em um processo educativo simbiótico. A leitura é instigante e nos faz refletir sobre os sabores e os dissabores da educação tão presentes e latentes em nossa prática pedagógica como instrumento de um processo dialogal e participativo.

João André Abreu da Fonseca

Professor | Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Rio Grande do Norte - IFRN (Campus Natal)



Créditos: José Mateus do Nascimento

A leitura da obra conscientização no processo de formação de agentes alfabetizadores do projeto de extensão tarralfas

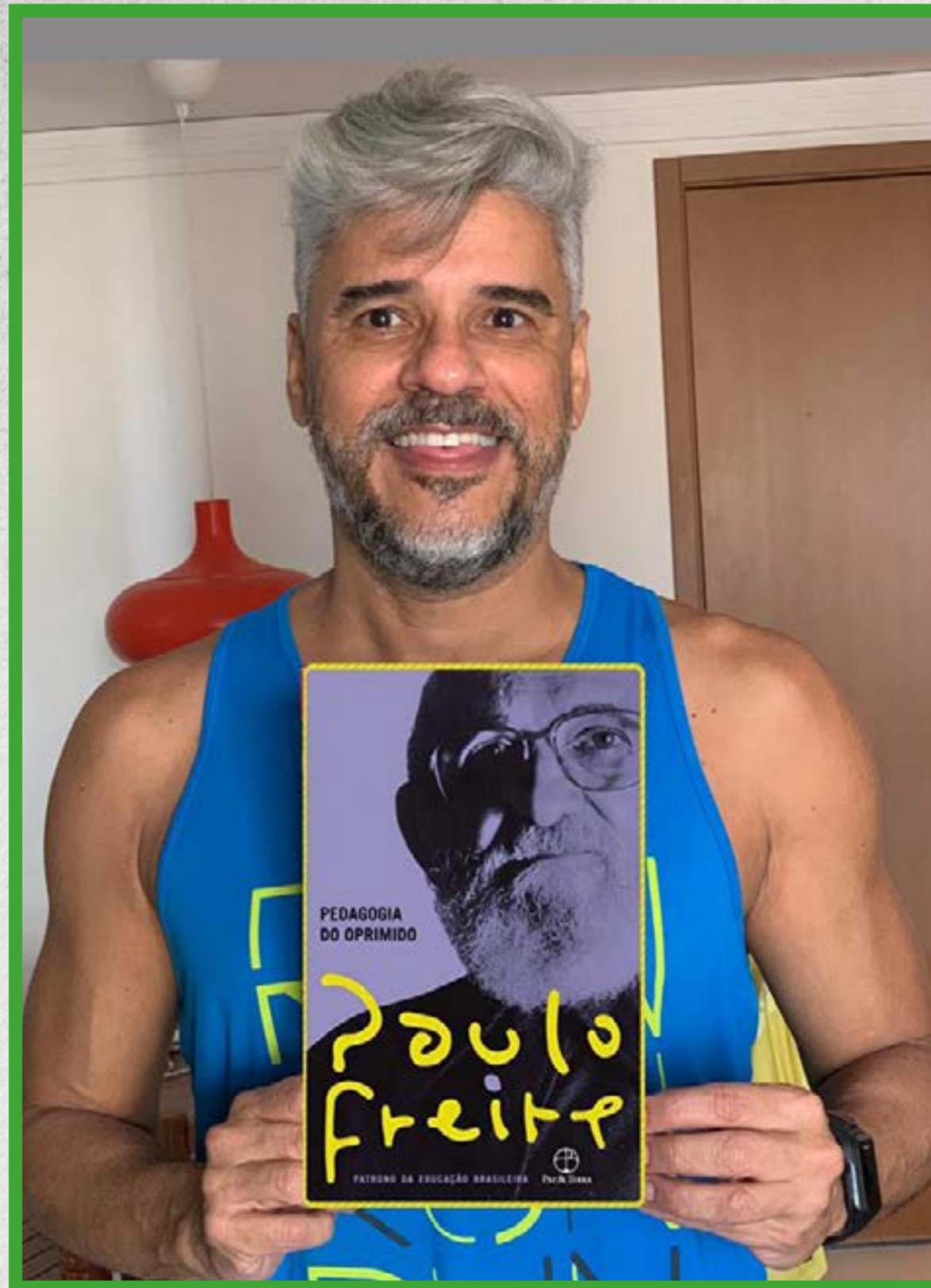
A leitura do livro *Conscientização* do educador Paulo Freire foi de grande relevância durante o processo de planejamento e formação dos Agentes Alfabetizadores do Projeto de Extensão Tarralfas. Nesta obra, encontra-se explicitado na seção “Procedimento Metodológico” as fases da proposta de alfabetização, a partir da proposição do método analítico de aquisição da escrita.

Junto com os Agentes Alfabetizadores, lemos juntos e refletimos sobre o método e sua vivência junto ao grupo de pescadores da Colônia Z10, localizada em Pirangi do Sul, RN. Aprendemos com esse livro sobre a necessidade de vivenciarmos no projeto as fases: do levantamento vocabular; da escolha das palavras-geradoras; da reflexão sobre a realidade existencial dos participantes; do trabalho de artesanaria da escrita da palavra geradora e sua decomposição em grupos silábicos; do trabalho de artesanaria da palavra por meio da combinação dos grupos silábicos, criando novas palavras.

Foi no contexto dessa prática que descobrimos sobre um outro modo de apropriação do bem social da escrita e da leitura para além do ato mecânico; nos mostrou sobre a função social da produção e compreensão das palavras no contexto da cultura de um grupo de pescadores. Durante o período da experiência, compreendemos a efetivação da alfabetização sob a ótica do letramento e da conscientização.

José Mateus do Nascimento

Técnica em Assuntos Educacionais | Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE)



Créditos: Romário Edjan

Uma educação transformadora para a cidadania plena

Foi no ano 1997, quando estava matriculado no curso de Especialização em Geografia do Nordeste, pela UFRN, tive a oportunidade de conhecer, a Pedagogia do Oprimido, de Paulo Freire, e desde então, passei a encarar a educação de uma forma diferenciada, pois percebi que educar é antes de tudo, um ato político, já que vivemos em uma sociedade bastante contraditória, onde reina uma luta entre opressores e oprimidos, e não existe neutralidade.

Os opressores, que são os sujeitos responsáveis pela posse, conquista do Mundo e dos outros seres humanos, sempre ensinarão aos oprimidos a enxergarem o mundo como algo estático, provocando a “Autodesvalia” entre os oprimidos. Desde então, comecei a entender que o ensino no Brasil, e em grande parte do mundo, sempre foi, e continua sendo, utilizado em prol dos grupos minoritários dominantes.

O que se percebe na obra de Freire, que desde os tempos mais antigos e nos dias atuais, a educação sempre foi um bem ou arma a serviço das classes mais abastadas, através da educação bancária, onde o educador em lugar de se comunicar, o ele faz comunicado, conduzindo os educandos à memorização mecânica de conteúdo narrado.

Em trinta e um anos de docência, percebi que o mundo é crítico, e que o conhecimento é algo que se constrói em conjunto. A obra de Freire, concebida em 1968, ano do meu nascimento, e isso interferiu bastante na minha forma de pensar e agir. Diálogo e a conscientização de classe são fundamentais para inverter ou reformar essa ordem injusta.

José Wilson Soares Moreira

Professor | Aluno Especial do PPGEP e Servidor do IFRN

Pedagogia da Autonomia

A obra *Pedagogia da Autonomia*, escrita por Paulo Freire, apresenta um diálogo sobre os saberes necessários à prática educativa progressista em favor da autonomia do ser dos educandos, possibilitando, pois, uma reflexão da prática docente e de quais papéis são fundamentais no ensino.

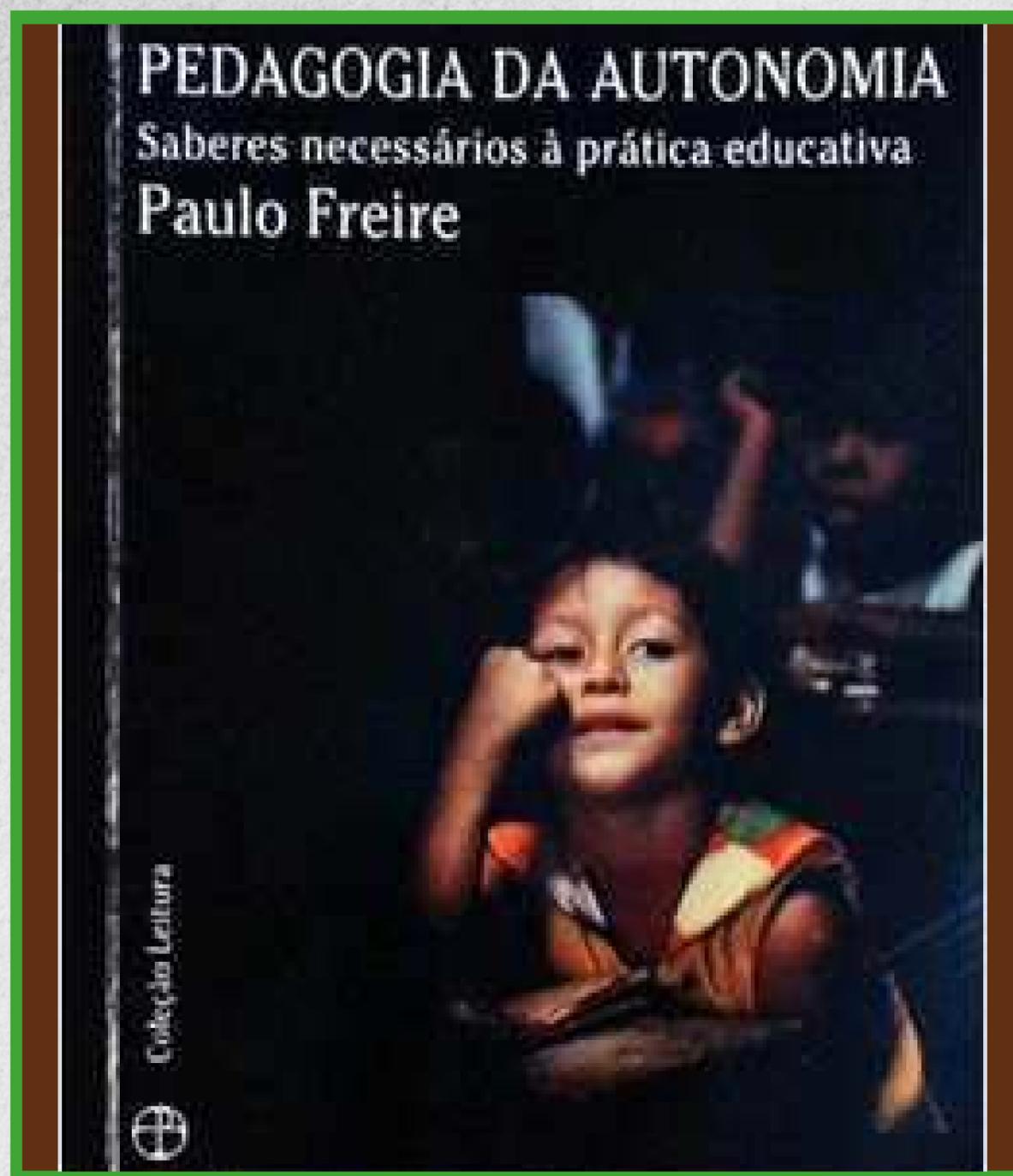
Assim, o livro apresenta três pontos de diálogo: no primeiro, trata-se de uma reflexão sobre a prática docente, no sentido de que ensinar exige rigorosidade metódica, pesquisa, respeito aos saberes dos educandos, criticidade, estética, ética, corporificação das palavras pelo exemplo, risco, aceitação do novo, rejeição a qualquer forma de discriminação, reconhecimento e assunção da identidade cultural.

No segundo momento de diálogo, Freire afirma que ensinar não é transferir conhecimento, mas uma necessidade da consciência de inacabamento, do reconhecimento do ser condicionado, do respeito à autonomia do ser educando, do bom senso, da humildade, da tolerância, da luta em defesa dos direitos dos educadores, da apreensão da realidade, da alegria e da esperança e convicção de que mudar é possível.

Já no terceiro, tem-se o diálogo na perspectiva de que ensinar é uma especificidade humana, o que exige segurança, competência profissional, generosidade, comprometimento, compreensão de que a educação é uma forma de intervenção no mundo, liberdade, alteridade, tomada consciente de decisões, escuta, reconhecimento de que a educação é ideológica, disponibilidade para o diálogo e desejo de querer bem aos educandos. Para Freire, portanto, a prática do professor está relacionada à mudanças no movimento de ensinar e aprender cotidianamente na busca pelo novo, caminhando para *Pedagogia da Autonomia*.

Kadydja Karla Nascimento Chagas

Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional do IFRN (PPGEP-IFRN)



Créditos: Coleção leitura



Créditos: Kelly Aline

Sobre amor pela docência e ser resistência

O meu nome é Kelly Aline, tenho 24 e sou licenciada em química. Conheci o livro Pedagogia da autonomia durante minha graduação, nas aulas de uma das responsáveis por consolidar meu amor pela docência.

Logo nas primeiras páginas, quando Paulo Freire coloca “ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”, fiquei encantada com a delicadeza e força de suas colocações. O ato de ensinar tomou uma outra direção para mim – após a leitura desse livro –, ganhou um peso ainda maior.

Desde então, percebi a força transformadora que nós temos e a responsabilidade que é formar jovens críticos e atuantes que poderão contribuir para uma sociedade mais justa, pautada na tolerância. E, apesar de eu ser completamente apaixonada por docência, foi também através de obras de Freire que compreendi as dificuldades de estar nessa profissão e a importância de que continuemos sendo resistência.

Kelly Aline

Licenciada em química | Aluna Especial do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (PPGEP-IFRN)

Educação libertadora

Responsabilidade. Eis a verdade ao falar do grande intelectual brasileiro, Paulo Freire. É um aprendizado constata, uma vivência real. A oportunidade em ler os escritos do Paulo Freire me faz pensar em uma educação para decisão, para a responsabilidade social e política. É ter uma consciência popular transitiva.

Meu contato inicial com a obra “Pedagogia do Oprimido” foi ao cursar graduação em Pedagogia, na UFRN. Mas a significativa contribuição da leitura desse manuscrito, ocorreu ao trabalhar em escolas municipais da cidade do Natal. Dialoguei com a obra freiriana, ao conhecer a realidade de meus alunos. Vivenciei cada momento com eles, instiguei a pensar sobre suas próprias realidades, dialoguei sobre o pensar e o viver.

Foi nessa experiência e no diálogo constante com os princípios freirianos que me tornei hoje uma pessoa mais consciente da realidade coletiva em que vivemos. Como educadora, reflito sobre a necessidade de enfrentarmos os conflitos, valorizar o protagonismo e abrir debates, embora seja um processo doloroso, um “parto”.

A partir desse enfrentamento, posso construir conhecimentos junto ao meu aluno e nos inserirmos no mundo de maneira autônoma, diferenciada e libertadora. Temos que atuar de maneira a ressignificar, viver e praticar.

Leiliane Macêdo Cabral

Assessora pedagógica - Secretaria Municipal de Educação, Natal/RN | IFRN



Créditos: Leiliane Cabral



Créditos: Sarah Fernandes

“Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: Os homens se libertam em comunhão”

As obras de Paulo Freire sempre permearam a minha trajetória como aprendiz na docência. Lembro da minha primeira leitura de Freire, “Pedagogia do oprimido”, na qual ficou marcada, por vários ensinamentos e conceitos que, lidos e relidos inúmeras vezes, penetraram profundamente no meu ser e reverberam até hoje na minha visão de mundo, de ensino e aprendizagem.

Na realidade, o entendimento mais apurado dessa obra aconteceu após a leitura do livro Pedagogia da Esperança que é considerado uma extensão do primeiro livro lido com suas devidas correções e aprofundamentos. Trata-se de um ensaio, ao mesmo tempo uma autobiografia, que perpassa diversos eventos, nacionais e internacionais, de sua caminhada, bem como, todas as tramas vivenciadas por esse gênio e entusiasta da educação que nos envolve, e ensina a cada minuto de leitura.

Nessa sinergia, pude refletir criticamente sobre o papel social que exerce o professor e o educando na luta por uma educação igualitária, de respeito à diversidade, e, sobretudo, de amorosidade, procurando sempre dar voz a todos e a todas, encontrando uma maneira de se apropriar da sintaxe e semântica do outro, no sentido de haver um encontro dialógico. Freire, com o seu pluralismo de ideias e legado multicultural, nos mostra, de fato, como ser seres Humanos melhores, mais conscientes e com mais esperança de um mundo mais libertador e democrático.

Lenir da Silva Fernandes

Docente do IFRN CNAT | Mestranda do PPGEP



Créditos: Liliane Câmara

Pedagogia da Autonomia: um encontro transformador

O Livro Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa última obra publicada pelo teórico Paulo Freire, em 1996, foi a minha primeira leitura dos seus manuscritos.

O encontro foi transformador para a minha vida. Ocorreu em 2004, ano em que eu saía da casa dos meus pais, ainda adolescente, para iniciar uma graduação em licenciatura que não tinha certeza se realmente era o que eu queria.

No início da formação inicial, Paulo Freire era apenas um nome muito referenciado... Foi a partir da leitura do citado livro que eu desenvolvi uma visão mais compreensiva sobre o seu pensamento... A pedagogia de autonomia me moveu a ver o mundo com outros olhos e a me sentir mais segura sobre os desafios da profissão docente, me ajudando a me reconhecer feliz na licenciatura de Biologia.

Após 17 anos do encontro inicial com Freire, posso afirmar que aprendi a observar e a me posicionar no mundo escolar e não-escolar de forma mais crítica e autoconfiante.

Liliane Silva Câmara de Oliveira

Professora | Aluna especial PPGEP



Créditos: Laurana Maria

A atualidade da obra de Paulo Freire

Quando eu li pela primeira vez a obra “A importância do ato de ler”, ainda estava cursando o ensino médio. Chamou-me a atenção o título do livro por despertar no leitor a importância da leitura. Poucos dias depois, a biblioteca municipal da minha cidade, Angicos-RN, lançou um concurso de redação e eu fiquei em primeiro lugar.

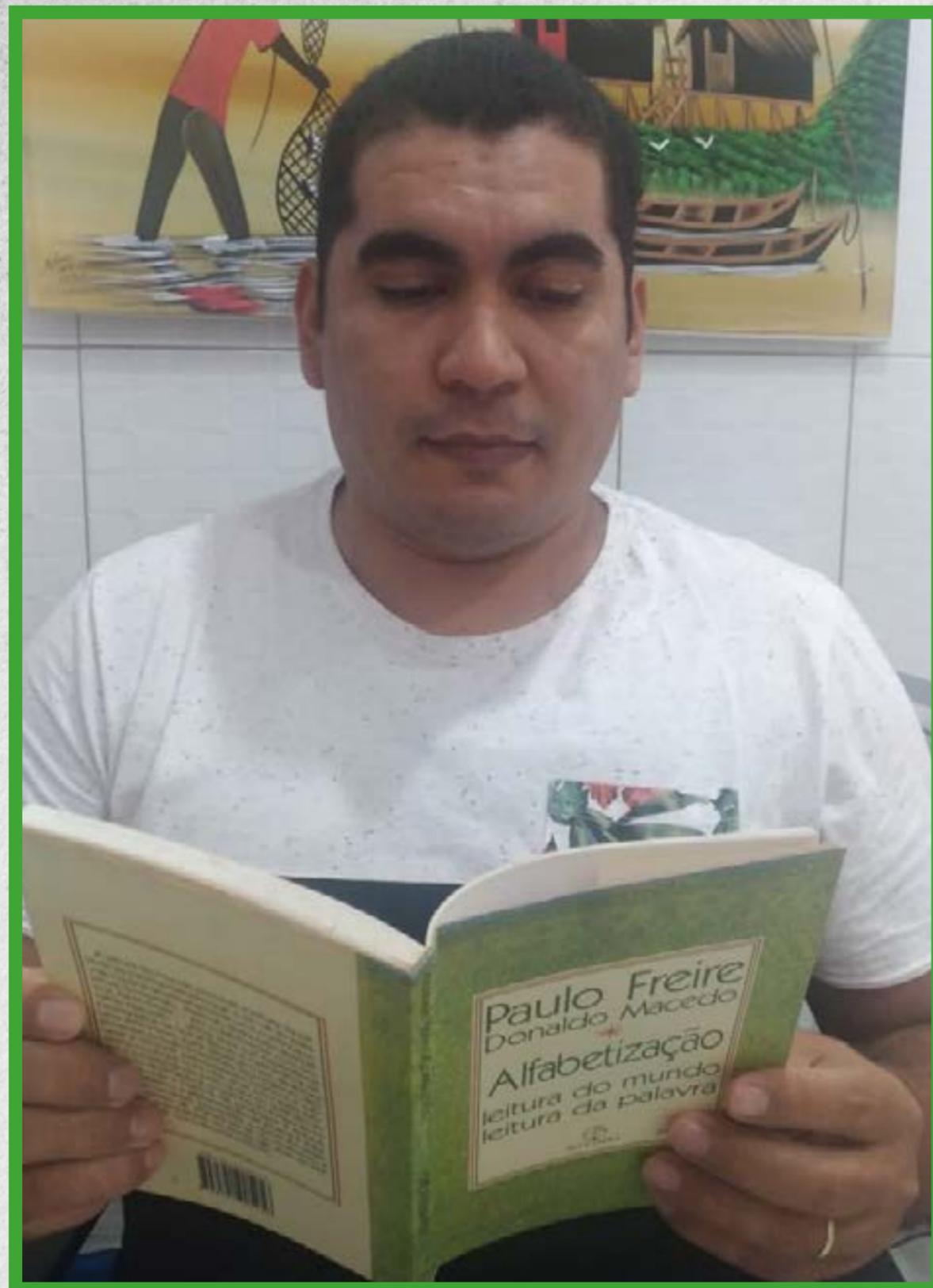
A voz de Paulo Freire ainda estava ressoando em minha memória, pois a leitura dessa obra foi decisiva em minha vida e influenciou até minha decisão de ser professora. Recentemente, em 2020, cursei uma disciplina ofertada pelo Programa de Pós Graduação em Estudo da Linguagem/UFRN, ministrada pela professora Ivoneide Bezerra de Araújo Santos Marques, cuja ementa tinha como foco o letramento crítico.

Durante as aulas, tive a oportunidade de revisitar a obra de Paulo Freire, pois vários livros dele foram trabalhados no curso, inclusive este que havia lido ainda bem jovem. Cursando a disciplina, percebi que toda vez que lemos ou (re)lemos o autor descobrimos algo novo e atual.

No curso, tive acesso a outros escritos freirianos, que contribuem para a compreensão do conceito de letramento crítico, algo necessário na sociedade atual para formar ética e criticamente as novas gerações, o que mostra a atualidade e a importância da obra de Paulo Freire.

Lindneide Dannyelle M. L. A. de Melo Medeiros

Professora Me. em Estudos da Linguagem | Professora da Rede Estadual do Rio Grande do Norte



Créditos: Enilde Silva dos Santos

Alfabetização: ler o mundo para ler a palavra

A leitura da palavra não ocorre pela simples decodificação dos códigos escritos do nosso alfabeto, posto que, é por meio da leitura do mundo que compreendemos a realidade a nossa volta. Nesse sentido, a alfabetização se dá como forma de uma política cultural, reverberando num conjunto de práticas sociais e culturais que insere o indivíduo na vida democrática e emancipadora.

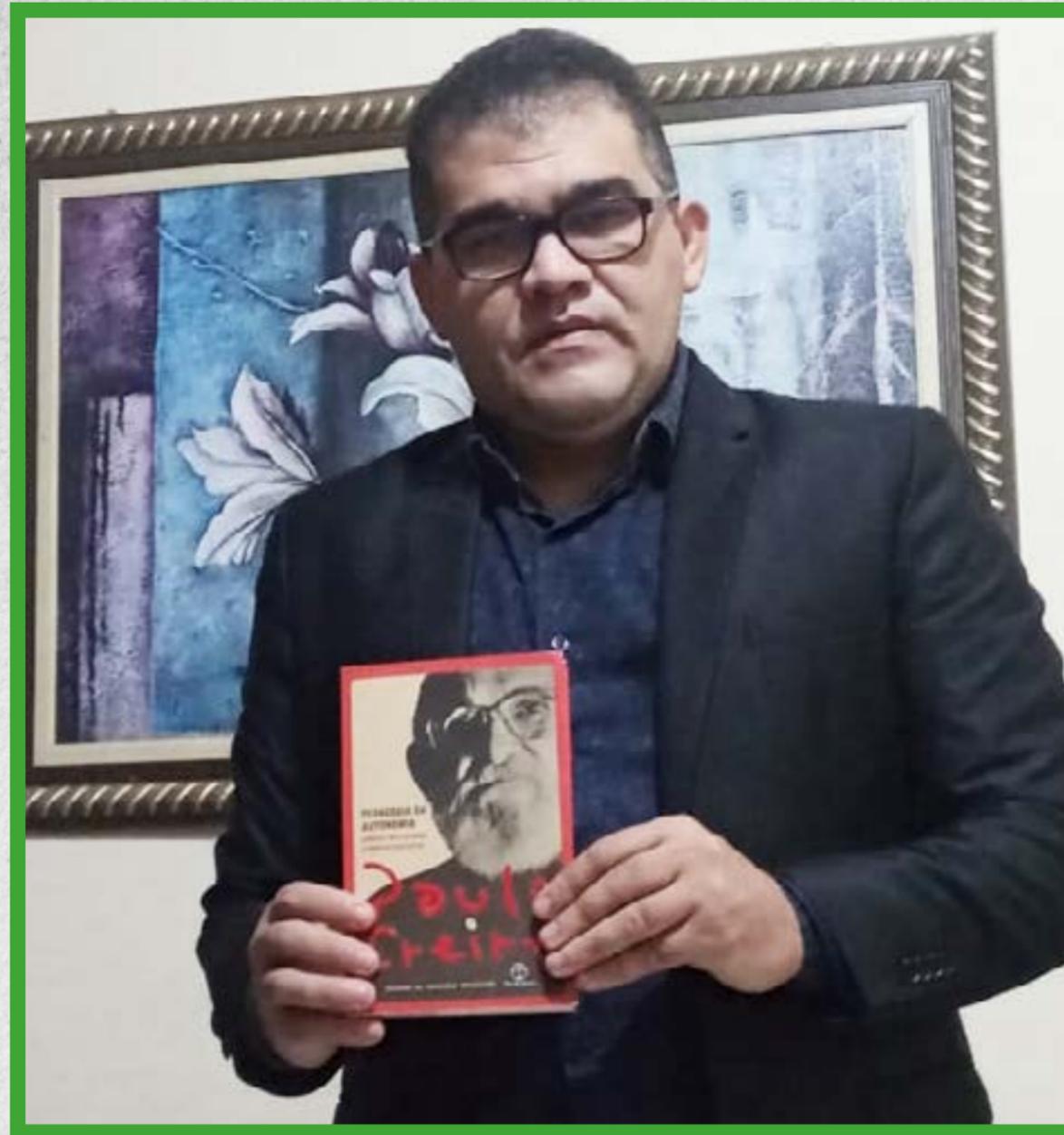
O conceito de alfabetização, portanto, transcende o seu conteúdo etimológico, quer dizer, não se resume ao sujeito saber lidar com letras e palavras, de forma mecânica. Isto porque precisa ser compreendida nos seus enlaces na relação dos educandos com o mundo, mediada e comprometida como práticas transformando do mundo, tendo a prática social dos educandos como ponto de partida e como ponto de chegada, as suas estas práticas sociais reelaboradas.

Em síntese, precisamos compreender que alfabetizar extrapola o simples processo mecânico de aquisição de técnicas e habilidade de leitura e escrita, o que só é possível por meio de professores críticos e reflexivos, que por meio de uma pedagogia crítica provocam a emancipação e a transformação dos seus alunos.

Luciano Francisco dos Santos

Professor de Matemática | Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional (PPGEP) do IFRN.

Saberes essenciais que substanciam uma ação educativa-crítica



Créditos: Joelma Villar

Pedagogia da autonomia, publicado em 1996, traz contribuições do pernambucano Paulo Freire, autor com reconhecimento nacional e internacional. Nosso contato com esse manuscrito se deu na licenciatura de pedagogia, oportunizando significações relevantes em nosso percurso educativo.

A obra atualiza uma série de reflexões realizadas em produções anteriores e se concentra em questões concretas localizadas desde o ensino fundamental à pós-graduação. Tocando em temas complexos, Freire fundamenta os princípios de uma Pedagogia pautada na ética, no respeito, na dignidade e no estímulo à autonomia dos estudantes, reconhecendo as implicações educativas da diversidade de saberes que todos já trazem de suas experiências pessoais.

Freire ainda ressalta sobre os saberes essenciais que substanciam uma ação educativa-crítica. Uma das reflexões fundantes do espectro dessa questão é a consciência de que o professor é um aprendiz, que aprende quando ensina, e, conseqüentemente, deve aprender com os educandos. Essa noção é imprescindível para enfrentar e questionar as práticas autoritárias que criam ruídos e obstáculos nas relações educativas.

Na obra, Freire também reconhece a existência de professores que têm grandes repertórios, mas que são incapazes de criar ambiências de aprendizagens, e, assim, acabam impedindo a emergência de múltiplas inteligências.

Luiz Antonio da Silva dos Santos

Professor | Secretaria Estadual de Educação do Rio Grande do Norte



Créditos: Cecília Graciano

Leitura Paulo Freire

A leitura do livro, a Importância do o Ato de Ler, autoria de Paulo Freire, o patrono da Educação Brasileira. Esta obra é fruto de três artigos que se completam realizado por Freire, que vem colaborando com os educadores de forma relevante e objetiva, oportunizando assim a reflexão nos processos de alfabetização e letramento.

Meu primeiro contato com o livro, a importância do Ato de ler, se deu durante o curso de Pedagogia, pela Universidade Estadual Vale do Acaraú- UVA, no ano de 2007. No decorrer dos anos 2009 e 2010, trouxe a presente obra para orientar o meu fazer pedagógico, no fundamento do planejamento de minhas aulas, práticas e vivências, que me fizeram recorrer tanto à leitura de mundo, como à leitura da palavra, por meio de um projeto de leitura que teve como título “Aprender Fazer Fazendo”, que tinha por objetivo trabalhar a apropriação da leitura e da escrita com estudantes de turmas de Nível, I e II, na Educação de Jovens e Adultos (EJA), na Escola Estadual Maria Cristina, Parnamirim-RN.

A proposta do projeto foi alcançada, tanto na partilha de saberes quanto no desenvolvimento de aprendizagens pela maioria dos discentes participantes. Dessa forma, a leitura e a vivência da obra “A Importância do Ato de Ler” torna-se um divisor de águas, que promove mudanças significativas na prática diária dessa professora. A maior contribuição está na compreensão sobre as necessidades sociais dos sujeitos, para a promoção de atividades significativas, vinculando-as aos contextos de vida de cada uma dessas pessoas que cultivam sonhos e desejam mudanças.

Maria de Lourdes da Silva

Pedagoga | Aluno especial



Registro ocorrido em um evento promovido pela SUEJA, alusivo aos 98 anos de Paulo Freire

Patrono dos educadores

Paulo Freire, ser de luz e saber
Educador e filósofo brasileiro
Pensador da pedagogia mundial
Educou para a práxis social

Defensor e formador de opinião
Homem íntegro e de valor
Alfabetizou com dedicação
Lenda viva, inspiração

Palestrou com amor
Para os menos favorecidos
Mencionou em sua obra
Pedagogia dos oprimidos

Pedagogia da autonomia
Obra valorosa e resiliente
Mostra aos educadores e educandos
Como viver dignamente

Maria Divani de Medeiros Araújo

Assessora Pedagógica e professora | Secretaria de Estado da Educação, Cultura e Lazer (SEEC/RN)

Créditos: Arquivo pessoal - Divani Medeiros

Paulo Freire na SBPC

Pouca gente sabe, mas quando Paulo Freire voltou do exílio de 15 anos para o Brasil, após a Lei da Anistia, o grande espaço público em que ele circulou foi na 32ª Reunião Anual da SBPC que estava sendo realizada no Rio de Janeiro, de 6 a 12 de julho de 1980.

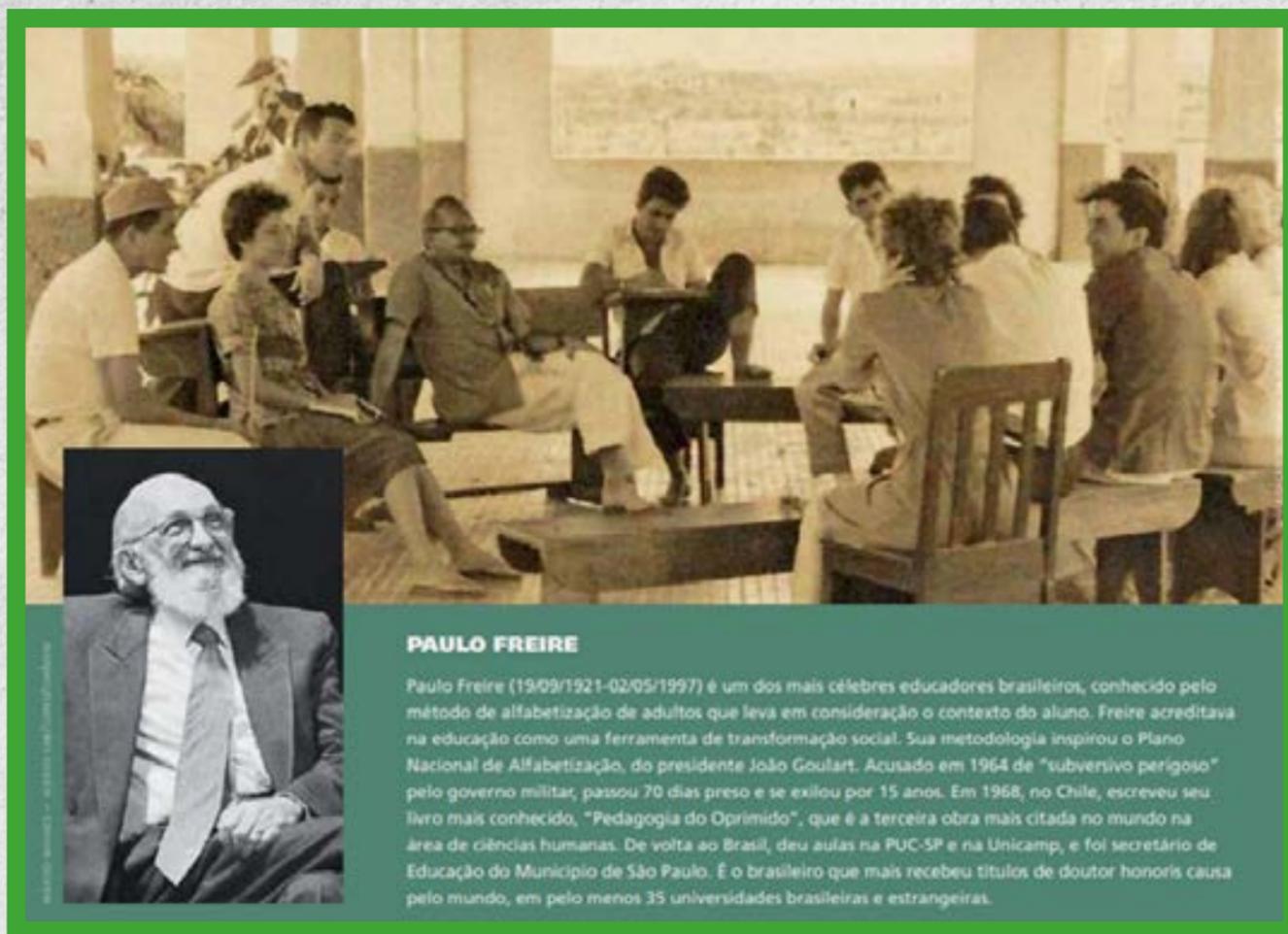
O número 32(10) de outubro 1980, da Revista Ciência e Cultura, trouxe um retrospecto desta reunião e anunciou que figuras populares atraíram a atenção dos participantes, como por exemplo Paulo Freire, Gilberto Freyre, Darcy Ribeiro, Leonardo Boff, o cacique Juruna, Frei Betto, Paul Singer e outros.

Freire foi homenageado duas vezes, em outras duas reuniões anuais da SBPC que se seguiram: durante a 45ª RA (ocorrida em Recife no ano de 1993), quando a direção da SBPC aprovou a moção apoiando a indicação do seu nome para o comitê que outorga o Prêmio Nobel da Paz na Noruega.

A segunda vez foi durante a 55ª RA (realizada também em Recife, em 2003), e cujo tema foi Educação, Ciência e Tecnologia para a inclusão social, cujos homenageados foram Celso Furtado e Paulo Freire (in memoriam). O calendário da SBPC – GRANDES FEITOS da CIÊNCIA BRASILEIRA – de janeiro 2020 a julho 2021 trouxe no mês de abril de 2021 a fotografia de Paulo Freire, com a imagem pessoas em círculo (lembrando os “círculos de cultura”).

Maria do Carmo Figueredo Soares

Engenheira de Pesca | SBPC-PE



Créditos: SBPC

Meu 1º encontro com Paulo Freire



Créditos: Acervo Paulo Freire

Esta fotografia, feita em 1963, na Escola Estadual José Rufino, no município de Angicos, localizado no Rio Grande do Norte (RN), registra uma experiência pioneira com o método de alfabetização proposto por Paulo Freire para alfabetizar adultos.

Na foto, sou a criança que está apontando para a escrita e lendo ao lado de minha mãe, aluna oficial da turma, enquanto eu me tornei “aluna”, por acompanhar minha mãe nas suas atividades escolares. Embora criança, fui alfabetizada junto com o grupo de adultos ao participar dos Círculos de Cultura, desenvolvidos durante essa experiência pioneira realizada em nossa cidade.

Na foto, eu estava lendo em voz alta diante de um público especial e mostrei ao então Presidente da República, João Goulart, que, além dos adultos, uma criança havia sido alfabetizada a partir de um método pensado para educar adultos, provando, assim, a eficácia do método freiriano de alfabetização, o qual mostrou, desde sua origem, um enorme potencial para educar jovens, adultos, idosos e até crianças e eu sou a prova viva disso.

Esse momento tornou-se inesquecível para mim. Ficou aprisionado em minha memória por ter aprendido a ler e escrever e pelo que representou essa experiência de alfabetização para minha opção profissional pela docência.

Maria Eneide de Araújo Melo

Professora | SEEC do RN

Meu reencontro com Paulo Freire



Créditos: Acervo Paulo Freire

Conheci Paulo Freire pessoalmente em 1963, ainda criança, quando, por acompanhar meus pais à sala de aula, fui alfabetizada juntamente com um grupo de adultos em uma experiência pioneira de alfabetização desenvolvida no Brasil em apenas 40 horas.

Sim. Eu tive o privilégio de fazer parte da experiência de educação que revolucionou o modo de ensinar a ler e a escrever no Brasil e que até hoje serve de modelo para outras experiências em diferentes países do mundo. Esta fotografia foi feita 30 anos depois, na Escola Estadual José Rufino, no município de Angicos, localizado no Rio Grande do Norte.

A foto é um registro do retorno desse educador à nossa cidade, Angicos, palco de uma experiência espetacular e bem sucedida com a educação popular. Foi a partir de minha própria experiência com o método de alfabetização idealizado por Paulo Freire, que optei pela docência, me tornei professora alfabetizadora, uma pedagoga que tem dedicado à vida à educação, contribuindo com a educação do meu povo.

O evento aqui retratado é um registro histórico do reencontro de Paulo Freire comigo, agora, adulta e com o grupo de alunos alfabetizados a partir de sua proposta de educação libertadora, momento de emoção indescritível por estar diante daquele que me guiou para a educação.

Maria Eneide de Araújo Melo

Professora | SEEC do RN

Concepções do fazer docente, construção identitária

Pedagogia da Autonomia passou a ser um manual que me acompanha ao longo dos anos como docente. Conheci essa obra do autor quando cursava o curso de pedagogia onde a professora da disciplina de Prática de Ensino solicitou que os alunos fizessem um resumo de cada capítulo do livro.

Essa atividade me ajudou a reavaliar minhas concepções do fazer docente, da construção identitária do professor. Pois ele nos mostra como nossas ações são pessoais, profissionais e coletivas, pois o objeto do trabalho docente é a aprendizagem do aluno.

Em cada capítulo estão presentes as concepções que descrevem claramente a prática docente permeada por um modelo de prática que não se atem ao ensino de conteúdos. O autor enfatiza em sua escrita, que não podemos enquanto educadores acreditar que o conhecimento é estanque, algo que está pronto e acabado, e sim em movimento constante, e com isso mudam-se as práticas pedagógicas usuais pautadas na transmissão de conteúdos, na memorização e regras prontas que não ajudam a aprendizagem dos educando.

Marly dos Santos Alves

Docente | Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará



Créditos: André Guerra



Créditos: Isabel Miguel da Silva

“Ensinar não é transferir conhecimento”

Pedagogia da Autonomia é uma obra necessária e fundamental para formação de educadores e educadoras. A forma como Paulo Freire dialoga, escreve e aborda questões relevantes acerca da educação permitir a qualquer leitor se encantar com o seu poder de síntese, concomitantemente com sua criticidade, ousadia... É possível senti-lo no texto. Fantástico!

O meu primeiro contato com a obra freiriana foi em 2009, no curso de Licenciatura em Pedagogia, estava iniciando na docência e tive a satisfação de conhecer sua concepção de Educação Libertadora.

A obra freiriana me fez compreender que “ensinar não é transferir conhecimento”, mas um processo de construção de conhecimento mútuo, no qual vários fatores devem ser considerados, a fim de possibilitar uma aprendizagem significativa para discentes e docentes, sobretudo para uma transformação social.

Foi possível conceber a relevância da relação dialógica entre educandos e educadores (as), buscando efetivar uma prática pedagógica problematizadora, libertadora, crítica e política dentro e fora da sala de aula. Portanto, Paulo Freire contribuiu para a minha formação pessoal e profissional.

Milton César Apolinário

Professor da rede Estadual e Municipal | SEEC/RN na E. E. Cel. Antônio do Lago.
E Secretaria Municipal de Educação Básica e Cultura de Ceará-Mirim/RN.



Créditos: Neuza Ribeiro

A Pedagogia do Oprimido como um ato amoroso

Em Pedagogia do Oprimido, Paulo Freire apresenta seu método de educação popular como uma prática capaz de libertar pessoas oprimidas pelas astúcias de um modelo educacional limitante, massificado e ajustado aos interesses das classes dominantes.

Ancora-se no conceito de práxis emancipatório-crítica, entendida como estratégia para superação da contradição opressor-oprimido, é reflexão e ação humana sobre o mundo para transformá-lo. Por aproximar-se do conceito de museologia social, corrente teórica caracterizada pela apropriação política e afetiva do museu pelas comunidades, a leitura desse livro serviu como referência para a criação do Museu Indígena do Catu dos Eleotérios, situado em território potiguara na microrregião do litoral sul potiguar.

Diante do cenário de dominação imposto durante séculos aos seus ancestrais com o objetivo de apagar suas vidas e silenciar suas vozes, a resistência em reafirmar atualmente sua identidade e lutar pelo direito de reescrever sua própria história num espaço museal, implicou um gesto de libertação da condição de “dominados” e um ato político transformador da realidade.

Essa experiência freireana, me permitiu ocupar de forma dialógica o lugar de mediador, estimulando espaços de fala e de escuta nos quais vozes indígenas pudessem protagonizar os métodos e repercutissem ao máximo a proposição de ações, indicações, ocultamentos e decisões coletivas. Pude vivenciar o diálogo como um ato amoroso, manifestado na dialogicidade das relações e no comprometimento com as causas para a libertação dos oprimidos, significou um aprendizado que pretendo cada vez mais compartilhar.

Nilton Xavier Bezerra

Professor de Artes Visuais (IFRN) | Doutorando do Programa de Pós Graduação em Educação Profissional (PPGEP/IFRN)

Ensinar exige respeito à autonomia do ser do educando



Créditos: Amélia Cristina de Oliveira

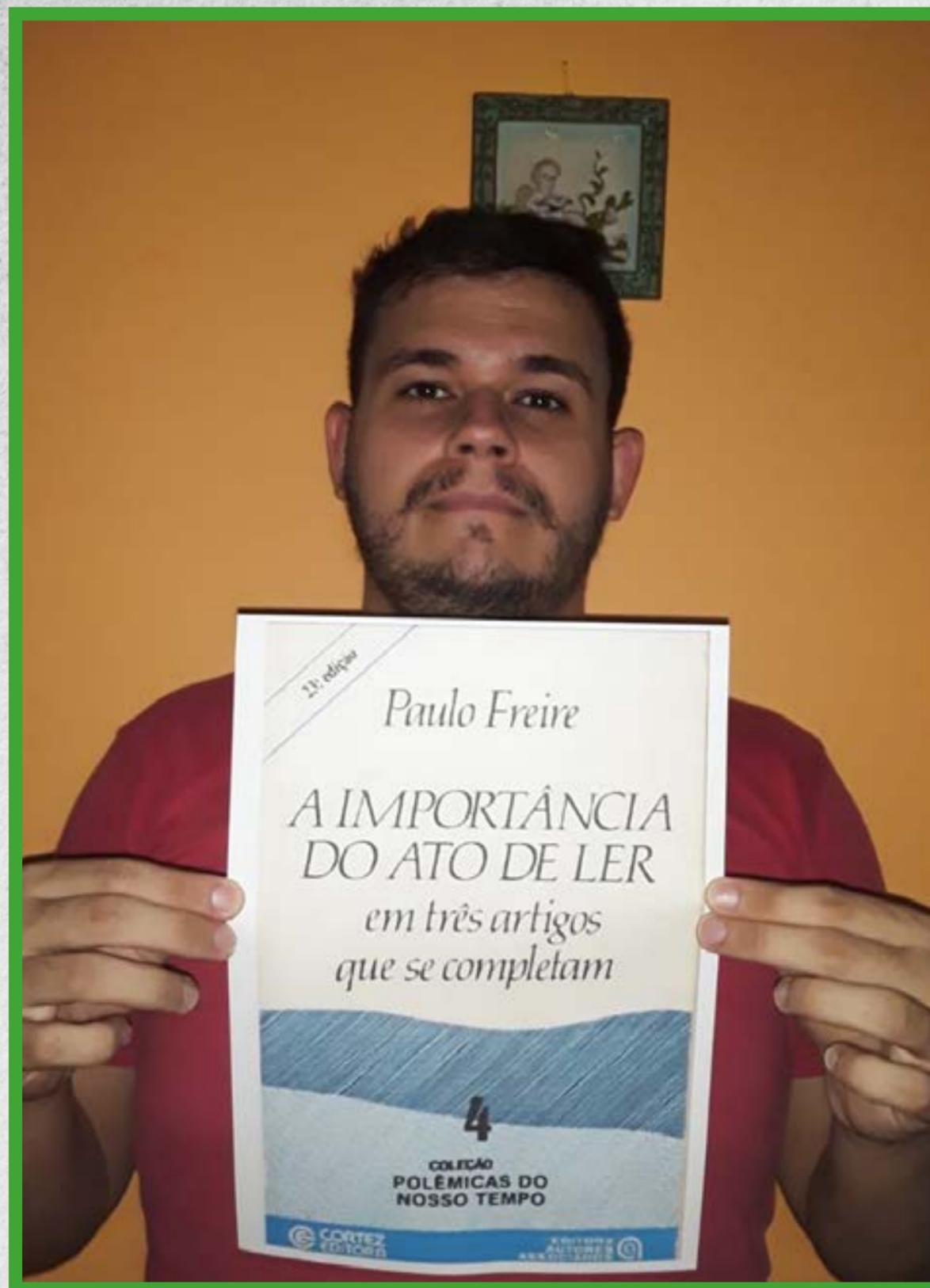
Paulo Freire mostra, na Pedagogia da Autonomia, a educação como um ‘fazer’ essencialmente humano, inscrita na história social concreta. Na pedagogia freireana sobressai uma concepção ampla de Homem, já que o sujeito não se reduz a mero expectador da realidade. Trata-se de um ser que opera e transforma o mundo, consciente de sua incompletude e vivendo numa busca permanente de autoconhecimento.

Meu contato inicial com a obra de Paulo Freire se deu durante minha graduação em pedagogia, em 2006; não obstante, a aproximação mais sólida tem se dado no meu cotidiano profissional com a Educação de Jovens e Adultos (EJA), no Sesc Ler Nova Cruz, de 2013 até o presente momento.

Diante da Pedagogia da Autonomia, aprendi a ver o homem como um ser “no” mundo e “com” o mundo. Entendo que quanto mais o sujeito simples – que não teve a oportunidade de escolarização regular – conhecer as condições concretas de sua realidade, mais poderá realizar a busca de transformação de seu mundo fenomênico. Com a EJA, trabalhamos na perspectiva de buscar uma posição reflexiva do educando, no qual, educadores-educandos e educandos-educadores, numa dialética relação de reflexão-ação e ação-reflexão, tornam-se sujeitos da práxis.

Palloma de Souza Silva

Orientadora Pedagógica | Aluna Especial da Disciplina Processos Cognitivos, Teorias da Aprendizagem e Educação Profissional - Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (PPGEP-IFRN)



Créditos: Elaine Medeiros

O Essencial é Saber Ler

Li este livro alguns anos atrás por mera curiosidade. Sempre fui muito de ler livros pela curiosidade que me atraíam seus títulos; assim mesmo, até os dias de hoje leio-os e também artigos científicos, de igual maneira: tenho queda por seus títulos.

Neste livro, Paulo Freire trouxe-nos uma reflexão voltada ao contexto e importância da leitura. Embora pelo termo pareça algo simples, no retrato das sociedades e suas desigualdades, das suas culturas e suas amplas realidades, é sempre importante falar do quanto se é importante ler.

Como diria o poeta Fernando Pessoa, “o essencial é saber ver, saber ver sem estar a pensar, saber ver quando se vê, e nem pensar quando se vê nem ver quando se pensa”. Parafraseando-o, troque o “ver” pelo “ler” e temos um pensar próximo de Freire, dentro da nossa realidade educacional.

É importante que saibamos e continuemos a almejar inovações em nossas práticas, que saibamos avaliar nossos contextos em diferentes contextos (e diferentes contextos), inovando o papel do educador não apenas na sala de aula, mas também fora desta. Buscando propagar uma educação no contexto dos educandos de forma libertadora, não opressora e que permita o progresso dos estudantes no seu cotidiano e no seu futuro profissional.

Paulo Ivo Silva de Medeiros

Profissional da Educação e Meio Ambiente/Autônomo | IFRN/UFRN



Créditos: Priscila Gomes de Souza (própria autora)

Ninguém é sujeito da autonomia de ninguém. Paulo Freire

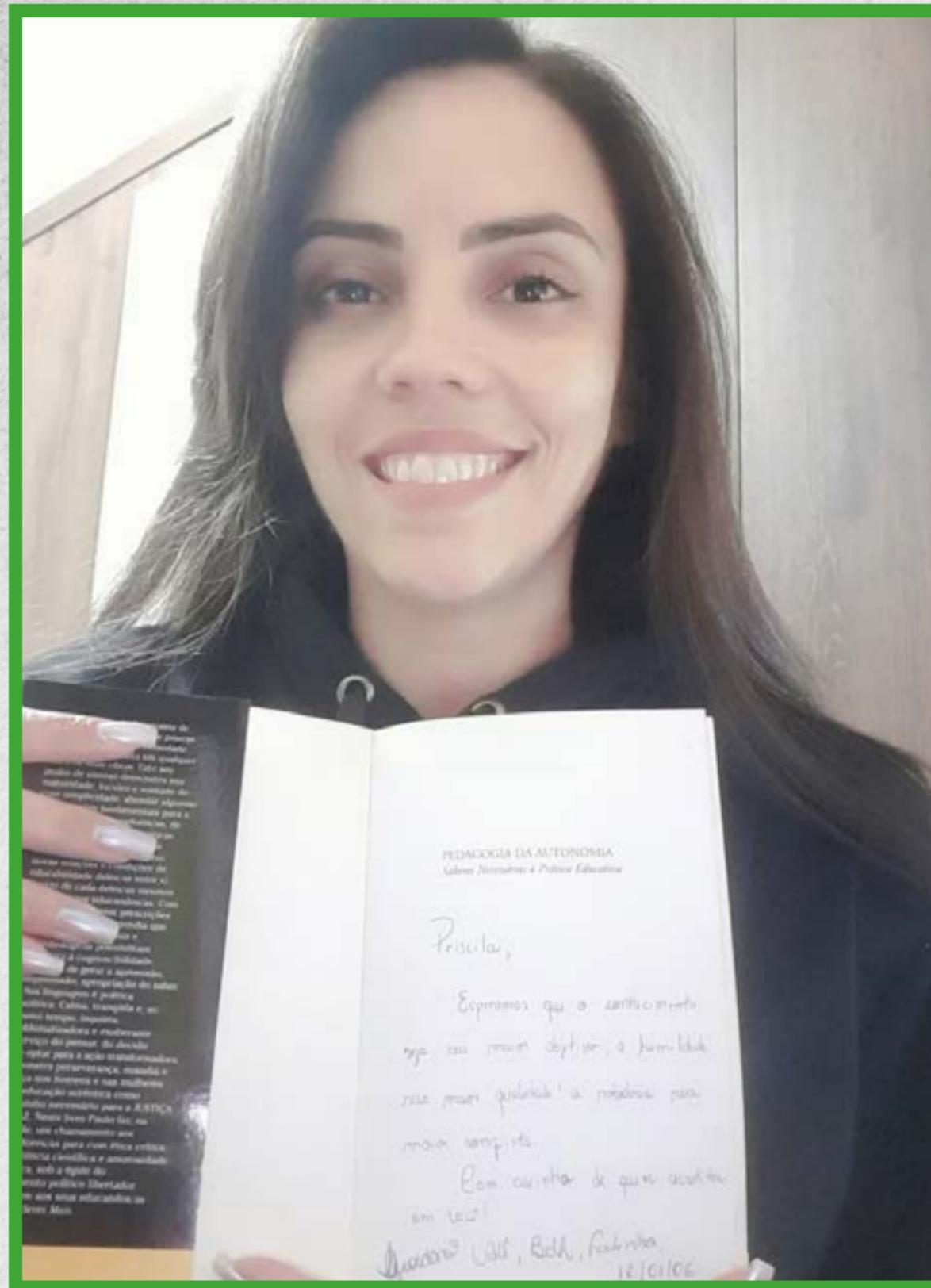
A leitura do livro Pedagogia da Autonomia de autoria de Paulo Freire, patrono da educação brasileira, nos mostra como ensinar, criando uma ação transformadora a partir da ética crítica, da competência científica, da amorosidade autêntica e com engajamento político.

Propõe condições e métodos, sem excluir, mas que devem ser uma pedagogia pelo diálogo, pela comunicação, que possibilite uma consciencia crítica do mundo. O meu contato inicial com o manuscrito ocorreu no curso de licenciatura em música que realizei na UFRN.

Por que Pedagogia da Autonomia? Pois, sou educadora musical, musicista, professora de Arte e trabalho com conteúdos que conduzem os estudantes à pesquisa e formação crítica. A leitura da Pedagogia da Autonomia mostra o respeito que devemos ter pelos conhecimentos dos alunos e aproveitar as suas experiências de vida, buscando uma formação ética e estética, estimulando a criticidade e a curiosidade, mas sem discriminar seus gostos e preferencias artísticas e musicais. A dimensão individual e de classe dos nossos alunos, com a questão de identidade cultural, devem ser respeitadas.

Priscila Gomes de Souza

Professora | IFRN



Créditos: Priscila Patrícia Moura Oliveira

Saberes necessários à prática educativa

O subtítulo do livro, Saberes necessários à prática educativa, já indica o quão imperativa é a leitura da obra para os profissionais da educação. Recebi de presente este pequeno grande livro em 2006, por ter passado no vestibular para o curso Normal Superior.

Confesso que a primeira leitura acabou por me confundir, pois intimamente eu pensava não fazer sentido haver tantas exigências para trabalhar com crianças. Porém, à medida que o curso decorria e que minha paixão pela sala de aula crescia, percebia que o trabalho docente é envolvido em complexidades que nada tem a ver com a idade do educando.

Então, decidi ler novamente a obra, e dessa vez, com um novo olhar para o fazer docente, pude compreender a importância das recomendações do autor. Enquanto expõe seu pensamento, Freire provoca no leitor uma profunda reflexão sobre a docência, deixando claro que ela é muito mais complexa do que parece.

Ao mesmo tempo em que seguidamente enumera demandas para uma prática educativa significativa, Freire as destrincha de maneira simples, objetiva e quase poética. Assim, ao fim do livro, no lugar de se sentir pressionado a atender exigências, o leitor acaba por sentir-se motivado a buscar, através delas, a transformação de sua prática.

Priscila Patrícia Moura Oliveira

Professora | SEE - MG



Créditos: fotografia desconhecida

Menos medo, mais ousadia

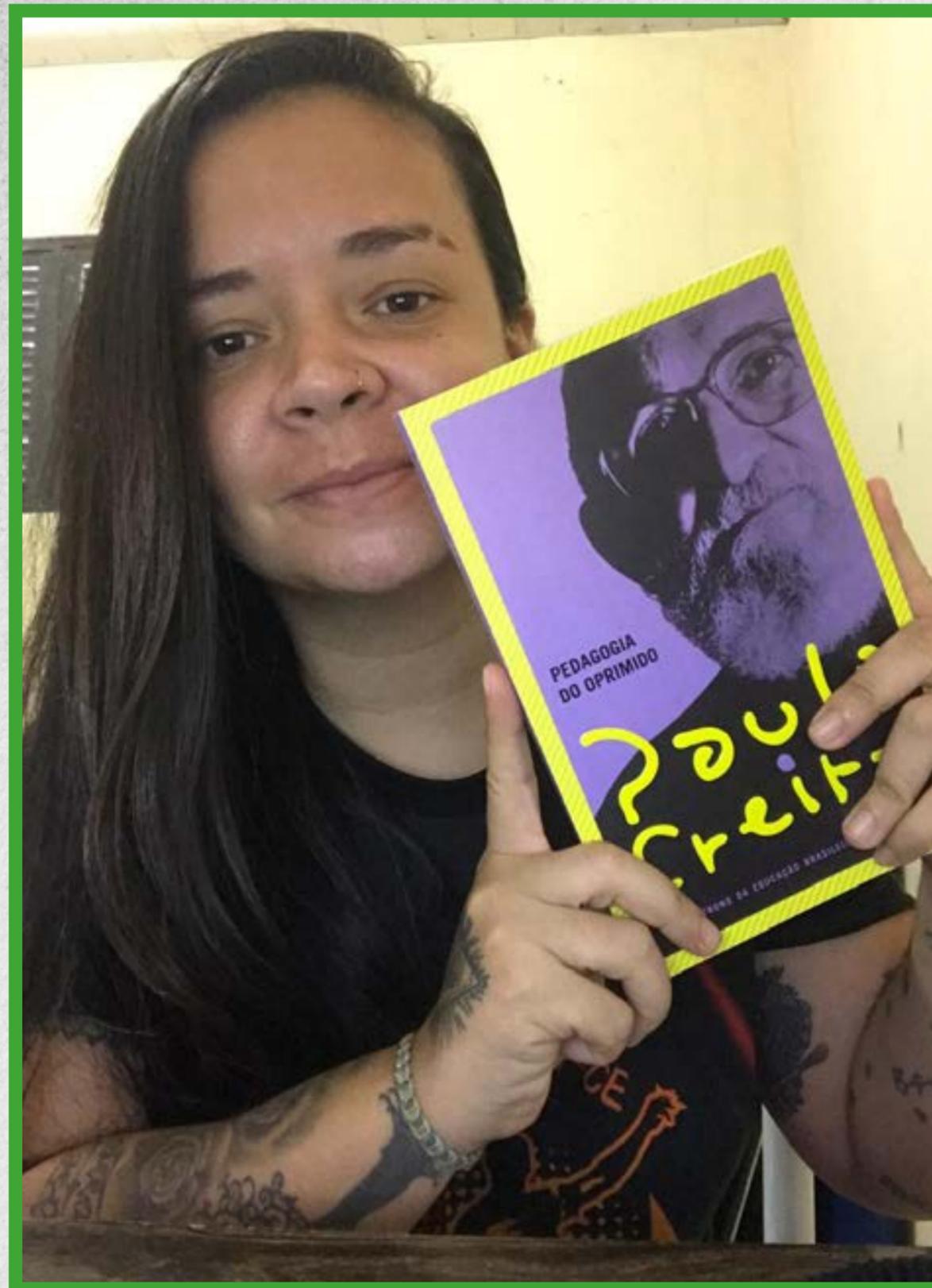
O professor trabalha a favor de alguma coisa e contra alguma coisa”. Essa afirmação foi para mim ao mesmo tempo um soco no estômago e um copo d’água fresca no calor da pequena cidade de Ipanguaçu (RN), onde trabalhava quando a li pela primeira vez.

Eu, professora de inglês, língua dominante, língua relacionada diretamente ao poder simbólico, bélico, científico, senti, sempre, que havia uma contradição inerente à minha prática. Eu queria trabalhar por uma certa “emancipação”, mas levava para a sala de aula um instrumento de dominação. E foi durante a leitura de “Medo e ousadia: o cotidiano do professor” que eu me vi diante do espelho, finalmente com alguma clareza. “Eu trabalho a favor de alguma coisa e contra outra. A favor do quê eu quero trabalhar? E contra o quê?” Essas perguntas foram uma bifurcação no meu percurso formativo. A partir delas não tinha mais volta: eu precisava tomar uma decisão.

O diálogo entre Paulo Freire e um professor também de inglês (ainda que como língua materna) me ajudou a passar através do espelho da reflexão e vislumbrar possibilidades de prática, exemplos de ações e omissões do que chamavam o “professor conservador” e o “professor libertador”. E assim minha decisão, já tomada dentro de mim, foi finalmente partejada.

Priscila Tiziana Seabra Marques da Silva Aliança

Professora do IFRN - Parnamirim; doutoranda do PPGEP



Créditos: Rayane Lourenço

Antes oprimida, hoje liberta

O livro Pedagogia do Oprimido de autoria de Paulo Freire, patrono da educação brasileira, é ambiente de aprendizagem obrigatório para os integrantes do campo da educação pois reflete, entre outras ricas ideias, sobre a consciência de classe.

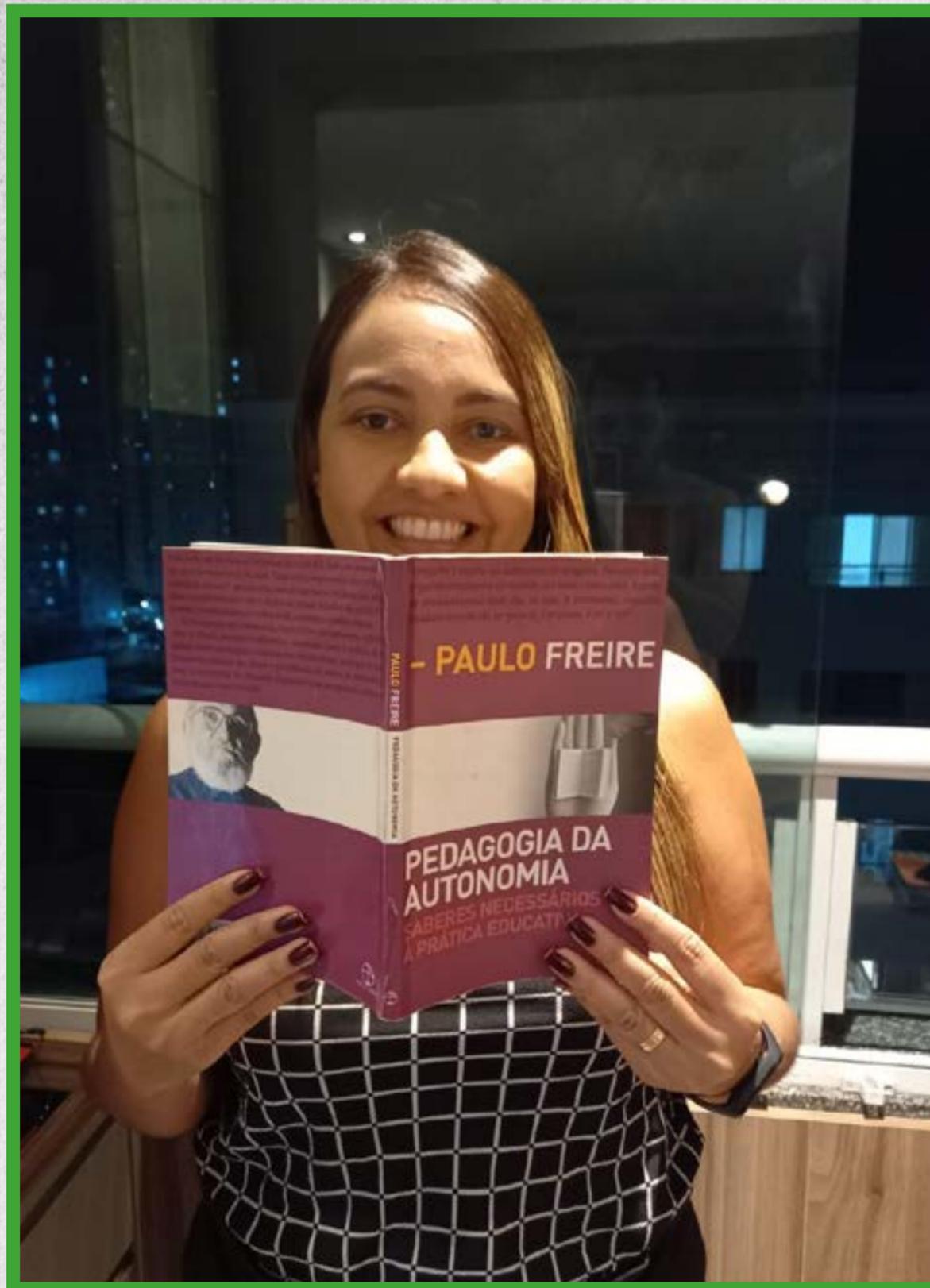
O meu contato inicial com o manuscrito ocorreu no curso de graduação em Biologia que realizei no IFRN, campus Macau/RN. Por que Pedagogia do Oprimido? Pois, sou mulher, sou lésbica, ex jogadora de futsal e professora de Educação Física inserida em ambientes extremamente patriarcais que por muitas vezes tentam me calar ou diminuir.

A leitura da Pedagogia do Oprimido surge como uma saída de resistência diante das diversas formas de discriminação e de preconceito que a mulher lésbica sofre diariamente na sociedade. A lucidez sobre os condicionantes das relações estabelecidas entre opressores e oprimidos se tornam bastante evidentes na leitura da citada obra.

O livro nos impulsiona a ser pessoa crítica e desenvolvida. Agradeço imensamente aos professores e as professoras que contribuíram a partir de Freire para a minha formação para o campo da educação. Viva Paulo Freire!!!

Rayane Lourenço de Oliveira

Professora | Mestranda



Créditos: Leonilson Cavalcanti dos Santos

O encontro com Freire e a transformação de uma vida docente

Ainda na graduação em História, no ano de 2012, a primeira obra que li integralmente de Paulo Freire foi o transformador *Pedagogia da Autonomia Saberes Necessários à Prática Educativa*. Logo que o adquiri e passei os olhos nas primeiras páginas, tratei imediatamente de protegê-lo como quem protege um tesouro.

Não poderia imaginar que aquela primeira experiência, ainda que superficial, formaria os alicerces da minha atuação profissional até os dias de hoje. A passagem do tempo não desfez os riscos, rabiscos e destaques feitos à época por uma estudante pouco experiente.

Hoje, mais madura, regresso àquela leitura e percebo o quão relevante foram aquelas observações para a minha formação profissional mas também e sobretudo formação humana. Revisito aqueles textos que jugara importantes e revivo conhecimentos que hoje fazem parte do que sou. Por fim, encerro as minhas memórias destacando “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção.”

Dentre os muitos trechos com os quais me identifiquei profundamente, e neste em especial, Freire nos ensina que o processo de ensino e aprendizagem não ocorre de forma unilateral, mas o professor conhecedor da historicidade de seus alunos deve refletir acerca do ensinar. Ele deve instigar em seu aluno as condições necessárias para que este sujeito seja capaz de produzir o seu próprio conhecimento.

Rayssa Cyntia Baracho Lopes

Professora | Aluna especial do Programa de Doutorado

Por quê? Pra quê? Falar do seu Método, esperar?

Para comemorar o aniversário do Patrono da educação brasileira, apresento este pequeno texto e importância das suas obras para minha vida pessoal e acadêmica. Por quê? Pra quê? Falar do seu Método, esperar?

A resposta pode estar “numa cidadezinha nos fundos do Nordeste onde o sol seca e resseca tudo que há” restou-se o que veio a se chamar = “O Método de Paulo freire de alfabetização de adultos”.

De acordo com FREIRE, 2006 faz-se necessário o respeito às diferenças, pois é na própria realidade que se constrói a segurança. É importante perceber que a segurança se dá em razão de “conhecer algo”, por este motivo deve-se sentir-se seguro, o conhecimento favorece este sentimento.

O professor não pode poupar esforços para mostrar-se seguro, dando assim abertura ao outro, disponibilidade à curiosidade que são desafios necessários à prática educativa.

Fechar-se ao mundo, e aos outros não possibilita esta prática, pois o mundo deve ser aberto ao sujeito numa relação dialógica entre inquietação e curiosidade, em permanente movimento da história. Apresento meus registros de aluna a professora que continua a esperar!! Viva Paulo Freire!!!
Rejane Cassiano Vieira Meneses.



Créditos: Rejane Cassiano Vieira Meneses

Rejane Cassiano Vieira Meneses

Professora | Aluna Especial | Doutorado



Créditos: Rodrigo Cavalcante

Uma experiência tardia, mas educativa e libertadora

Em mais de uma década como professor nunca havia lido um livro completo de Paulo Freire. Durante a licenciatura, talvez por falta de maturidade ou de um estímulo mais intenso, li apenas pequenos trechos obrigatórios em algumas disciplinas.

Àquela época, os trechos que li sempre me pareceram utópicos ou sem a menor vinculação com minha área de formação, a física. Fazer a leitura de Educação para a Liberdade após mais de uma década de experiência em sala de aula foi uma experiência que solidificou muito minha visão da educação, ao mesmo tempo que me mostrou o quanto eu estava enganado na época de graduação (que bom que estava).

Os escritos de Freire discutem valores a serem seguidos por todo educador, não são manuais de instruções. Ao perceber essa diferença pude entender que não adianta buscar em Freire as respostas, pois seu foco sempre foi questionar e nos fazer refletir. Uma educação para a liberdade é muito mais um princípio do que um fim.

Diferente da interpretação rasa de que uma educação liberta é uma educação indisciplinada, o que devemos entender, e esse entendimento é minha melhor experiência nessa leitura, é que quanto mais liberta for a educação, melhor a qualidade da formação técnica, científica e social que ofertamos.

Rodrigo Cavalcante

Docente | IFRN



Créditos: César Melo

A esperança que nos leva a autonomia

A leitura deste manuscrito é essencialmente necessária para todos os educadores e educadoras que, assim como Freire, acreditam em uma prática educativo-progressista que compreendem os saberes educacionais vinculados ao pensar crítico.

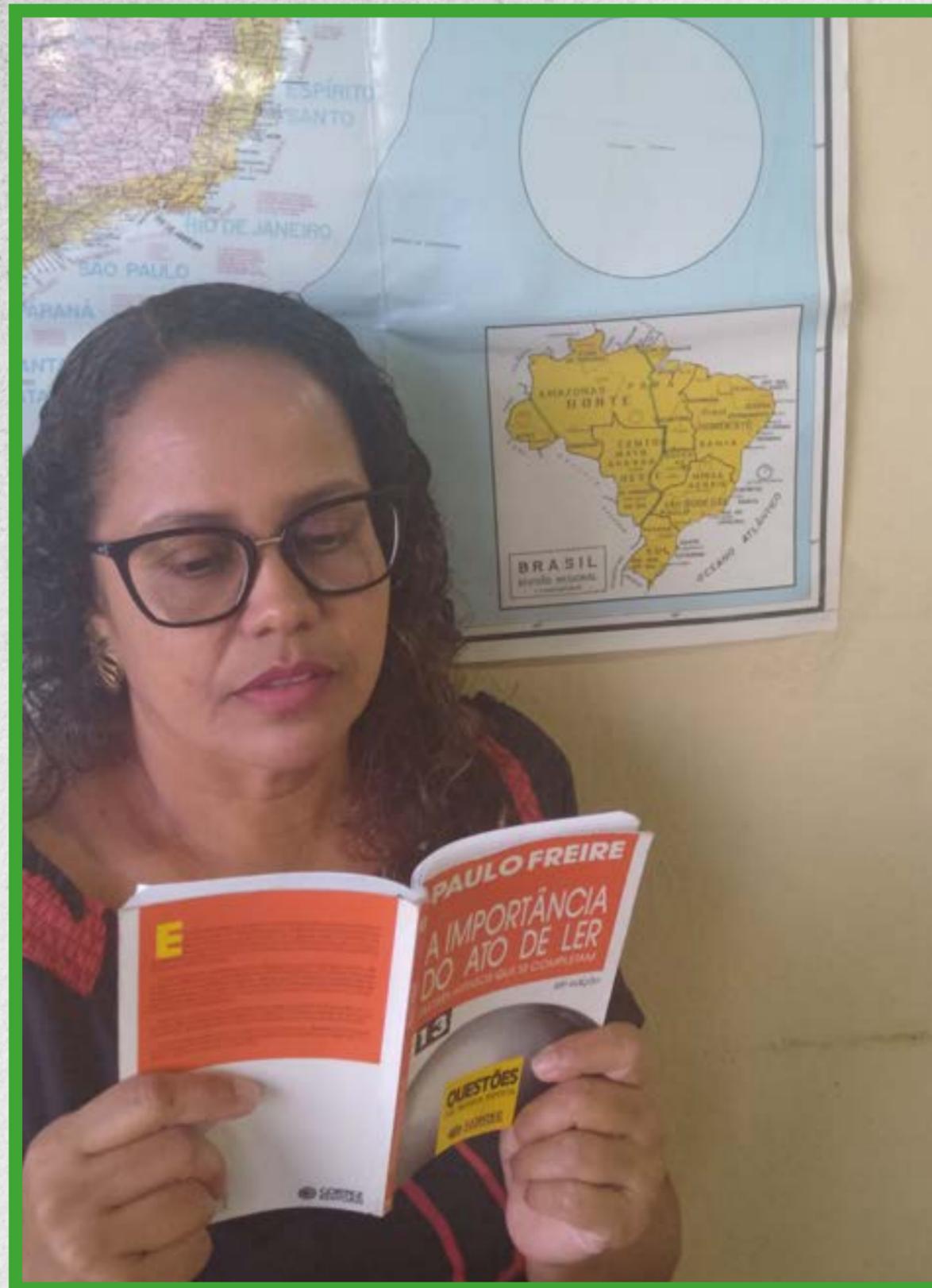
A obra define a educação como um processo humanizante, político, ético, estético, histórico, social e cultural, com saberes fundamentais à prática do educador a partir da reflexão. Para o teórico, ensinar significa ir além da transmissão de conhecimento, e envolve os processos de interação social, de liberdade e de libertação do educando.

O ser humano é um ser inacabado, e como tal, está em constante construção através do convívio social. Enquanto mediadores do conhecimento, os educadores devem participar da construção de sonhos com ética, bom senso, alegria e esperança.

Educadores e educandos, juntos ensinam, aprendem, produzem, dialogam e mudam suas realidades por meio da autonomia, do desejo e da esperança de pertencerem ao mundo em que não são passivos, mas protagonistas de transformações. A partir destas lições, o manuscrito de Paulo Freire “Pedagogia da Autonomia”, que cruzou o meu caminho nos anos 2000, ainda na graduação de Pedagogia, tornou-se imprescindível para a minha jornada no campo da educação.

Sandra Maria Andrade dos Santos Melo

Professora | IFRN



Créditos: Ana Nicole Cunha

A importância do ato de ler que liberta

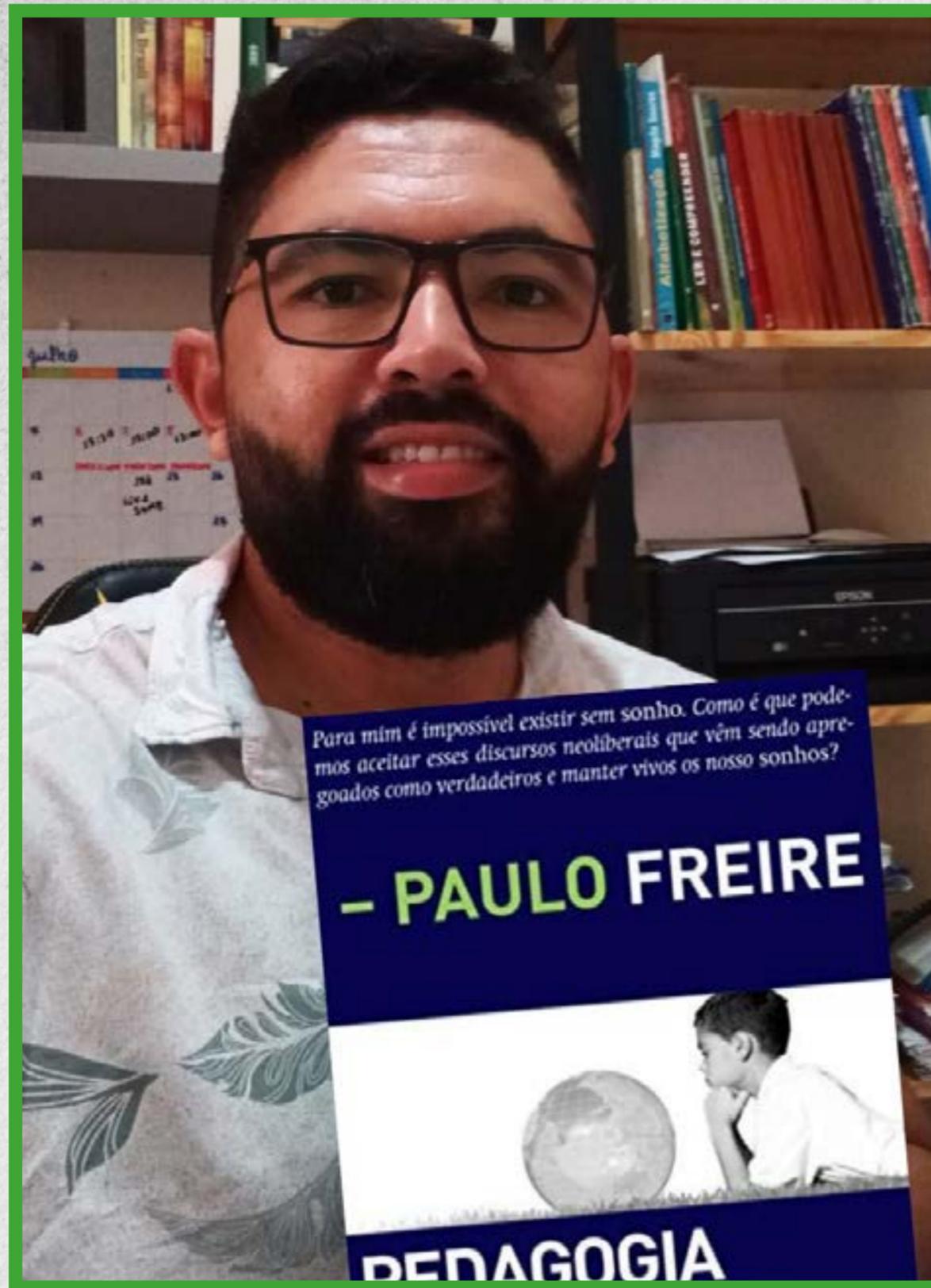
Meus pais aprenderam a ler e escrever pouco, minha mãe tinha trauma de matemática, devido à palmatória. Quando adultos, resolveram voltar a estudar, pensando ressignificar a vida, a partir da educação e da liberdade profissional.

Entrei na Pedagogia e na extensão da EJA no Programa: Brasil Alfabetizado, parceria da UFRN com a secretaria municipal de Natal. Passei 18 (dezoito) meses nesta turma, fui professora dos meus pais, aprendendo o processo reflexivo/educativo. Culminamos com o Cordel: A Vila de Ponta Negra, publicado pela UFRN.

Como sou eterna aprendiz, com Paulo Freire, aprendi que: “A Importância do Ato de Ler” modifica o pensamento, sensibiliza o olhar pelo outro, nos proporciona o sentimento de pertencimento de mundo, que os educandos não são depósitos de conhecimento e nem os educadores são detentores do conhecimento. Como nos diz Paulo Freire: “a leitura de mundo precede a leitura da palavra” e que a “educação deve ser libertadora”. Não há melhor aprendizagem do que aquela que proporciona prazer e liberdade.”

Shirley Soares da Silva Cunha

Psicopedagoga | aluna especial do mestrado e servidora terceirizada do IFRN/
CNAT



Créditos: Stepheson Ray de Oliveira

O Letramento Crítico permite o resgate da cidadania

Nas escolas brasileiras, o modelo de letramento que predomina e norteia as práticas pedagógicas é o autônomo. Essa concepção prevê a aquisição da escrita como um processo neutro, não leva em conta as relações de poder de uma sociedade e se diz livre de ideologias.

Porém, assim como Paulo Freire, concebo a escrita como uma prática discursiva que oportuniza uma leitura crítica sobre as relações entre o eu e o outro. A criticidade é um meio para resgatar a cidadania entre os cidadãos para que possam se posicionarem e lutarem por uma melhor qualidade de vida e transformação social por meio de movimentos sociais.

Logo, o letramento crítico, modelo que permite questionamentos, considera a pluralidade de ideais e concepções e que é voltado para a responsabilidade social e política, a partir da interpretação dos problemas sociais é fundamentado em várias obras de Paulo Freire, embora ele não faça uso desse termo. Mas, a voz é um direito nosso e ela nos permite perguntar, dialogar, sugerir, criticar... Portanto, “Ter voz é ser presença crítica na história” (FREIRE, 2001, p. 130) – Pedagogia dos Sonhos Possíveis.

Stepheson Ray de Oliveira

Professor | Governo do Estado do RN e Mestrando em Estudos da Linguagem - UFRN.

Projetos de Letramento: um Trabalho que Promove a Autonomia dos Alunos

No ano de 2017, realizei um trabalho sob a perspectiva de projetos de letramento, numa turma do 5º ano, Escola Municipal Monsenhor Exedito, município de São Paulo do Potengi/RN. A obra freireana, Pedagogia da Autonomia, contribuiu significativamente para o trabalho. Este tipo de trabalho, projetos de letramento, bebe na fonte freireana.

Devido a isso, oportunizou aos alunos uma visão problematizadora acerca da temática, promoveu a autonomia nas interações, concedeu o direito de voz aos envolvidos e destacou a importância da criticidade. Além disso, valorizou e respeitou a cultura dos sujeitos da experiência.

Os participantes tiveram uma aprendizagem significativa, devido fato de terem sido estimulados a buscarem e construïrem saberes; logo, não foi um ato limitado a transmissão de conhecimentos. Sob essa concepção freireana, os alunos aprenderam por meio de experiências cotidianas e solucionando problemas, para que intervenham nos meios sociais nos quais estão inseridos.

Stepheson Ray de Oliveira

Professor | Governo do Estado do RN e Mestrando em Estudos da Linguagem - UFRN.



Créditos: Stepheson Oliveira



Créditos: Yuriana Soares e Larissa Ferreira

Conhecer a realidade criticamente para transformá-la

O livro “Pedagogia do Oprimido” de autoria de Paulo Freire, grande teórico da educação brasileira, é uma leitura essencial para compreender como as relações de opressão operam sobre a desumanização dos oprimidos. Meu primeiro contato com a obra foi durante a minha graduação em Serviço Social na UFRN, e em especial, sobre a discussão entorno da concepção bancária de educação, a qual apenas deposita conhecimentos nos educandos, e, portanto, serve a dominação.

Momento marcante na minha trajetória revelando uma realidade até então encoberta por esta forma mesmo de educar. Mas Freire no seu compromisso com a educação e com o pensar crítico não nos deixa no fatalismo. Ele nos apresenta a educação problematizadora, esta, comprometida com a libertação dos homens, e fundamentada no diálogo para reflexão e ação com vistas a transformação da realidade.

A leitura da obra me inspira pela profundidade e riqueza das discussões, assim como pelo caráter revolucionário, e ao mesmo tempo me desafia a reafirmar todos os dias na minha práxis o meu compromisso com os oprimidos, de lutar com eles por sua libertação.

Talita Fátima Melo Vieira da Silva

Assistente Social | IFRN



Créditos: Vilma Marcelino S. Matias

Paulo Freire é o símbolo da Arte do Ensino

Ganhei este livro da minha querida irmã, Talita no início do ano de 2018 onde começaria uma nova fase da minha carreira profissional como docente do IFCE.

Um livro que me guia até hoje nas propostas realizadas com meus alunos e que me transporta para reflexões importantes quanto a minha conduta profissional.

Além disso, trazer esses saberes da Pedagogia da Autonomia na formação de futuros professores de Música é, sem dúvida, uma forma de fazer compreender que a Arte através da palavra, da melodia e do som é sinônimo de potência de transmissão de uma educação e cultura de qualidade para todos.

Thaise Cristina Marcelino Matias

Professora e Cantora | Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará campus Limoeiro do Norte



Créditos: Débora Lana Alves Monteiro

*Ressignificação de práticas profissionais e cotidianas a partir da leitura de **Pedagogy of the Oppressed***

Em meados do ano de 2009, quando fazia minha graduação em Letras-Língua Inglesa e, ao mesmo tempo, trabalhava em um famoso cursinho privado de Inglês, durante a disciplina de prática pedagógica, fomos incentivados a ler livros de Paulo Freire e discuti-los com o resto da turma. Nessa época, estava no início da minha carreira docente e em uma batalha cansativa acerca da conciliação entre um trabalho demasiadamente sufocante, baseado em técnicas primitivas de intimidação e busca desenfreada por geração de mais-valia para o patrão, estudo acadêmico e a luta do meu pai que sofria de câncer. O livro escolhido foi *Pedagogy of the Oppressed*.

Ao lê-lo, me dei conta de que as práticas predatórias sofridas na escola de Inglês estavam refletindo sobre minha postura em relação aos meus colegas de sala mais atrasados. Um garoto pobre de periferia, em pouquíssimo tempo de contato com práticas gerenciais capitalistas que visavam apenas o lucro em detrimento da saúde dos professores, fomentava práticas de desprezo e desumanização com meus colegas. Parte disso aconteceu porque havia sido humilhado por eles/elas no início do curso por “falar inglês errado” e misturar duas línguas durante os seminários, dessa forma, essa grosseria em retorno era parte de um sentimento raso de revanchismo.

A partir da leitura de *Pedagogy of the Oppressed*, percebi o papel da “conscientização” por meio de diversos saberes/fazer. Ao analisar minhas atitudes, percebia, pouco a pouco, que eu, outrora oprimido, me tornara opressor. Com a leitura de Freire, minha atitude foi mudando e crescia mais e mais o gosto por sua pedagogia, além da vontade de me libertar daquela realidade profissional em que eu me encontrava.

Destarte, comecei a voltar-me para práticas pedagógicas mais libertadoras. Em 2011, fui aprovado no concurso de professor do IFPB, onde trabalho até os dias atuais, atuando como coordenador de Extensão e Cultura, pasta através da qual incentivo a criação de projetos na perspectiva Freireana através de “rodas de conversas” nas comunidades. Além disso, atualmente sou dono de um hotel na cidade de Campina Grande, na mesma periferia onde cresci. Por meio do diálogo com as pessoas com quem trabalho nessa empresa, não coloco-me em uma posição de superioridade, mas sim, em um lugar de diálogo constante em busca de aprendizagem e crescimento em prol da comunidade.

Thiago Jose Ferreira de Sousa

Professor e empresário | Aluno de Mestrado do PPGEP e Professor do IFPB



Créditos: Daniel Soares Brandão

Ensinar e aprender são experiências alegres por natureza

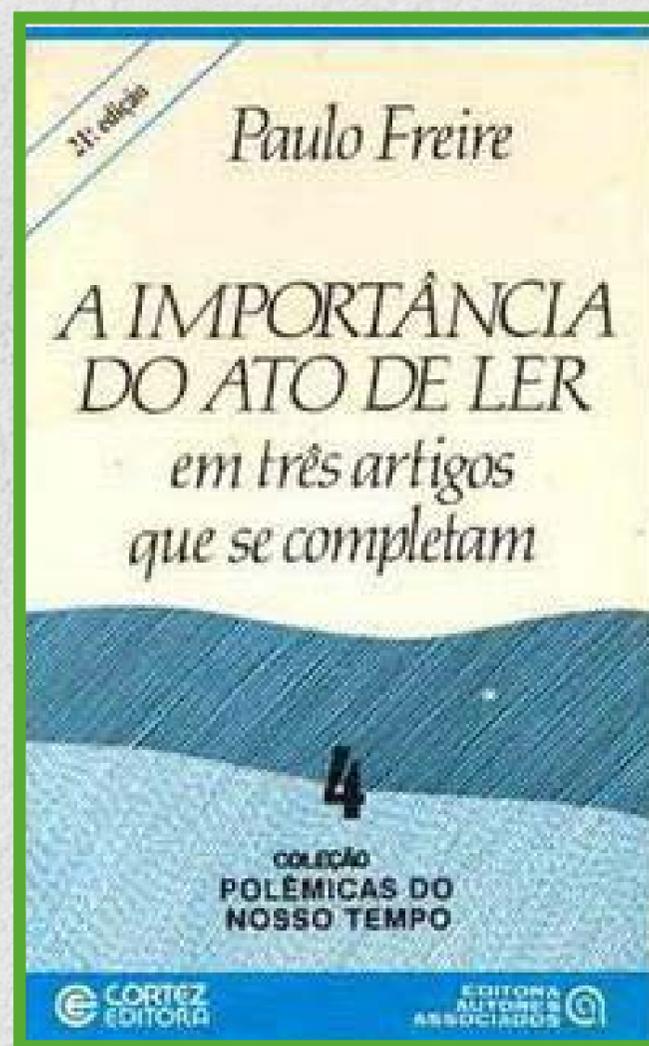
Filha de professora, meu contato com a literatura Freireana se deu ainda na adolescência. Naquela ocasião, por diversos fatores, os livros eram um refúgio seguro onde eu conseguia viver aventuras, construir estratégias para superar a minha realidade adversa e entender o mundo.

Observando, desde sempre que a Educação é capaz de transformar vidas e realizar sonhos, percebi que o método Paulo Freire estimula a alfabetização dos adultos mas vai muito além, versando sobre uma sociedade educativa e dialógica. Aqui, destaco o livro Pedagogia da Autonomia, que mostra que o ensinar, sendo uma especificidade humana, promove e favorece a emancipação social, ao mesmo tempo que milita pelo professor trabalhador que precisa sim de salário, de capacitação, de condições de trabalho mas que também precisa humanizar-se ao exercício do ensinar e do aprender.

Sim, eu decidi ser professora e em 2005 sentava nos bancos da UFRN para cursar Pedagogia, ansiosa e encantada por colocar em prática o que a autonomia Freireana me ensinava. Hoje sou professora do IFRN e trago as leituras, sonhos e encantamento despertados por Freire em minhas leituras juvenis, para minha prática e orgulho. Orgulho-me de tantas e tantas histórias de vida que presenciei e fiz parte. O IFRN muda histórias e a educação que oferecemos muda vidas.

Xênia Silva Gomes Brandão

Docente do Núcleo Didático-Pedagógico | IFRN - Campus Parnamirim



Créditos: Editora Cortez

Reflexões sobre a importância do ato de ler, de Paulo Freire

Reflexões sobre a importância do ato de ler, de Paulo Freire

É trabalhando a temática da leitura, discutindo sua importância, explicitando a compreensão crítica da alfabetização e do papel de uma biblioteca popular relatando e documentando suas experiências de alfabetização e de educação política que Paulo Freire produz sua obra, pensando e repensando sua própria prática, sua vivência pessoal. (Antonio Joaquim Severino)

A epígrafe aqui registrada, recortada do Prefácio do livro de Paulo Freire, já indica o teor do livro “A importância do ato de ler”. O livro apresenta a leitura vinculada à descoberta do mundo, à formação do leitor e à compreensão crítica da realidade. Essa percepção está atrelada ao processo de alfabetização, que permite a articulação de leitura e escrita a partir de uma perspectiva crítica e libertadora – em prol da transformação de si e do mundo.

O livro foi publicado em 1989 e se compõe de 3 textos distintos reunidos. O primeiro, “A importância do ato de ler” foi elaborado para realização da palestra de abertura do Congresso Brasileiro de Leitura de Campinas/SP em 1981. O segundo texto, intitulado “Alfabetização de adultos e bibliotecas populares – uma introdução”, é outra palestra elaborada para o XI Congresso Brasileiro de biblioteconomia e documentação, que ocorreu em João Pessoa em 1982. O terceiro, “O povo diz sua palavra ou a alfabetização em São Tomé e Príncipe” foi elaborado como artigo para publicação na Harvard Educational Review em fevereiro de 1981.

Os três textos se articulam para pensar a relevância da leitura na formação crítica da criança em formação, o papel das bibliotecas públicas na construção do leitor e a aplicação da leitura e da escrita nos cadernos de cultura popular na alfabetização de adultos em São Tomé e Príncipe quando da ascensão de um governo pós-colonial.

O autor nos lembra que: “Uma compreensão crítica do ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo” (FREIRE, 1989, p. 9). O mundo se dá a ler pelo indivíduo em formação e é a partir da compreensão do mundo que ele inicia a leitura. A leitura, portanto, é um fato social.

Em vários de seus textos, Paulo Freire parte sempre de uma experiência, no caso de “A importância do ato de ler”, ele parte de sua própria formação como leitor, apontando o papel da leitura escolarizada e do professor nesse processo.

A leitura assume assim um papel relevante na escola, não só no processo de formação da criança, mas também na alfabetização de adultos, o foco das experiências sobre que discorre nos textos posteriores. O autor afirma a alfabetização de adultos como um ato político e de conhecimento, porque ler o mundo permite refletir criticamente sobre ele, “reescrevê-lo” e, dessa forma, transformá-lo por meio de uma prática consciente.

O segundo texto, ao tratar sobre a alfabetização de adultos e as bibliotecas populares, reforça a questão da alfabetização de adultos refletindo sobre as relações entre leitura e escrita, o papel das bibliotecas populares nesse estímulo e na construção dos leitores e da educação como ato político. O autor situa a escola dentro do subsistema maior da sociedade, lembrando que, apesar de fazer parte de uma sociedade, ela não necessariamente precisa reproduzir os padrões sociais, aliás, a escola teria o papel de estabelecer relação dinâmica e tensionada com o meio social, buscando a superação das desigualdades. Dessa forma, além de estabelecer um papel político ao processo educativo, o autor reforça o papel do político do professor, que jamais pode assumir uma posição neutra, pois isso implicaria em meramente reproduzir e reforçar a desigualdade da sociedade. Diz ele:

Cada um de nós é um ser no mundo, com o mundo e com os outros. Viver ou encarnar esta constatação evidente, enquanto educador ou educadora, significa reconhecer nos outros – não importa se alfabetizando ou participantes de cursos universitários; se alunos de escolas do primeiro grau ou se membros de uma assembleia popular – o direito de dizer a sua palavra. (FREIRE, 1989, p.17).

Assumir o papel político implica, dessa forma, para o professor, desenvolver seu fazer pedagógico com os educandos, como prática consciente, como respeito ao outro em sua diversidade e diferença. Partir da realidade concreta do educando para constituir, com ele, uma educação libertadora. Os saberes do educando, assim respeitados, não engessam a perspectiva de ação do educador. Nesse sentido, reconhecer o saber do outro não é simplesmente aceitar tacitamente esse saber, mas fazer desse saber a base para a construção de novos saberes, construindo com os educandos uma ponte para a transformação.

Para Paulo Freire, nesse processo, é fundamental o educador evitar um posicionamento neutro ou ingênuo e assumir uma postura não só de reconhecimento do outro, mas uma postura política do processo educativo como um processo de transformação. Dessa forma, o educador não pode ser “ingênuo”, ou seja, não pode ignorar a realidade social em que se insere ou evitar discuti-la. Essa postura ingênua, na verdade, se configuraria em elitista, porque reproduz a ideia de que o educando é incapaz de pensar, de abstrair, de conhecer e de criar.

No terceiro e último texto do livro, intitulado “O povo diz a sua palavra ou a alfabetização em São Tomé e Príncipe”, o autor traz o relato acerca da aplicação do método Paulo Freire de alfabetização em São Tomé e Príncipe quando da sua libertação de Portugal. O autor relata a experiência, desenvolvida com sua esposa Elza Freire, também educadora, e apresenta os Cadernos de Cultura Popular empregados no país para o estímulo à leitura e à escrita. O texto se divide em duas partes, uma mais geral acerca da experiência de alfabetização e outra voltada especificamente para a descrição dos cadernos.

Ao traçar esse relato reflexivo, o autor lembra que o povo precisa assumir a construção de sua História para evitar ser apenas representado por ela. Quanto mais assume sua própria história, mais o povo percebe, com lucidez, as dificuldades que precisa enfrentar para construir o processo permanente de sua libertação.

Ao apresentar os Cadernos de cultura popular como instrumentos de leitura e escrita o autor demonstra que os textos evoluem de estruturas mais simples para estruturas mais complexas, utilizando vocabulário e expressões típicos do país e de seus trabalhadores e deixando espaços para a reflexão e para a produção escrita.

No processo de aplicação do método de alfabetização em São Tomé e Príncipe ele relata as visitas aos animadores culturais, que atuavam como aplicadores do método e o registro dos sucessos e obstáculos, afirmando a necessidade da avaliação como processo contínuo e permanente. A leitura transparece, portanto, em todos os textos do livro, como ato transformador. Ao ler o mundo e compreendê-lo a partir da palavra, estabelece-se um processo de reflexão acerca da realidade, assim, a leitura se volta novamente sobre o mundo diante da possibilidade de reescrevê-lo e, assim, de transformá-lo.

Nesse sentido, Paulo Freire apresenta a leitura como um processo político, porque crítico. A leitura como crítica da realidade e como um processo associado a práticas de mobilização e organização social, ou seja, como instrumento contra-hegemônico. O livro é, portanto, uma leitura fundamental para todos aqueles que trabalham com alfabetização, com formação do leitor e com experiências de letramento, porque, mesmo antes do desenvolvimento desse conceito, o educador traz à tona a leitura como processo permeado por valores, saberes e práticas sociais.

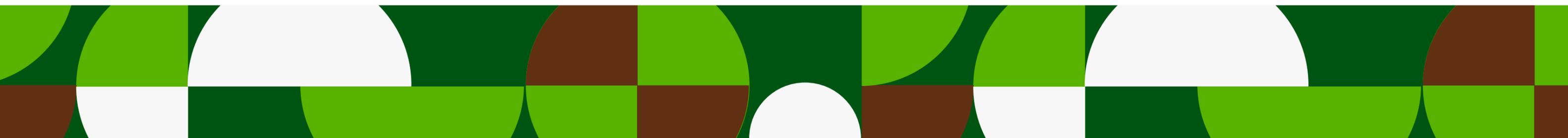
Ilane Ferreira Cavalcanti

Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (PPGEP-IFRN)



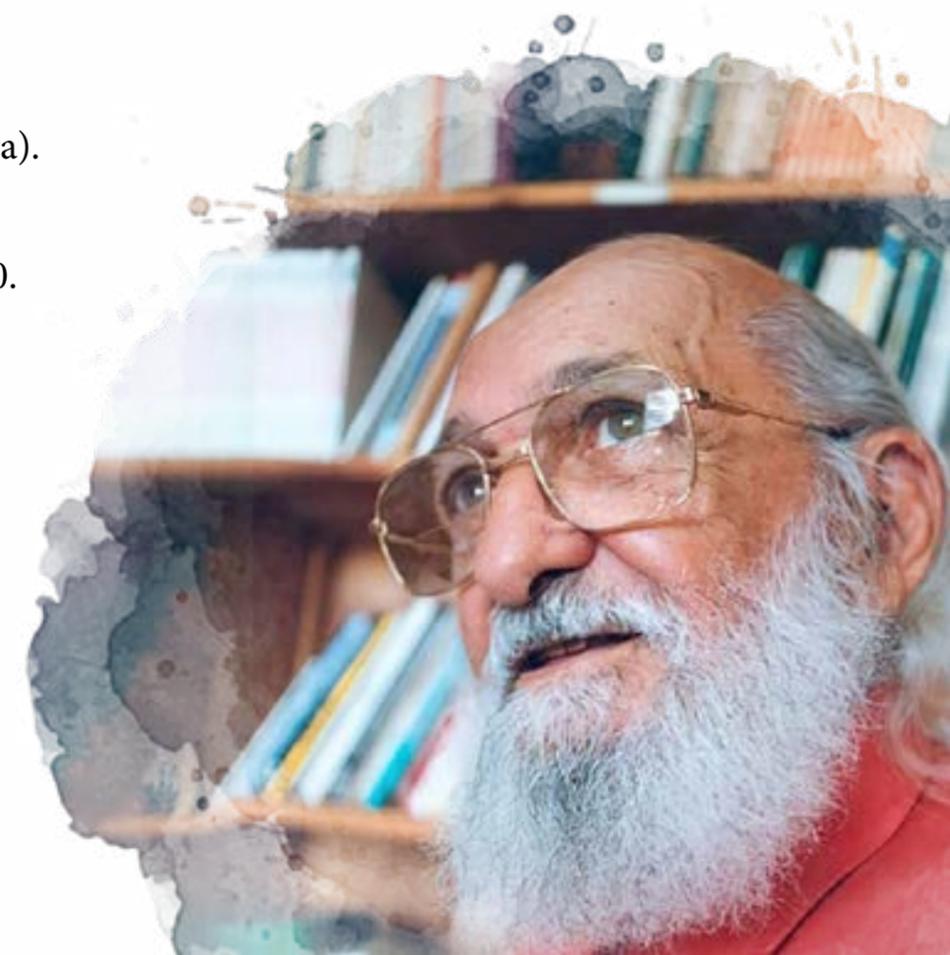
3

PAULO FREIRE,
PRESENTE!



REFERÊNCIAS

- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 1989.
- FREIRE, Paulo. **A propósito de uma administração**. Recife: Imprensa Universitária, 1961.
- FREIRE, Paulo. **À Sombra desta mangueira**. São Paulo: Olho d'Água, 1995.
- FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para Liberdade e Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- FREIRE, Paulo. **Carta de Paulo Freire aos professores**. Estudos avançados, v. 15, n. 42, p. 259-268, 2001.
- FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- FREIRE, Paulo. **Educadores de rua: uma abordagem crítica** – alternativas de atendimento aos meninos de rua. Bogotá: Gente Nueva/UNICEF, 1989. (Série metodológica; 01).
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.
- FREIRE, Paulo. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. Editora Paz e Terra, 2014.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos / Paulo Freire**. – São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.
- FREIRE, Paulo. **Política e Educação**. São Paulo: Cortez, 1993.
- FREIRE, Paulo. **por uma pedagogia da pergunta**. Editora Paz e Terra, 2014.
- FREIRE, Paulo. **Professora sim, Tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho D'Água, 1992.
- GADOTTI, Moacir; FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Pedagogia: diálogo e conflito**. São Paulo: Cortez, 1985.



AGRADECIMENTOS

Agradecemos pela companhia de todos os visitantes e leitores que seguiram conosco até esse momento. Passeamos por muitas memórias e contornamos um belo caminho através da narrativa bibliográfica de Paulo Freire e de como ele tornou-se educador no mundo. Passamos pelas suas obras, contemplando sua escrita da vida para o mundo sob os olhares sensíveis de alguns comentadores, e culminamos com as leituras de mundo que Paulo Freire imprimiu nas leituras da vida de nossos participantes.

Tal feito só foi possível devido à colaboração de todos que enviaram suas fotografias e relatos, bem como aos professores Dra. Andrezza do Nascimento Tavares e Dr. José Mateus Nascimento que se empenharam em divulgar e mobilizar seus alunos para aderirem à coleta de registros da Exposição, a vocês toda nossa gratidão!

Ainda, agradecemos ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional (PPGEP) em disponibilizar espaço no VI Colóquio Nacional e II Colóquio Internacional: a produção do conhecimento em Educação Profissional para divulgação e lançamento da Exposição virtual Leituras de mundo em leituras da vida na Obra de Paulo Freire.

Apesar de chegarmos ao fim, ainda não é hora de cessarmos nossa caminhada, em tempo, convidamos todos a lerem os livros listados em nossas referências, assinalando o compromisso de manter viva a obra de Paulo Freire.

As organizadoras

SOBRE AS ORGANIZADORAS

ANA LÚCIA SARMENTO HENRIQUE

Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. Possui graduação em Letras - Licenciatura Plena com Inglês, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, mestrado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (1996) e doutorado em Educação pela Universidade Complutense de Madrid. Atualmente é Coordenadora do GT 18 da ANPED (educação de Jovens e adultos) e Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional (PPGEP/IFRN).

ILANE FERREIRA CAVALCANTE

Possui Graduação em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, mestrado em Estudos da Linguagem e doutorado em Educação pela mesma universidade. Atualmente é professora de Língua Portuguesa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, atuando no Programa de Pós-graduação em Educação Profissional (PPGEP). É lotada no Campus Educação a Distância. Lidera o grupo de Pesquisa Multirreferencialidade, Educação e Linguagem (GPMEL) desde 2011. Publicou, entre outros, O romance da Besta Fubana: festa, utopia e revolução no interior do Nordeste (2008), Vestígios (2009) - livro de poemas - e Mulheres e Letras (2011).

LARISSA MAIA DE SOUZA

Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (PPGEP/IFRN). Graduada em Gestão Hospitalar, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e Especialista Saúde Pública. Atualmente é membro do grupo de pesquisa Observatório da Diversidade (IFRN/CNPq) que tem como objetivo de agregar, fomentar e divulgar experiências, relacionadas à educação e à diversidade.

LENINA LOPES SOARES SILVA

Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e em Ciências Sociais pela Universidade Luterana do Brasil, é Especialista em Psicopedagogia pela Universidade Potiguar, Mestrado e Doutorado, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Líder do Núcleo de Pesquisa em Educação, Ciência, Tecnologia e Trabalho (Nectra) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Orientação Educacional, Consultoria em Organização de Instituições Educativas e Pesquisa em Educação.

MARTA MARIANE FERREIRA GOMES DE SOUZA

Possui graduação em Gestão Desportiva e de Lazer pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. É especialista em Gestão de Programas e Projetos de Esporte e de Lazer na Escola. Atualmente cursa Mestrado Acadêmico em Educação Profissional (PPGEP-IFRN). É integrante do Grupo de Pesquisa em Lazer, Esporte e Sociedade (GPLES-IFRN) e do Observatório de Políticas Públicas em Educação Profissional (OPPEP-IFRN).

